



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Professora Orientadora: Susana Dobal**

CÉSAR — SEIVA E FOLHAS
retrato de um artista em webdoc

Laura Papa Pereira Nunes

Brasília, DF
2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisuais e Publicidade
Professora Orientadora: Susana Dobal**

Projeto experimental de Graduação

CÉSAR — SEIVA E FOLHAS
retrato de um artista em webdoc

Projeto experimental de graduação apresentado ao Curso de Audiovisual, da Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, como um dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social.

Laura Papa Pereira Nunes

Brasília
2015



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Faculdade de Comunicação

Departamento de Audiovisuais e Publicidade

Trabalho de Conclusão de Curso

Banca Examinadora:

- 1. (Orientadora) Professora Doutora Susana Dobal (FAC/UnB)**
- 2. Professor Doutor Gustavo de Castro (FAC/UnB)**
- 3. Professora Doutora Ana Lúcia de Abreu Gomes (FAC/UnB)**
- 4. (Suplente) Professor Matias Monteiro (FAC/UnB)**

AGRADECIMENTOS

Encontrar César seria impossível caso ele mesmo não quisesse ser encontrado. Por sua existência, por sua trajetória, pelas escolhas e produções; por se manter vivo e querer manter-se de fato, por existir em mim: obrigada, Zé.

Agradeço também a Lilian, minha mãe, pela primeira memória que tornou possível que nos conhecêssemos; por ser combustível tão emocionado durante todo esse processo; pelo amor tão grande; por permitir-se emaranhar a mim e a César. À Stela e Neusa, minhas tias-avós, por terem aberto o coração; por serem mulheres que eu admiro e me inspiram tanto; por permitirem o rio da memória fluir e dividirem lágrimas comigo. E claro, seria completamente impossível realizar esta pesquisa sem Ana Lúcia, minha tia-avó, que depositou uma confiança enorme em mim; que abriu armários, caixas e álbuns; que aguardou dois anos o retorno de um acervo: à quem eu nunca terei palavras para agradecer. Espero ter construído um César para ela também e, que um dia, nos entendamos em nossos silêncios. Devo a ela não só o resultado desse ensaio, bem como a imagem do artista que ela permitiu que eu conhecesse. Sem ela, não existiria um devir para César.

A Susana Dobal, pela apresentação da linguagem dos webdocs. A Rafael Gontijo e André Noronha, que acreditaram comigo no projeto, pelo olhar, pela sensibilidade e pelas contribuições sempre tão válidas.

Aos encontros que seriam apenas acadêmicos ou profissionais, que se tornaram novos aos quais me entrelaçaria para a vida: a Suzzana Magalhães, quem apresentou muitas das referências desse trabalho e quem teve o cuidado e o carinho da revisão deste texto; e a Laila Varaschin, quem se disponibilizou a fotografar o acervo além da minha produção relativa ao projeto para os anexos. Às duas, meu muito obrigada por dividirem comigo seus momentos nos últimos anos e por estarem comigo nos meus; por serem presenças potentes; pelo *viver* e pelo *sentir*; e por simplesmente *buscar*, já que sem busca não tem graça — que possamos ver uma a outra tornar-se azul brilhante. Ao Henrique Vieira, quem transcreveu uma parte do

material em áudio utilizado nesse trabalho. Pelo muito, pelo sempre: obrigada por *ser e estar*, simples.

A Mayara e Ariel, por terem compartilhado sonhos e momentos que guardo com tanto carinho; por inúmeros sorrisos, pelo crescimento, pelas descobertas e pelo muito do que sou hoje. Ao Gords, pelo silêncio denso; pelos detalhes admiráveis; pelo quarto que me cedeu por alguns dias durante as leituras para este projeto. Ao Lucas, pelos mundos sensíveis que dividimos. Ao Dércio, ao Matheus, ao Roberto e ao João, pela abertura à trama e disponibilidade em permitir o César ser faísca no céu de vocês.

A Ana, sempre. Pelo abraço com palavras ou lágrimas, pelo afeto inexplicável que sinto; pelo aceite em minha primeira orientação; pelo exemplo, pelo porto, pela inspiração em tantos aspectos. Pela honra em tê-la encontrado em meu percurso e pela transformação dele por meio de sua presença.

A cada um, meu muito obrigada.

“Vivre, c’est s’obstiner à achever un souvenir.”

René Char.

RESUMO

Este é um ensaio sobre uma narrativa em imagem: a tentativa de um retrato de César Papa, um artista brasileiro cuja produção expoente deu-se nos anos 80. Papa deixou um acervo variado de cartas, fitas cassetes, fotos e registros de seu trabalho, o que possibilitou uma reflexão acerca de sua identidade, sua trajetória enquanto artista, sua vida anterior e sua obra. Esta é, além disso, uma busca afetiva: o encontro de alguém que a autora não conheceu pessoalmente por meio das reminiscências físicas e das memórias de quem de fato conviveu com ele.

Tomando como ponto de partida o acervo e tais questionamentos, e à luz de autores como Didi-Huberman, Benjamin, Warburg, Derrida e Deleuze, propõe-se a construção de não uma biografia, mas a representação rizomática de Papa enquanto existência. Portanto, o texto é não só uma reflexão a respeito de César Papa, mas compreende o processo de criação uma plataforma que compreende narrativas não clássicas e lineares — o webdoc. O projeto, disponível na web, pode ser acessado pelo link: <https://www.cesarseivaefolhas.com/>

PALAVRAS-CHAVE: memória - arquivo - imagem - biografia - identidade - webdoc - narrativa

ABSTRACT

This is an essay about a narrative in pictures: the attempt of a portrait of César Papa, a Brazilian artist whose greatest production was in the 80's. Papa has left an assorted collection of letters, tapes, pictures and photos of his work — which has made possible many thoughts on his identity, his course as an artist, his former life and his artworks. This is, therefore, an affectionate search: the encounter with someone that the author has not personally met and also with the memories of those who actually met him, by not only physic memoirs, but also by the memories of those who met him.

Taking Cesar's collection and these reflections as a starting point, and pursuant to authors as Didi-Huberman, Benjamin, Warburg, Derrida and Deleuze, this project aims not to a biography but to a rhizomatic construction of Papa whereas existence. This way, this text exposes the process of creating a platform which incorporates non classic and linear stories — the webdoc. The project is available on the web at <https://www.cesarseivaefolhas.com/>

KEYWORDS: memory - archive - image - biography - identity - webdoc - narrative - storytelling

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. I dreamt I was a tree [Eu sonhei que era uma árvore].....	17
2. RE: For Dennes About Cesar Papa.....	27
3. Fez-se mar.....	29
4. Laguna Beach, por César.....	31
5. Cartas.....	33
6. Mapa astral.....	34

SUMÁRIO

1. SEMENTE.....	9
1.1 Introdução.....	9
1.2 Quando eu conheci César.....	11
2. GALHOS: à espera da seiva.....	19
2.1 Lilian, minha mãe e sobrinha de César; Stela, minha tia-avó e irmã caçula de César.....	20
2.2 Ana Lúcia, minha tia-avó, uma das irmãs mais velhas de César.....	21
2.3 Neusa, minha tia-avó, uma das irmãs mais velhas de César.....	25
2.4 Dennes, o americano responsável pela ida de César aos Estados Unidos e, acima de tudo, um amigo.....	26
3. O CAULE: de silêncios, tragos e pequenas ficções — o acervo de César.....	28
4. ESBOÇO PARA AS FOLHAS.....	36
4.1 O artigo.....	36
4.2 O webdoc.....	37
5. A SEIVA: relatório do processo, roteiro e produção.....	41
6. AS FOLHAS [ou eu sonhei que era uma árvore] — conclusão.....	51
7. REFERÊNCIAS.....	55
8. APÊNDICE.....	58
9. ANEXOS.....	62

1. SEMENTE: das motivações e da busca por César

1.1 introdução

Este é um trabalho que foi movido, principalmente, por afeto. Um sentimento inefável que não caberia em um parágrafo. Seriam necessárias páginas, palavras e palavras, e claro, muitas imagens. Foi-me pedido uma introdução. E se eu tivesse que introduzir um César, seria mais fácil contar do dia em que o conheci; porque só assim conseguiria explicar as minhas engrenagens e os combustíveis deste trabalho. Mantenho-me no academicismo, em respeito ao bacharelado que pretendo por meio deste texto; no entanto, por considerar que este é um relatório a respeito de um projeto experimental seria um tanto injusto não apenas com o propósito desta memória, mas também com o produto final, o webdoc, se eu não recomendasse ao leitor que vá direto ao item 1.2.

A minha relação com César é uma busca. Não o conheci. César, meu tio-avô, morreu dois anos antes que eu nascesse e só por meio das memórias que uns e outros que conviveram com ele foram revelando foi que eu fiz a minha própria coleção. Algumas dessas memórias são orais, o que me fez sempre procurar durante as reuniões de família o que poderia ser dito para que algo mais fosse revelado a respeito dele. O que havia nesse César, que trajetória tinha sido a sua para tornar sua presença na vida das pessoas um encontro sempre tão bonito? Não havia uma forma escolhida para me contar alguma história, havia intenção, mas o que acontecia com os olhos de quem me contava — algo que me surpreendia e a eles também — me fez ter a certeza que se tratava de alguém intenso, capaz de fazer qualquer faísca reluzir na memória dos outros com a mesma intensidade que a completude de sua própria passagem. Outras memórias são cartas, fitas, objetos que se tornam a presença dele e a representação de um afeto. Tais fragmentos me ajudaram a conhecer um César que buscava o artista dentro de si: relatos do processo de criação de algumas obras, análise crítica de outras, os planos para desenvolvimento de futuras obras.

Ter uma relação que vai além da genética despertou-me o desejo de tornar essa busca, de quem é o Cesar que conheço e poderia conhecer, um objeto de estudo acadêmico. Parti, então, de uma reflexão acerca da memória. Dolorida, silenciada, oculta, leve, tenra, ou a mais carinhosa possível: como guardamos, por que guardamos e por que algumas memórias transformam-se no que são hoje. O que carregamos não diz só sobre o vivido naquele momento, mas sim versa sobre o que vivemos depois — que faz dela mais nítida ou mais distante dentro de nós. Como seria conhecer uma pessoa, o César, apenas por memórias dos outros, tendo em vista a impossibilidade tempo-espaço entre nós? Seria um César próximo ou muito distante daquele que existiu? Conseguiria construir alguém completo apesar de suas lacunas? Assim, sob orientação da professora Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes (FCI/UnB) e vinculado ao projeto *Arquivando Vidas* - ProIC 2012, surgiu um artigo inicial resultado dessas reflexões.

Algumas questões, no entanto, ficaram abertas quando o artigo foi concluído. No momento da definição de meu projeto final, optei por uma monografia na qual eu pudesse aprofundar outras reflexões sobre César. Ainda me restavam as obras, a sua própria noção de memória no momento da produção de seu discurso sobre si, a análise de sua obra por ele mesmo, por exemplo. A professora Dra. Susana Dobal, em nossa primeira reunião, fez-me a proposta de estudar uma linguagem que traduzisse o César para imagens: afinal, o acervo que eu tinha em mãos era não só de palavras, mas de muitas imagens. Minha escolha por uma monografia era, até então, dada pelos limites de se produzir um curta-metragem sobre meu tio-avô. Algo que tivesse início, meio e fim era contra o que tinha afirmado no artigo e acreditava enquanto construção. A busca de César me revelou que a vida não é uma trajetória, não é um percurso reto que leva de um ponto a outro — o que me fez, portanto, negar a biografia e construir um rizoma.

Os webdocs, apresentados a mim por Dobal, foram então uma possibilidade da construção de uma narrativa que estivesse também vinculada ao usuário, de forma que a experiência de um poderia ser sempre diferente da do próximo, tendo em vista a possibilidade da construção de ramificações e encruzilhadas que chegassem a

caminhos e finais diferentes. Seria também uma forma de debruçar-me sobre um material de uma forma mais completa, podendo também acrescentar minhas interpretações sobre ele. Pareceu-me muito interessante a ideia de uma narrativa tão fragmentada e, ao mesmo tempo tão completa sobre César. Valeria o ensaio, como parte do percurso de uma busca de um César menos palavra e mais imagem.

Atrai-se então, a esta memória, o webdoc *César — seiva e folhas*, resultado dessa pesquisa de transformação de linguagens sobre meu tio-avô, tendo como ponto de partida as minhas reflexões anteriores bem como o acervo que consegui recolher com minha família. Para contar desse processo, o texto constitui-se, primeiro, da minha visão de César: múltipla, ramificada, rizomática. Em seguida, utilizei-me de autores como Walter Benjamin, Derrida, Artières e Orlandi para versar sobre as memórias que me contaram sobre meu tio-avô, o que contribuiu para minha reflexão a respeito do material produzido por ele mesmo. Assim, à luz de Kandinsky e Ricoeur, consegui traçar caminhos possíveis para a escrita, a fala, a produção de César; consegui, do mesmo modo, compreender um pouco mais da busca do artista dentro de si, assim como traçar possíveis realidades imaginárias entre mim e ele. Esses suportes e reflexões, somados aos meus estudos sobre a linguagem dos webdocs e referências como Didi-Huberman, Warburg, Chris Marker e Jonas Mekas, foram o início de um roteiro para a produção do produto. O relatório do processo de produção, da construção do roteiro à escolha dos botões de navegação, da palavra à imagem, fecha esta memória, mas tem sua continuidade no mundo, na rede, nos tantos que já conheceram César e naqueles que virão a conhecê-lo por meio do webdoc.

1.2 sobre quando conheci César

“Busque então a planta que, nesta direção, encontra-se o mais afastado da tua. Todas aquelas que crescem entre estas duas são para ti.”

Gilles Deleuze e Félix Guattari

Eu não precisei chegar ao topo dos armários nem ao fundo dos baús para encontrá-lo. Na verdade, eu não sei ao certo quando ouvi a primeira história. No entanto, lembro-me que quando era pequena, vi um dos primeiros quadros dos

tantos que reconheceria dentro da sua obra. Eu vivia na garagem de casa, onde havia caixas e caixas de papelão cuidadosamente encapadas e etiquetadas: fauvismo, cubismo, renascimento — era também o ateliê da minha mãe. Recortes, livros, alguns cavaletes, tintas e muitos materiais de pintura. Além de revirar — já consciente de que a bagunça deveria ter um mínimo de ordem — as latas de tinta, aprender algumas técnicas e não tocar no tiner nem nos lápis aquarela do Zé, costumava também passear entre as caixas pardas. Espalhava os recortes, decorava as legendas, nomes e movimentos artísticos. Foi quando vi Guernica pela primeira vez e descobri que poderia encontrar provérbios dentro do trabalho de Bruegel, por exemplo. Naquela época, seu nome já circulava sem que eu me desse conta de quem era: ou quando eu pintava com alguns lápis importados, ou quando sentava ao pé da radiola para acompanhar as letras dos Beatles enquanto o vinil tocava.

Com o passar do tempo, fui fazendo a minha própria coleção de memórias dele, a partir das dos outros. Uma história sobre como se vestia, outra sobre o tempo que morou fora, do envolvimento artístico que tinha antes de devir pintor, dos seus amores, da sua morte. E então, a pulsão por entender quem era esse Zé, que estava nos retratos tímidos das beiradas das salas, nos limites entre o íntimo e o ambiente de destaque para uma foto de alguém querido; que estava nos delicados e tão precisos traços dos imensos quadros a lápis de cor, que ocupam as principais paredes das casas de meus familiares; nas histórias que são tão difíceis de serem contadas porque talvez o Zé domine mais a emoção e a faça maior que a saudade — eu tive que adentrar não só os armários, bem como os interiores mais estimados e ocultos em cada um que tem dentro de si um César.

A respeito dele, não existiam livros, artigos, reportagens, entrevistas ou documentários. É mais simples conhecer alguém e refletir sobre o seu caminho à luz de um suporte já construído. Entretanto, quando o que existe são apenas alguns registros de um recorte de uma trajetória, reconstruir ou conhecer qualquer um é quase que uma colcha de retalhos.

Assim foi com César. Entre mim e ele, algo muito além da genealogia. Um afeto, um dever. Uma constelação a ser interpretada no meu céu. Um encontro de uma tradução em imagem; e uma tentativa de entender as razões dessas linhas que são traçadas entre nós dois: dois pontos que nunca estiveram num mesmo espaço ou tempo. Entre nós, dois anos entre morte e vida. Entre nós, as memórias dos outros, os silêncios repletos de significado, as cicatrizes do que é difícil falar, o cheiro de mofo da poeira de 20 anos. Entre nós, a impressão de um César no que me contam, e a minha tentativa de encontrar os sulcos dessa matriz — para chegar ao que permanece vivo dentro do guardado e durante muito tempo intocado. Para preencher essa lacuna entre mim e ele, outros pontos para encurtar tais linhas. Outras linhas para extrapolar o tempo. Outros pontos de partida, para estreitar as lacunas. Aquelas caixas lá em cima armazenariam muito além da voz do outro sobre César. Entre nós, somente o tempo e o espaço; porque encontrei também seu discurso sobre viver e permanecer vivo por meio dos objetos que ficam quando o corpo se vai.

Nascido Jose Cezar Santiago "PAPA" no Brasil, em 18 de maio de 1953, filho de imigrantes italianos. PAPA, um talento artístico nato, começou a desenhar ainda criança, sem orientação artística formal. Começou a expandir seus conhecimentos por meio de técnicas autodidatas e participou de algumas exposições pequenas. O primeiro prêmio do qual participou foi o Salão Naval de Belas Artes - Exposição Riachuelo, patrocinada pelo Ministério da Marinha, em Brasília, em 1982. Nessa ocasião, foi contemplado com o Prêmio de Aquisição, pelo qual três de seus trabalhos foram comprados para o acervo permanente da Marinha. O estilo de PAPA faz referência ao *expressionismo moderno*, no qual ele desenvolveu o tema de mulheres de uma era medieval romântica indeterminada. Este foi o estilo ao qual se ateu nos cinco anos seguintes. No mesmo ano, em novembro, PAPA expôs na Universidade de Brasília e recebeu uma Menção Honrosa pela segunda série de suas *mulheres*. Em virtude de seu conhecimento e do fato de dois de seus trabalhos integrarem duas coleções permanentes, a Embaixada da Holanda o convidou para exibir seus trabalhos em Mouscron, na Bélgica, no Festival Internacional de Artes Gráficas. No ano seguinte, em junho de 1983, PAPA foi convidado novamente a participar da Exposição Riachuelo. Desta vez, foi premiado com a Medalha de Bronze pela excelência de seu trabalho. A primeira exposição individual de PAPA foi patrocinada pela Fundação Cultural do Distrito Federal, em junho de 1984. Ao final da exposição, um de seus quadros foi destinado ao acervo permanente do Museu de Brasília. Os dois anos seguintes foram dedicados à finalização de seus estudos em Educação Artística na Universidade Dulcina de Moraes. Durante esse período, apesar de não ter feito exposições públicas, continuou no desenvolvimento da série *mulheres*. As *mulheres* de PAPA tiveram início com inspirações do livro *Decamerão*, de Bocaccio, um romance medieval

do qual desenvolveu personagens que talvez tenham existido. Estas *mulheres* começaram como estóicas, inflexíveis, congeladas na vida; se tornaram cada vez mais expressivas e acabaram como mulheres belas, sábias de experiência e satisfeitas para compreender a vida.

Em 1986, PAPA mudou-se para os Estados Unidos em busca de uma nova vida e de um novo tema para explorar. De acordo com o seu conceito de "América industrial", seu trabalho se tornou imediatamente diferente, mais largo que a vida e, pela primeira vez, repleto de cores vivas e cheias de energia. Os trabalhos atuais de PAPA exploram formas facilmente identificáveis na natureza, que carregam cores para expressar uma opinião sobre a América moderna. As telas são grandes, gráficas, movidas por momentos íntimos de natureza e uma fascinação recorrente pelos ondulantes caules, folhas e flores, que contribuem para a intensidade de seu trabalho atual.¹

Não cheguei ao fim desta pequena biografia, escrita pelo próprio Zé. Não me lembro se minha mãe ou minha tia-avó, mas alguém virou a página antes que eu terminasse a leitura. Até então, ele era o Zé — tratado sempre assim pela família. Quando me levaram na casa de meu tio-avô, onde seu portfolio ficara guardado por vinte anos, eu acreditava que conheceria mais do Zé. Na verdade, não. Eu entenderia que tudo que me havia sido contado sobre o Zé, que aprendeu inglês sozinho, que escrevia para as rádios inglesas e vibrava com as respostas que continham fotos autografadas dos Beatles; que passava horas deitado em cima dos armários colando recortes de revistas no teto para decorar o quarto; que tinha pintado as portas da casa em que morou em Patrocínio; que tinha levado minha mãe à festa onde beberia o primeiro porre; que fez um empréstimo numa casa de crédito pessoal para levar as primas mais novas para jantar ao recebê-las em sua nova cidade; que havia largado a vida e o emprego estável no Brasil para ser artista em um novo país; que imitava, que contava piadas e que matava todo mundo de rir onde estivesse presente — que todas essas histórias diziam respeito somente a uma parte de uma vida muito maior. Eu conheceria também, naquele fichário que repousava no meu colo, o César. Estava prestes a conhecer o sentido de arvorecer.

I

Antes que pudesse compreender, tropecei na página virada que traria o primeiro quadro. Poderia contar inúmeras vezes, sem cansaço, o que foi ver o quadro que abria seu portfolio e também o último (que se tem registro) produzido antes de sua

¹ PAPA, César. [release integrante do] portfolio. 1988.

morte: “E antes de desfrutarmos de suas belas imagens, elas devem ser como flechas que nos atingem os olhos”.² O primeiro e rápido olhar, a luz do trovão que rasgou o céu, fez-me entender os porquês das pausas e embargos de cada um que já havia me contado qualquer coisa dele. Entendi os olhos marejados e a dificuldade de suportar o turbilhão que é ver o rio das memórias que andava seco se encher incontrolavelmente e transbordar em água por meio das lembranças. Em seguida, cada novo detalhe ou cor que fui aos poucos identificando, fez-me perceber que sua vida compreendia outras marés e outros cursos. Que talvez houvesse também um sem fim de “azuis dramáticos, vermelhos hemorrágicos, amarelos extasiantes, verdes trágicos”³ que não aparecem à primeira vista, que aguardavam, “para em seguida ressoar cada vez mais, com uma força crescente e ‘angustiante’”.⁴ Cada folha, flor, pássaro, forma, tom ou personagem poderia representar um fragmento de sua vida, ou ser apenas a manifestação de um sentimento ou desejo que lhe encheu o peito e encontrou tal tradução enquanto imagem. Ao perceber a totalidade de um quadro ser atingida por recortes de fotografias devido à sua grande proporção, quase como por um quebra-cabeças, encontrei de repente uma infinidade de possibilidades, registros e ficções para um César. Aceitei o seu convite — não sei se saltei daquele fundo preto como os caules que encontraram seus contornos, ou se adentrei como um dos personagens, para mergulhar no negro lentamente. Quando dei por mim, já estava emaranhada não só pela raiz familiar, mas pelo desejo de mergulhar no sonho de ser árvore.

II

Ao cabo de 30 ou 50 anos, daria conta das armadilhas montadas pela minha memória, já tão congestionada e gasta — não saberia o quanto do que conto vivi, vi em retratos ou contaram para mim. Histórias nítidas se tornariam borradas e cada vez mais distantes de acessar. Não saberia mais como fui da beira do mar para o alto do prédio ou do que estive entre a minha viagem e o último quadro que pintei.

² LISSOVSKY, Maurício. “A memória e as condições poéticas do esquecimento”. In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. Disponível em http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/mlissofsky_2.pdf. Acesso em 5 de novembro de 2015, p. 1.

³ PAPA, César. [Correspondência em carta 1]. Laguna Beach: 19 de fevereiro de 1987.

⁴ KANDINSKY, Wassily. *Olhar sobre o passado*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 83.

Recontar o que vivi seria então, como se tivesse acabado de acordar de um sonho e tentasse encontrar os detalhes nas imagens que restaram e que, com esforço, tento manter comigo. Eu sonhei que era uma árvore. Dentro de mim, uma floresta: árvores longas e simetricamente dispostas, que cortam a horizontalidade do quadro com seus troncos que formam linhas quase que perpendiculares. Não é possível mensurar sua altura nem onde começam — não há copas visíveis, não se consegue dizer quais galhos pertencem a cada árvore, nem se as folhas de cada uma delas é uniforme para o tronco inteiro. Há flores, muitas flores: de muitas espécies daqui e talvez de outros mundos, que brotam em cima, na frente, aos lados e em todos os cantos. A arara é evidente na parte central esquerda, mas há muitos pássaros se você prestar atenção nos detalhes. A mata é fechada, mas sua linha de frente é formada não só por animais: personagens guardam sua entrada. No canto esquerdo, onde o desenho começa a crescer, a banhista, de Ingres, abre tímida a homenagem. Em seguida, uma senhora vestida para um safari, com uma rolleiflex em punho, documenta o sonho e o espectador diante do quadro. Ao lado, mais ao fundo, um personagem de Rembrandt acaricia um veado; acima, entre flores e pássaros, nas sombras, surge um macaco; uma onça observa o que acontece à direita, em cima de um galho; acima dela, uma girafa alonga seus traços para emoldurar o que vem a seguir. Uma mulher, de frente, estica-se para encontrar sua mão na mão de um homem que quase dança pela fúidez do movimento — os seus braços traçam uma diagonal que conduz o olhar para, na sequência, encontrar mais um personagem de Rembrandt, um furão, um cervo e o fim num elefante. Num pequeno amontoado de folhas e mais flores, no canto direito, ainda é possível encontrar a leiteira, de Vermeer; um leão descansa, em sua descrição imponente; e há mais Rembrandts: um nos encara, o outro indica que a floresta não acaba no fim do quadro.

As telas são imensas, o que à vezes me toma 2, 3 semanas ou mais em cima de um mesmo trabalho. Enquanto tou fazendo um desenho o pensamento tá rodando em cima de outros, entendeu? Aí é uma loucura, porque sempre tem um caderno aqui com mil sketches, com mil estudos que eu vou fazendo à medida que vem na cabeça, e cada um desses estudos que eu tenho que estudar pra ver que resultado vai ter em cima, pra ver depois e transmitir pra tela. É meio doido... É um parto. Acho que é a melhor palavra pra comparar - isso é um parto, porque você tem o período da espera, o período da preparação e quando

vem, vem que vem, entendeu? Não tem essa de correr da reta, não. Aí é uma loucura.⁵

Encontraria aqui, na floresta, os fragmentos que remeteriam à sua obra, num todo; aquilo que consegui manter do sonho quando acordei, o que a memória permite que eu acesse daqui do presente: as mulheres, na moça nua e em algumas flores que já haviam sido estampas dos adornos que algumas delas usaram em outros quadros; as flores de outros mundos, cujo resultado traria além da gratificação o susto positivo;⁶ os hibiscos, os macro-detallhes quase abstratos que tenho certeza que encontraria se examinasse sua obra com um microscópio; os tons fortíssimos que teriam sua expressão nos acrílicos sobre tela; as muitas referências às obras de mestres que permeariam a última fase de seu trabalho.

“Mas a relação da linguagem com a pintura é uma relação infinita. Não que a palavra seja imperfeita e esteja, em face do visível, num déficit que em vão se esforçaria por recuperar. São irreduzíveis uma ao outro: por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (...) É, talvez, por intermédio dessa linguagem nebulosa, anônima, sempre meticulosa e repetitiva, porque demasiado ampla, que a pintura, pouco a pouco, acenderá suas luzes.”⁷

Encontraria no sonho de uma árvore mundo mais que um quadro: o César azul em seu oceano profundo, coberto pelo véu de Netuno;⁸ um César completamente revelado pela criação; a razão para buscar o César dentro de tudo que decidi recolher; o anseio por fazer de seu relâmpago em meu céu um clarão cada vez maior; na floresta, um significado para arvorecer; nas folhas, a seiva e combustível que decidiria carregar no peito.

Figura 1: I dreamt I was a tree

⁵ PAPA, César. [Correspondência em cassete 1], loc. cit.

⁶ PAPA, César. [Correspondência em carta 2]. Laguna Beach: 9 de junho de 1987.

⁷ FOUCAULT, Michel. “Las Meninas”. In: _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 12.

⁸ “Eu dizia pra você outro dia na tua casa que as pessoas terão sempre dificuldade de te reconhecer, é uma relação com o mundo, com o outro, que é uma relação de atração imediata ou não é de atração imediata, quer dizer: eu gosto ou não gosto. Quer dizer, você também tem uma atitude muito passional com relação àquilo que você vive e faz e uma relação de mistério, por que uma relação de mistério? Porque onde tem Netuno, a gente tem um véu, a gente tem o nosso oceano profundo.” PAPA, César. Progressão 1991 - o brilho de saturno: Carta astral de César. Rio de Janeiro: 1984. 1 cassete sonoro.



Fonte: Portfolio de César Papa (1988)

César, meu tio-avô, sexto de sete irmãos. Passou parte da infância e da adolescência em Patrocínio, Minas Gerais, um período que a família não consegue precisar as datas — quando já firmava seu gosto e aptidão pelas artes em geral. Após um breve período em Belo Horizonte, passa a morar em Brasília, no final da década de 70. Integra então, a primeira turma de Artes Plásticas na recém inaugurada Faculdade Dulcina de Moraes, em 1982. Nos anos seguintes, participa de exposições e salões e inicia a série “Mulheres”, a qual desenvolveria durante muito tempo, cujo último trabalho data de 1987. Em 1985 é contratado pelo MOBREAL, hoje Ministério da Educação, e muda-se para o Rio de Janeiro. Lá conhece Dennes Lee, um americano em viagem pelo Brasil, que lhe propõe tentar uma vida nos Estados Unidos dedicada às artes. Em 1986, César vai para Laguna Beach, Califórnia, em busca de reconhecimento e crescimento artístico. Os dois próximos anos seriam de vasta produção não integralmente registrada e exposições coletivas e individuais. O processo é interrompido em 1989, quando descobre a AIDS e decide por um retorno ao Brasil. César falece em 1991, em Brasília.

2. GALHOS: o caminho até as folhas

“Nunca podemos recuperar totalmente o que foi esquecido. E talvez seja bom assim. O choque do resgate do passado seria tão destrutivo que, no exato momento, forçosamente deixaríamos de compreender nossa saudade. Mas é por isso que a compreendemos, e tanto melhor, quanto mais profundamente jaz em nós o esquecido (...), [que] nos parece pesado por causa de toda a vida vivida que nos reserva. Talvez o que o faça tão carregado e prenhe não seja outra coisa que o vestígio de hábitos perdidos, nos quais já não nos poderíamos encontrar. Talvez seja a mistura com a poeira de nossas moradas demolidas o segredo que o faz sobreviver.”

Walter Benjamin

Preenchi a lacuna dos galhos antes mesmo do caule. Estavam mais perto de mim as pessoas que seu acervo. Assim, recolhi as reminiscências dos interiores que eram interseções entre mim e ele. A minha coleção de pessoas e memórias sobre César. Convidei-me a habitar e, como Benjamin encontrou o rastro da alma no rastro das coisas,⁹ propus um encontro do rastro César no rastro das pessoas que encontrei: “viver dentro dos *intérieurs* era como ter se enredado em uma teia de aranha espessa, urdida por nós mesmos, na qual os acontecimentos do mundo ficam suspensos.”¹⁰ Cada encontro em cada reunião familiar precedia uma pergunta: onde estariam os rastros? O que deveria acontecer nesse presente para que eu e César nos encontrássemos através das memórias dos outros? Que falas, fotos ou memórias despertariam uma nova lembrança? César, unidade que hoje se faz viva em estilhaços dentro de outros. Era necessário agora, distinguir as pedras preciosas da memória na rocha indistinta do passado.¹¹ Procedi, então, à escavação.

Diferente das redes de comunicação, por exemplo, os fios de uma teia de aranha não conectam pontos ou ligam coisas. Eles são tecidos a partir de materiais exsudados pelo corpo da aranha, e são dispostos segundo seus movimentos. Nesse sentido, eles são extensões do próprio ser da aranha à medida que ela vai trilhando o ambiente. Eles são as linhas ao longo das quais a aranha vive, e conduzem sua percepção e ação no mundo.¹²

⁹ BENJAMIN, Walter. “O intérieur, o rastro.” In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 1ª reimpressão.

¹⁰ Idem.

¹¹ LISSOVSKY, loc. cit., 2005.

¹² INGOLD, Tim. “Trazendo as coisas de volta à vida – emaranhados criativos num mundo de materiais.” In: Revista *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 18, n. 37, jan/jun 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

Procuraria, então, nos outros, as extensões de César. As linhas que o mantêm vivo por meio deles.

2.1 Lilian, minha mãe e sobrinha de César; Stela, minha tia-avó e irmã caçula de César

Minha avó, Hilda, é uma das mais velhas dos irmãos. Casou-se muito cedo, e sua mãe, minha bisavó, continuou tendo filhos — o que fez a diferença entre minha mãe, Stela e César não chegar a mais de três anos entre eles.

Próximos de idade. Afinidades de pensamento, de gostos, de vida. A arte permeia-os. César era mais velho. Antes era espelho, agora é admirado pelo que um dia viveu. Dão-me alguns nomes, poucas datas. Recordam um pouco mais de uma juventude um dia compartilhada. Defendem o reconhecimento como artista, abraçam e apoiam a escrita. Falam com facilidade. O gravador é permitido.

Elas são partes da vida dele, parte do que escrevo. Dizem que “a gente pode fazer”, em vez de “você pode”. São engrenagens, substância, as subjetividades que trazem mais fios para que eu teça e potência para que busque outros mais.

Lilian me trouxe os primeiros. Mostrou-me na garagem-ateliê uma análise de *Provérbios Flamencos*. Deu-me um livro do Bruegel, tirou do armário uma caixa de lápis de cor importados, contou-me a primeira história do César, disse ainda que gostaríamos de ter conhecido um ao outro; foi a primeira que vi se emocionar ao falar dele e também a primeira que vi marejar quando me viu encantada com o portfolio em meu colo. Mais tarde diria que faço o que ela sempre quis fazer. Contaria do César galã que balançava o salão de beleza onde ela trabalhava. Que abria as portas dos armários e roubava suas roupas, que procurava nos fundos das lojas de tecidos a estampa certa para a roupa que costuraria. Que lhe dera o primeiro porre e o primeiro elogio a respeito de um desenho. O César, que reformara seu quarto, colando fotos no teto. Que ela visitara no Rio e que em breve iria para a Califórnia. Contaria que guardou durante anos álbuns, caixas de aquarela, fitas e algumas fotos; e no silêncio, diria também que guarda hoje a dificuldade em contar

que um belo dia chegou em casa e haviam levado grande parte de seu pequeno acervo. Contaria do César que voltou tão artista e que lhe daria aulas, projetando slides do seu próprio trabalho. O César-referência, inspiração.

Apesar de não sentir-se confortável ouvindo a sua própria voz, é uma das vozes que compõe os fragmentos do produto. E, desse primeiro César dentro de mim, eu partiria para encontrar os outros.

Stela me espera com uma pilha de álbuns antigos. Conheço o César menino, que vestia a irmã de baiana para surpreender as outras quando elas chegassem do trabalho no fim da tarde. O César aspirante, que achando a casa feia, reveste os portais com colagens de personagens da época. Que lança moda, vestindo boca de sino quando a tendência entre os homens era calça reta. O César que adorava carnavais. Que mostrou a elas Beatles, que sentava toda noite para ouvir o Big Boy. Que escrevia para as rádios, para o mundo, até receber uma foto autografada do McCartney. O César que fazia seus próprios álbuns. Que não só escrevia, mas gravava cartas, que se preocupava com datas, com o registro, com a trajetória. O César-amigo, o César-irmão. Com ela, assistiria a primeira imagem do César em movimento — o VHS que ele gravou enquanto estava nos Estados Unidos, e veria, em muitos monóculos, o César dançarino, aquele que se vestiu de palhaço para o carnaval de 69. Além das muitas fotos e das suas memórias, Stela também seria a primeira a me apresentar um outro César: um pacote com o César nas cartas.

2.2 Ana Lúcia, minha tia-avó, uma das irmãs mais velhas de César

É complicado traçar qualquer linha a respeito de memórias tão doloridas e difíceis de se tornarem verbo: Ana Lúcia é a guardiã de memórias a quem, antes de tudo, devo agradecer por abrir um acervo. Para ela, César não é apenas um irmão, é filho; é o companheiro de uma vida que começou em outro país, que foi um porto e configura sua maior admiração; é aquele com o qual ela abraçou o silêncio da AIDS durante dois anos antes do retorno ao Brasil, é a perda que simboliza sua maior dor.

Eram doze os quadros do César; e perto de vinte e cinco quadros dentro desses doze. Consegui encontrar dentro da obra de César quadros de Rembrandt, Vermeer, Bruegel, Ingres, Dali; sobretudo personagens, mas também estruturas e cenários. Lembro-me o dia em que apresentei para ela. Não há talvez vínculos maiores, linhas mais espessas que entre os dois. Que ligam, que encobrem. Ela me disse sim; e se dissesse não, restava-me nada além de respeito. Guardiã de memórias. Zela, preserva, emociona-se ao falar, ao ouvir. Lembrar é pungente. No entanto, esquecer não faz jus ao César, ela sabe. Mas resiste no contar. Talvez porque todo narrar seja esquecimento, seja se por à prova desse esquecimento primeiro, que precede, funda e arruína toda a memória.¹³

Mas ela é a memória, é eixo de sentido. E talvez seja um dos únicos vestígios de um acontecimento, uma lacuna no que tento construir. Memória no corpo, inserção física no universo material; se não fala, e se um dia se vai, o registro se perde.

Ela procura manter unicidade, aquele sentido seu — e apenas seu, que só é sentido porque sempre esteve silencioso. Mas o “um” não existe mais, nunca existiu. Já disse Derrida: “memórias fiéis e singulares devem ser entregues a fantasmas”.¹⁴ Como se o silêncio pudesse manter a integridade de uma memória. Na verdade, o único lugar onde isso pode fazer sentido é dentro de si, no imaginário mudo que cada um guarda sem que o outro tenha conhecimento.

O não-dizer não significa arremate. Ao contrário, compreende a errância dos sentidos, a incompletude. Faz espaço para os possíveis, para as novas significações. A própria censura não é ponto final, mas ponto de fuga, de partida: a força corrosiva do silêncio faz significar em outros lugares que não os determinados. Porque sentido também tem seus descaminhos — e seu movimento.

¹³ BLANCHOT apud GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Não contar mais?” In: _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 35-72.

¹⁴ DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

De toda forma, não se contorna a mudez facilmente: é preciso lidar com o seu silêncio. Incomum, dosado. Conta poucos fatos, cita alguns nomes. Mas com Ana Lúcia não se deve marcar horário, ela não senta uma tarde e fala sem parar. Deve-se conversar como quem dá notícias de um parente distante, e esperar nada mais que uma história, uma lembrança. Dentro em pouco ela dirá que precisa ver os pães de queijo — é o sinal de que não mais por hoje.

Quando fitou-me e disse que sim, vi também a dificuldade em transpor uma barreira dolorida que havia erguido tão cuidadosamente durante anos e que esperava jamais transpassar novamente. Disse-me que se ele não foi reconhecido quando vivo, não faria sentido agora.

“A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (*en mal d’archive*). Escutando o idioma francês e nele, o atributo ‘*en mal de*’, estar *com mal de arquivo*, pode significar outra coisa que não sofrer de um mal, de uma perturbação ou disso que o nome ‘mal’ poderia nomear. É arder de paixão. É não ter sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. É correr atrás dele ali onde, mesmo se há bastante, alguma coisa nele se anarquiva.”¹⁵

No entanto, e até hoje não compreendo bem o porquê de suas razões, abriu os armários para mim: fotos, cartas, portfolio, postais, fitas, cartas astrais — a produção de César, seu próprio registro, entregou em minhas mãos. Abriu as portas físicas, entregou objetos. No interior, não consegui adentrar muito. Tentei buscar nela o César que talvez tenha dividido as descobertas, os livros e discos; ou apenas uma visão de quem observou de perto a produção de um trabalho.

Diz que dos quadros dentro dos quadros já sabia. Que podia lembrar-se de César dizendo que havia pintado Ingres, Vermeer, Bruegel. Mas anos depois não lembrava mais os nomes, nem os porquês daqueles quadros ali dentro. Tinha dúvidas de ser errado, de ser cópia. Mas eu lhe disse – muitos já fizeram como ele. Ela lembra também dos livros de botânica, dos quadros cada vez maiores, das tintas espalhadas na garagem. Da dificuldade para limpá-las e da tentativa, então, do lápis de cor. E assim, as tardes observando-o desenhar, as tantas outras apontando seus

¹⁵ DERRIDA, loc. cit., p. 118.

lápiz cujas pontas acabavam rápido demais, da ajuda a colorir quando ele tinha dificuldade a fazê-lo. Do retorno ao Brasil, conta pouco. Lembra das tentativas de contar sobre a AIDS, da volta com caixas de coquetel e a dificuldade com os médicos. Lembra-se também das visitas que os meninos faziam a César, já prontos antes das apresentações na escola, da vontade de mostrar os slides de seus trabalhos... E então volta no tempo. A primeira exposição individual na Califórnia e – abre a porta do armário: a camisa que ele usava e um dia havia lhe presenteado. Lembra das fitas que gravavam juntos e mandavam para o Brasil durante os dois anos que ela viveu com ele nos Estados Unidos. Da paixão dele pelas crianças da família, na facilidade em conversar sobre infinitos assuntos. Lembra de quando ele morou no Rio, de suas idas, da astrologia, dos mapas. O César que é para ela o mesmo que para as irmãs mais velhas, um irmão e, ao mesmo tempo, um filho. Ela lembra também das mulheres que pintava, dos detalhes e estampas tão mínimos e tão perfeitos, do preto e branco que passou aos tons densos.

E logo, o preto e branco dela própria também se transforma para mim em colorido. Com os outros, não comigo, tenta estabelecer relações e encontrar as razões das minhas perguntas, do meu interesse. E, aos poucos, o conforto no falar cresce. Confia um pouco mais. Autoriza algumas aspas, um quadro no fim do texto. Conta o antes censurado, entrega o objeto íntimo. Amanhã conta duas histórias; no dia seguinte, três. Logo, virá ela mesma perguntar sobre.

Nos olhos entendi que o amor é tão profundo e denso que silencia; que aquele rio referente ao César e cada pequeno afluente que pode desembocar nele tinha sido cuidadosamente drenado durante vinte anos, e que qualquer palavra ou até mesmo pensamento poderia trazer à tona uma vazão de água devastadora. Eu também teria medo. Manter-se no silêncio é uma escolha de manter-se no sentido.¹⁶ A opção pelo silêncio trouxe, então, a significação a outros lugares — uma mudança de caminho no sentido. Os motivos para o recalque desse arquivo trouxeram ao não-dito o

¹⁶ ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

implícito. Além da lacuna que havia antes, um espaço abriu-se paralelamente para o sentido.

Ao longo dos dois anos de minha pesquisa, alguns silêncios seus tornaram-se longos fôlegos de uma respiração. Sem a necessidade de perguntar ou trazer à tona qualquer memória, tornei-me eu mesma o ponto no presente que perpassa o cone de Ana Lúcia: minha presença era o bastante para despertar o desejo de fala, mas o meu interesse, um freio para a continuação. Assim, trocamos os papéis — tornei-me silêncio atento, uma maneira do rio correr, ainda que rigorosamente controlado por ela. Encontrei uma mulher que atravessou a fronteira na busca de uma vida com o irmão em um país diferente, e que encarou o mesmo país por mais quinze anos após a morte dele. Descobri a dor não só pela impossibilidade de trazer a produção inteira de seu irmão, como pelas tentativas sem sucesso de fazê-lo. Encontrei as memórias de quando cozinham juntos e gravavam fitas para família, da felicidade dela em estar com ele, da diversão em vê-lo inventar histórias e chamá-la de louca. A dor pela saudade dos vínculos que criou lá e dos grandes silêncios que encontra na busca por um contato. A tentativa por controlar os fins de uma leitura sobre César, por preservar um limite ao reconhecimento público. O amor imensurável e sem fim, capaz de engolir qualquer palavra.

2.3 Neusa, minha tia-avó, uma das irmãs mais velhas de César

Quando entrei na sua casa, dirigi-me ao “quartinho da bagunça”, empulerei-me na escada para alcançar as caixas de papelão que, como o rótulo dizia, um dia já haviam armazenado goiabas. Encontrei lá as fotos do casamento da sua filha em um álbum especial; nos demais, fotos que lhe foram dispostas sem qualquer organização. Além dos álbuns, consegui dispor ao longo da bancada da cozinha pilhas e pilhas de fotos de família, de épocas e lugares indeterminados. Ao final de algumas horas, tinha em mãos um grande acervo das imagens relacionadas a César, tanto nos Estados Unidos como no Brasil.

Do corte final da fita VHS ao café na mesa da cozinha de Neusa — ela me contaria ali sobre a primeira ligação de César que informaria sobre a volta ao Brasil. Eu

entenderia que ele fazia parte de um contexto muito maior, que envolvia a descoberta de uma nova doença em plena modernidade e todos os tabus, censuras e ignorâncias que o assunto trazia consigo. Um medo, uma sombra, um pensamento constante na morte e nos preconceitos das pessoas, que fez a ligação contar primeiro de um tumor no cérebro, para depois revelar os fatos: era AIDS, e ele chegaria no Brasil em menos de um mês. Ela me contaria também da busca da família por entender mais da doença, e que os filhos do vizinho seriam proibidos de brincar com os seus, porque a família recebia alguém na casa que tinha AIDS. Os hospitais particulares o recusariam, por não saber lidar com a doença; os profissionais do hospital público o ouviriam dizer como proceder em alguns casos médicos e ele explicaria sobre as caixas de AZT. César pedia que sua morte fosse tranquila e pela manhã — e assim foi. Neusa contaria que foi algo bonito: com uma fita tocando, conforme tinha pedido, e muitos em volta dele. Sua maneira de lembrar me faria refletir sobre o processo ao lidar com as memórias, sobre as questões do silêncio dos outros e dos verbos tão carregados de saudade. Do estilhaço afiado que rasga ao menor movimento ao pedaço lapidado que flui quando passa — um César para cada interior que explorei. Ouviria, quando saísse de sua casa, que ela achava um tanto engraçada essa minha busca por alguém que não conheci.

2.4 Dennes, o americano responsável pela ida de César aos Estados Unidos e, acima de tudo, um amigo

César, à esquerda, sentado em uma cadeira de praia, aponta uma câmera para quem olha. Ao lado dele, agachado próximo às mochilas e sacolas na areia, um homem que nunca conseguiram me dizer quem é, pronto a tirar um cigarro do maço. A duas cervejas de distância, também em uma cadeira de praia, Dennes sorri. Virando a foto, a legenda diz: Búzios. Carnaval de 86.

Não faço ideia de como se conheceram. Sei que foi no Rio de Janeiro, mas o que foi dito, o que se transformou em uma potência de proposta de nova vida, até agora não sei. Quais linhas levaram um a encontrar o outro. Talvez fossem astrais —

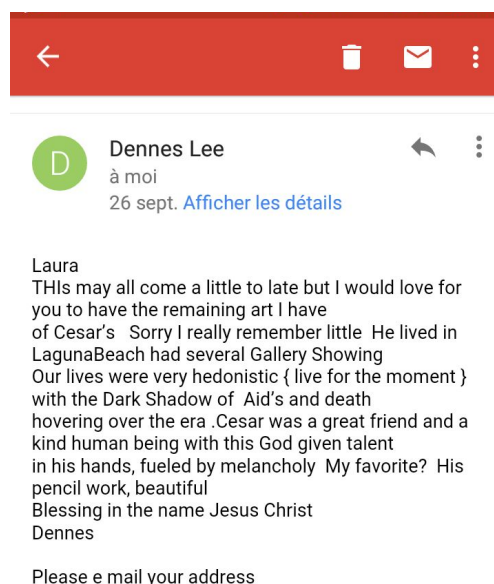
E com relação a esse eixo, eu acho que pode ser um sucesso, um reconhecimento profissional, vindo através de um benefício jupiteriano, que pode ser inclusive do estrangeiro. Eu não sei se você tem alguma

oportunidade, alguma chance, alguma coisa assim em termos de uma viagem internacional ou alguém de fora que você conheça que possa te beneficiar nesse campo, mas é por aí... (...) Júpiter com Áries vai levar você a fazer ou uma viagem para o estrangeiro ou uma mudança ou alguma coisa assim.¹⁷

talvez ele tivesse apenas sensibilidade suficiente para sentir o trabalho de César, talvez tenha sido uma paixão intensa, que um dia tornou-se um laço profundo. Lembro-me dele muito vagamente, porque as minhas próprias memórias eu mesma já não consigo acessar. No entanto, no anseio de preencher a lacuna do outro em Laguna Beach, para completar mais uma peça daquela floresta, dos livros, das referências, da expectativa de um viver, tomei o primeiro contato. A resposta, em uma linha: “i’ll be happy to help in any way”. E mais nenhuma ao próximo e-mail. Encarei, então, um silêncio: dele, num contato interrompido e de Dirke, companheiro de Cesar nos últimos anos de sua vida que não respondeu às mensagens que enviei.

Muito possivelmente essas linhas que nos atravessam e que também tangem César tenham a capacidade de encurtar à força do tempo ou de motivos que não sejamos capazes de compreender. Dois anos depois, tive uma resposta que resumiria muito do que buscava com estes contatos.

Fig. 2 - RE: For Dennes | About Cesar Papa



¹⁷ PAPA. Progressão 1991 - o brilho de saturno, loc. cit.

Fonte: elaborado pelo autor (2015)

Com o dinheiro lentamente economizado, comprei aos treze anos uma caixa de pintura à óleo. O que senti então, ou melhor dizendo, a experiência que vivi ao ver a cor saindo do tubo, eu a vivo ainda hoje. Uma pressão do dedo e, [jubilosos, faustosos], refletidos, sonhadores, absorvidos em si mesmos, com uma profunda seriedade, uma crepitante malícia, com o suspiro do parto, [a profunda sonoridade do luto], [uma força, uma resistência obstinadas], uma doçura e uma abnegação na capitulação,] um autodomínio tenaz, tamanha sensibilidade em seu equilíbrio instável, esses seres estranhos a que se chama cores vinha um depois do outro, vivos em si e para si, autônomos e dotados das qualidades necessárias à sua futura vida autônoma, e, a cada instante, prontos a se submeterem livremente a novas combinações, a se misturarem uns aos outros e a criar uma infinidade de novos mundos.¹⁸

Admirei o acervo como Kandinsky admirou seus tubos de tinta. Cada pequeno estilhaço dessa coleção como um sem fim de possibilidades. Primeiro, busquei as latências. Em seguida, tentei encontrar os sons do silêncio. E, com sorte, consegui ouvir e encontrar muito mais que uma só voz: a de Lilian, a de Stela, Neusa, Nelly, Maria Helena, Carmen, e claro, do próprio César. Uns somados aos outros renderiam incontáveis mundos a serem descobertos.

¹⁸ KANDINSKY, loc. cit., p. 91.

3. O CAULE: de silêncios, tragos e pequenas ficções — o acervo de César

“A pintura é o choque fragoroso de mundos diferentes destinados a criar em e por seu combate o mundo novo a que se chama obra. Cada obra nasce, do ponto de vista técnico, exatamente como nasceu o cosmos... (...) A criação de uma obra é a criação do mundo.”

Kandinsky

Essa agora chama “Brisa de verão”. Esse agora foi engraçado: eu pintei essa tela umas quatro ou cinco vezes. Aí eu já tava de saco cheio, o trabalho não ficava bom... Tá vendo essas nervuras aqui ó, tá vendo? Isso é da pintura que tinha por baixo. Aí ao invés de desmanchar, eu pintei em cima, mesmo. Fui pintando, pintando, pintando, pintando e pintei! Acredita? Acredita que eu pintei tudo isso de uma vez só? [Ele brinca com a voz.] Esse trabalho me durou só oito horas. Fiz esse trabalho em oito horas... Ninguém acredita, né? Comecei de manhã e de tarde estava prontinho! Acabei num dia... Comecei num dia e terminei num dia. Aí eles perguntam para mim: quanto tempo você levou para terminar esse negócio? Aí eu falo: quatro meses, cinco meses, acredita? Acredita nada, né? [Corta]¹⁹

Encontrar o César foi fascinante. Os rabiscos nas cartas, a necessidade de conceituar um trabalho, encontrar-se artista. No abismo entre mim e ele, uma ponte: os registros e a intenção deles enquanto artista, que nos fariam conseguir transpor espaço e ultrapassar tempo. César, então, começaria me dizendo do calor agradável da Califórnia, e em como os dias de sol conseguiam fazer sua saudade do Brasil diminuir simplesmente pela possibilidade de se refrescar à luz dele. Ele me faria rir ao ouvi-lo contar da maravilha que é ter um apontador automático e não fazer mais ponta nos lápis de cor à mão. Ele sentia saudade, de repente bateu-lhe um banzo, e o gravador fez companhia ao seu lado. Sentei com ele no chão da sala e, enquanto tomava uma coca e fumava um cigarro, colocou um disco com a trilha sonora do filme que se apaixonou na semana anterior. Eu era capaz de contar os tragos no cigarro e os goles no copo com gelo. Ouvimos juntos, em silêncio.

Depois, comentou do medo da solidão, dos fantasmas dos Estados Unidos. Disse que não tinha jeito, aquela era a terra dos fantasmas. Contou que anteontem ouviu

¹⁹ VÍDEO caseiro de César Papa. 1987. 1 VHS (127 min), cor.

tudo o que gravou e sua voz tinha ficado engraçada; rimos juntos enquanto ele imitava o resultado, até ele interromper e dizer do quanto é uma experiência estranha gravar fitas e contar a mesma história muitas vezes, o quanto é engraçado ouvir essas fitas sozinho e viver uma vida sem feedback.

Fig. 3 - Fez-se mar



Fonte: acervo de César Papa

Observei a onda se formar lentamente no horizonte. Até a pedra onde estávamos, ela não demoraria a chegar. E quando veio, quebrou forte contra as pedras, fazendo-nos sentir os respingos gelados das águas que vinham do oceano. As gotas tocaram a superfície de sua pele, e enquanto isso, ele sorria, sentado de costas para o mar. No verso, Cabo Frio, Búzios, Havaí, Rio de Janeiro, San Francisco e os tantos outros rios para os quais me levaria. Não só o registro de lugares, mas mês, ano, alguns números para uma ordem incompreensível e, por vezes, seus comentários e sua idade. César, manipulador de sua própria existência: omissões, rasuras, riscos, traços e destaque a certas passagens.²⁰ A percepção de si enquanto

²⁰ ARTIÈRES, Philippe. "Arquivar a própria vida." In: Arquivos pessoais, Revista *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação

arquivo e a ordenação de um sentido para a própria vida. No percurso feito da região Sul até a saída para a Argentina em 75, de carro, de uma foto foi esquecida a data. Restou apenas o lugar, o único registro da passagem por São Luis Gonzaga - RS. Bastou-me uma rota traçada entre Curitiba, Torres, Florianópolis e São Borja para preencher essa lacuna.

“E, ao mesmo tempo, que admirava essa coragem que ele tinha de optar incessantemente pelo desejo de viver, eu lhe lembrei no entanto que, (...) a Ressureição não era nem o processo contínuo da Vida nem a imortalidade da alma, mas algo que corresponde à altura à descontinuidade do real do nascimento e da morte, e que diz respeito à singularidade dos corpos vivos, dessas existências insubstituíveis que permanecem à margem do caminho da vida e nele se apagam sem que nada os substitua”²¹

Contra a ordem das coisas e contra o trabalho do tempo - um desejo de permanecer vivo por meio do que fica quando ele mesmo já não está aqui. Ainda me contaria da saudade, do devir artista, do desejo de um reconhecimento e de uma obstinação por ventilar seu nome em galerias e no meio artístico, da felicidade e dos sentimentos de ver seu nome ao lado de tantos outros bons em anúncios de jornais, dos compromissos consigo enquanto artista e da liberdade criativa versus o trabalho não só como criação mas como pagamento das contas, da vontade de rever todos, da felicidade e espanto com seu próprio progresso.

Assim, passo do trabalho com lápis à experiências com tintas, das tintas ao carvão, do carvão às telas que quase me tiram o sossego porque é tudo muito difícil para mim que só agora começo a me dar conta do artista que existe em mim. Sabe lá o que é isso? Tintas que eu nunca usei, lápis que eu nunca vi, papéis esquisitos e incrivelmente caros, a proposta dos trabalhos, o compromisso social, as idéias, a criação, o rompimento quase absoluto com tudo que eu vinha fazendo nesse campo... uma loucura, uma doideira! Mas, sou feliz. Pela primeira vez na minha vida acho que sou muito feliz. Jamais pensei que um dia a Arte fosse tomar conta do meu cotidiano como agora.²²

Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), n. 21, 1998. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em 5 de novembro de 2015, p. 11.

²¹ ABEL apud RICOEUR, Paul. *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012, p. XVIII.

²² PAPA, loc. cit., 19 de fevereiro de 1987.

Ainda veria muitos de seus quadros narrados por ele mesmo, tentaria me colocar na sala do apartamento que vi por muitas fotos, onde ele apresentou suas obras projetadas em slides para minha mãe. Eu encontraria, depois de muito tempo, as obras cuidadosamente fotografadas, legendadas e registradas, prontas para integrar seu portfolio, mas que não passaram pelo próprio crivo de artista. César ainda me diria mais: que se preocupava com a morte, com o que fica, com a memória. Ainda me levaria para um passeio na cidade que escolheu para morar. Primeiro, alugaríamos um carro, para que eu visse as ruas e luzes de Laguna Beach. Passaríamos pelo pior restaurante de Laguna, apenas para rir um pouco, e em seguida compraríamos alguma coisa para passear pela costa. Veria o mais novo prédio da orla, e ao final da tarde sentaríamos no calçadão com vista para um dos parques do sul. Não deixaria de ir, é claro, sem antes visitar a sua galeria favorita.

Fig. 4 - Laguna Beach, por César



Fonte: acervo de César Papa

Encarar o acervo de César era como observar sua *composição n.º*²³, à lapis de cor — em cima da mesa, cartas, obras, revistas, livros de referência, lupa, fotos, estudos; pequenas peças para serem observadas assim, em conjunto. “[A palavra *composição* deixava-me profundamente perturbado] (...) tinha em mim o efeito de uma prece. Enchia-me de veneração. Pensava um pouco nas casas e nas árvores, traçava na tela, com a espátula, linhas e manchas coloridas e deixava-as cantar tão forte quanto eu podia”.²⁴ Encarei, então, o acervo para entender sobre o que cada pequena parte tinha a cantar:

3.1 fita VHS

122min. 1988. Única imagem em movimento de César. Vídeo caseiro produzido quando Ana Lúcia também morava em Laguna Beach. No filme, César mostra a cidade, faz um passeio pela praia, conta da nova vida de Ana Lúcia e brinca no jardim. Os dois fazem piadas, brincadeiras e abrem cartas da família para ler. César também filma seus trabalhos, um a um, e explica o processo de criação deles, contando histórias acerca da produção e aceitação no mercado. Ao final, César mostra seus presentes de Natal e senta para contar à família no Brasil que estava com Aids. No entanto, a fita é cortada antes que ele consiga dizer.

3.2 slides

114 slides. Reproduções em alta qualidade de grande parte dos trabalhos de César, produzidas ainda durante sua vida. Grande parte das obras registradas possui original na Califórnia — Estados Unidos, e nunca foram pessoalmente vistas pela família.

3.3 cartas

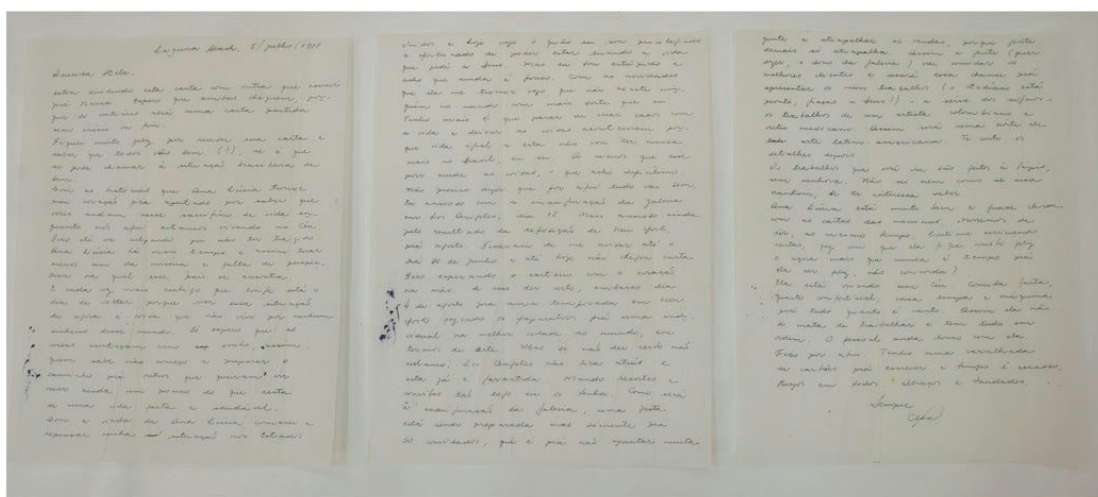
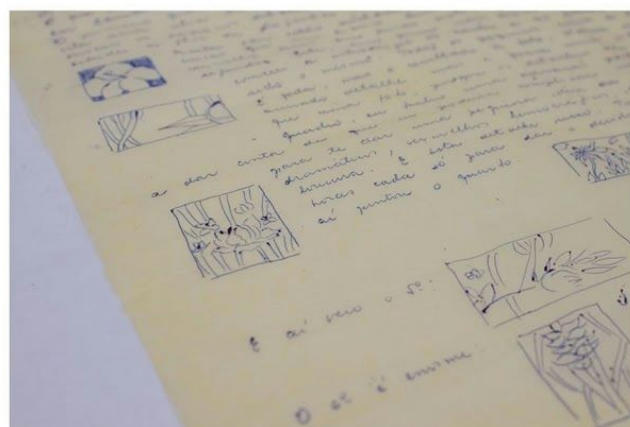
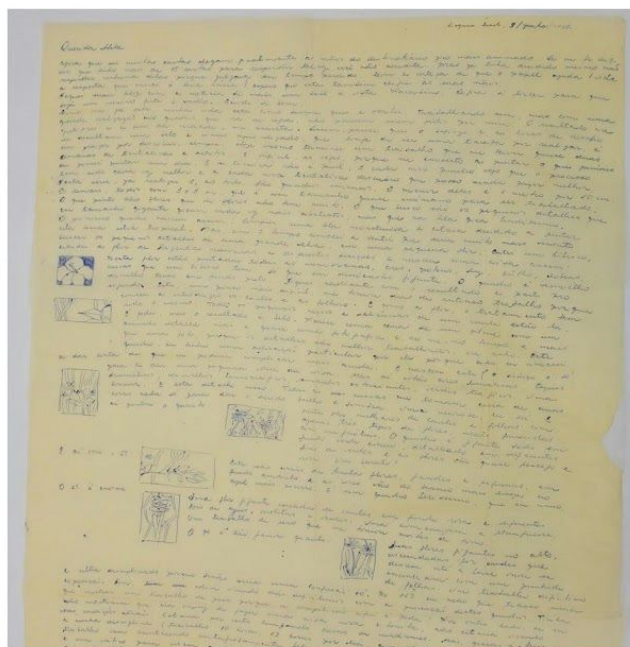
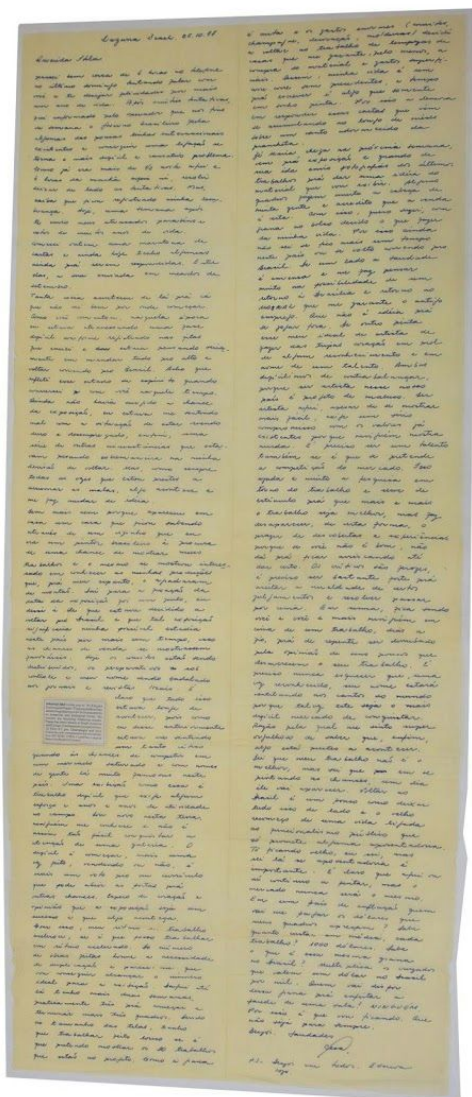
8 volumes. Datas variadas entre 1987 e 1988. César conta sobre seu processo artístico e de descobrimento enquanto artista, além da sua adaptação nos Estados

²³ ANEXO A — PAPA, César. *Composition n.º*. 1987. 1 original de arte, lápis de cor sobre papel, 58 cm x 74 cm. Coleção particular.

²⁴ KANDINSKY, loc. cit., p. 83.

Unidos. Papel de gramatura baixíssima. É quase seda, mas tem cor de panamá. Caneta nanquim, raras rasuras. Algumas cartas com mais de um metro. A folha não tem emendas. Final da década de 80. Não podia pesar: cartas pesadas não chegavam da Califórnia ao Brasil. Pelo mesmo motivo, César não podia enviar fotos, o que justifica os inúmeros esboços apressados durante as cartas, para que a família pudesse entender de que se tratava seu trabalho em outro país.

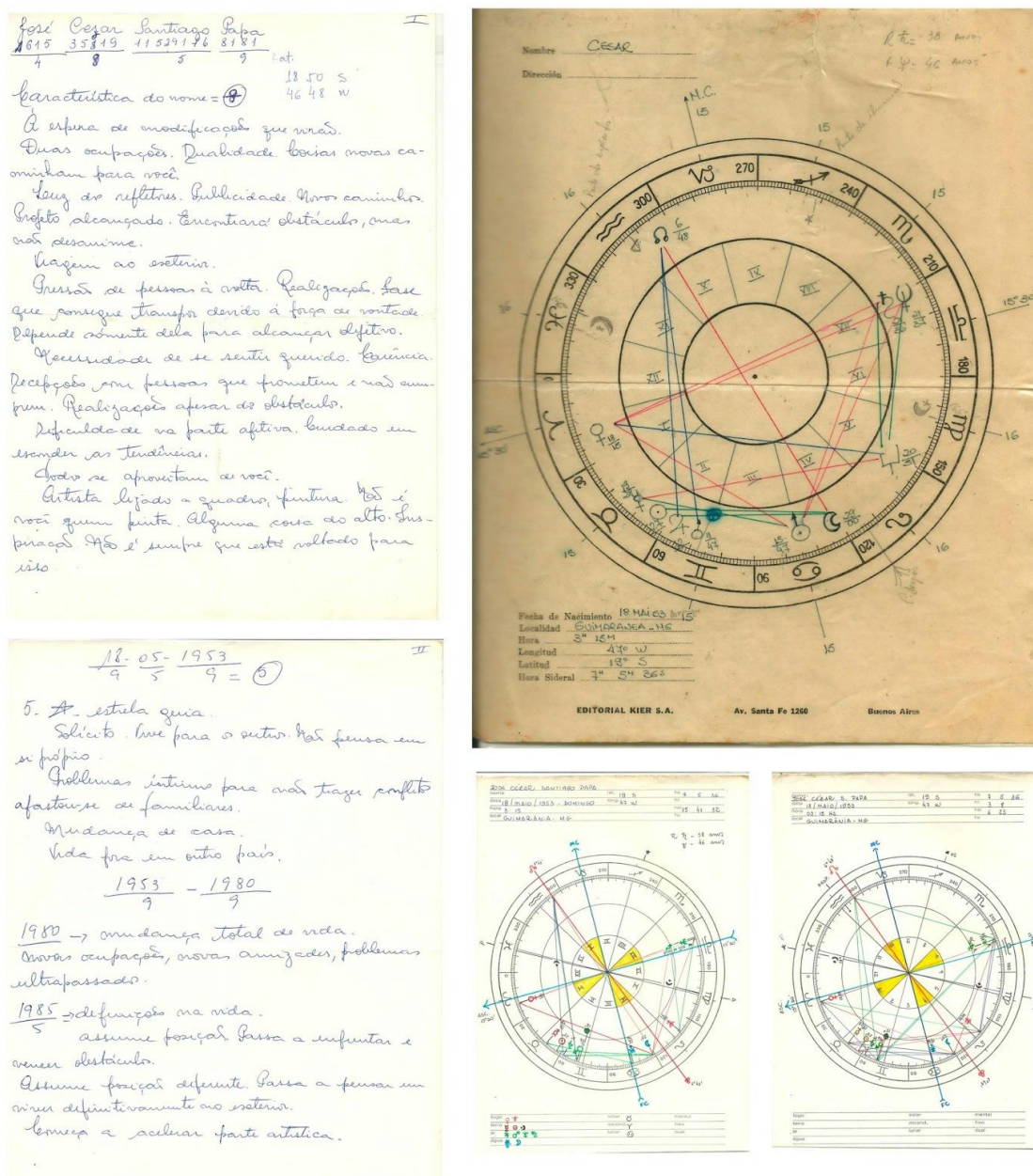
Fig. 5 – cartas



3.4 mapa astral²⁵

Conjunto de fita cassete e análise física em papel dos mapas astrológicos de César. Gravada no Rio de Janeiro, em 1984. Sem negar o lado espiritual do artista, a fita revela mais um eu — por meio não do outro, mas dos astros. A partir de uma pesquisa, observa-se claramente a influência dessa previsão astrológica nas decisões futuras e nas obras de César.

Fig. 6 – mapa astral



Fonte: acervo de César Papa

²⁵ Ver ANEXO B — PAPA, César. *Progressão 1991 - o brilho de saturno: Carta astral de César. Rio de Janeiro: 1984. 1 cassete sonoro. Transcrição.*

3.5 fitas cassetes²⁶

4 volumes. Datas variadas entre 1986 e 1988. César conta sobre seu processo artístico e de descobrimento enquanto artista, além da sua adaptação nos Estados Unidos. O artista utilizava-se desse método para melhor administração do seu tempo: um gravador emprestado permitia, simultaneamente, falar e desenhar. Aqui os relatos são tão íntimos quanto cartas, uma vez que gravava sua voz em processos tão solitários quanto escrever.

3.6 fotos

572 fotos. De vários períodos de César. Há fotos no Rio de Janeiro, em Brasília, Curitiba, Minas Gerais, Estados Unidos e alguns outros países. São fotos soltas de família, outras alocadas em álbuns que o próprio César montou de suas viagens. As fotos levam, em seu verso, na maior parte das vezes, informações de local, data, legendas ou dedicatórias. Inclui também um conjunto de 14 polaróides de lugares pelos quais tinha muito apreço na Califórnia.

²⁶ Ver ANEXO C — PAPA, César. [*Correspondência em cassete 1*]. Laguna Beach - Califórnia: 15 de agosto de 1987. 1 cassete sonoro. Transcrição. e ANEXO D — PAPA, César. [*Correspondência em cassete 2*]. Laguna Beach - Califórnia: 19 de agosto de 1897. 1 cassete sonoro. Transcrição.

4. ESBOÇO PARA AS FOLHAS

4.1 o artigo de 2012

Foi assim que conheci o César. Como uma grande trama sem arremate, composta de um sem fim de linhas que eu jamais seria capaz de mapear, onde o *um* não é mais apenas *um* — é *vários*.²⁷ É composto de pequenos relâmpagos num céu chuvoso. De um interior de muitos interiores. Assim, resolvi tecer, instaurando a desordem nesse fragmentado sistema de coordenadas. Que de tão clássico, arriscava a um desaparecimento de uma identidade:²⁸ tudo tão perfeitamente guardado — dentro de armários, dentro de si. Resolvi tecer e tecendo criei mais brechas, vazios que seriam espaços suficientes para redutos de devir-outro, emaranhados de possíveis que incluíam também os meus devires. Neguei a forma, por crer na forma a morte; “o dar forma é movimento e ação. O dar forma é vida.”²⁹ E tecendo tentei chegar ao fundo do fundo do fundo, porque me disseram que bastava começar.

E, da forma como o conheci, o apresentei. Da floresta aos pequenos interiores, da trajetória ao estilhaço, da volta à memória para conhecer mais uma vez. Construí uma estrutura sináptica para abranger a transitoriedade dos caminhos e a errância dos sentidos. E ao final, descobri um César. Um César mais ou menos parecido com aquele que estava em contato — um retrato. E

o retrato é uma das artes mais singulares. Ele requer determinados dons e uma possibilidade de identificação quase completa entre o pintor e seu modelo. [...] Só posso falar de minhas experiências: estou diante de uma pessoa que me interessa e, com lápis ou carvão na mão, fixo mais ou menos voluntariamente sua aparência no papel. [...] Ao cabo de meia hora ou uma hora, surpreendo-me ao ver aparecer no papel, pouco a pouco, uma imagem mais ou menos precisa e parecida com a pessoa com quem estou em contato. Essa imagem me aparece como se cada traço de carvão removesse de um vidro embaçado o vapor que até agora me impedia de vê-la.³⁰

²⁷ DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Introdução: rizoma.” In: _____. *Mil platôs- capitalismo e esquizofrenia*, vol 1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 1ª ed, p. 10.

²⁸ COLOMBO, Fausto. “Memória e identidade.” In: _____. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

²⁹ KLEE apud INGOLD, loc. cit., p. 26.

³⁰ MATISSE, Henri. “Retratos.” In: _____. *Escritos e reflexões sobre a arte*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac & Naify, 2007, p. 196-201.

Para o artigo, neguei, desde o início, a biografia. Propus uma teia, uma trama em linhas para se emaranhar. Qualquer tecido também precisa de um ponto para ter estrutura. E assim, construí um César pelas palavras — um artigo para começar um rascunho de um César para mim e para os outros, que pudesse conectá-lo não só a mim, mas a quem observasse uma obra sua, lesse minhas palavras e, enfim, o conhecesse. A pesquisa foi vinculada ao Programa de Iniciação Científica - Prolc 2012, parte do projeto Arquivando Vidas, orientado pela prof. Dra. Ana Lúcia de Abreu Gomes - FCI/UnB. No entanto, ter em mãos um acervo com tantos suportes audiovisuais a respeito de um artista que tinha como comunicação com o mundo a imagem e que, de várias formas refletiu a respeito de reconhecimento e manter esse retrato apenas no mundo das palavras não faz sentido. É preciso, já diria Foucault, que as palavras sejam a ponte pela qual pintura e a imagem se iluminarão.

Atravessar: Passar através de; transpor, cruzar; percorrer; resistir à ação do tempo; cruzar-se, encontrar-se. Atravessei de dentro da palavra para dentro da imagem.

4.2 o webdoc ou preparar para florescer

“Everything is disintegrating into calculated grains of sand, but the relational network, a mathesis universalis, is becoming visible behind this desert. That is where experience lies. We are becoming nomads.”

Vilém Flusser

A transposição de César em palavras para um César em imagem deu-se em virtude das potências audiovisuais do acervo que tinha em mãos. Essa infinidade de suportes fez-me pensar nos discursos que poderiam ser traçados a partir de cada um desses objetos. Cada foto, trecho de carta ou de áudio poderia ser um início de uma narrativa cujo final atingiria um ponto igualmente diferente. Hesitava nos limites que um curta ou um longa poderiam trazer, porque apesar da força do cinematográfico no espectador, condicionar minha pesquisa em um roteiro com um início claro e uma sequência linear poderia talvez reduzir as possibilidades de construção para conhecer alguém. Um filme poderia definir um César enquanto que o objetivo seria abri-lo para as possibilidades que ele poderia um dia ter sido,

poderia criar fronteiras quando já bastam as fronteiras do vivo. César não precisa de planos que sejam sustentados por paredes.

Este anseio, então, tornou-se mais forte quando experienciei a linguagem dos webdocs. A possibilidade do hibridismo de conteúdos, a infinidade de caminhos possíveis e a proposta de uma interface interativa pareceu-me um lugar provável para César; o webdoc indica trajetos e não determina uma ordem a ser seguida, organiza a informação, ainda que de maneira fragmentada, mas a articula dentro da sua totalidade.³¹ Seria uma plataforma entre o ensaio e a narração; um espaço para o trânsito entre as micronarrativas que encontrei dentro do acervo de César, que pudessem ser costuradas sem a intenção de um arremate, que fossem sinuosas como fluxos de pensamento.

A linguagem transmídia do webdoc propõe não uma tela, mas uma interface interativa, onde o usuário seja também visitante, espectador e, mais que isso, um *interator*.³² “A interatividade é a relação que une as pessoas ao conteúdo.”³³ São oferecidas, por meio desse tipo de plataforma, opções de escape à linearidade das narrativas convencionais, permitindo a construção de um percurso próprio segundo o interesse de quem acessa. Assim, a liberdade cabe não só ao autor ou realizador, mas também ao espectador — que também faz parte do processo, tornando-o muito mais aberto e possível ao imprevisto, já tão presente dentro do documentário no cinema.

“L’interface-film redéfinit les rôles de l’auteur, du film et du spectateur. C’est par le biais de l’interface, au centre de tout son questionnement, que cette redéfinition des rôles a lieu. Le spectateur obtient la double posture d’acteur-spectateur : son action est indispensable pour que le dispositif fonctionne. Il doit s’approprier de nouvelles fonctions, qui le font émerger de son rôle habituel. Parmi ces nouvelles fonctions, celui-ci a désormais la main mise sur la narration (de manière plus ou moins forte selon les dispositifs). [...] Il ressort de ces dispositifs une fragmentation de la narration, remodelée autour des choix de l’acteur-spectateur. Cette « métanarrativité » implique de nouvelles postures spectatoriennes : on est à la fois immergé dans le récit lors

³¹ RIBAS, Beatriz. “Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário.” In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Calandra, 2003

³² PAQUIN, Loius-Claude apud PAZ, André; Salles Julia. “Dispositivo, acaso e criatividade: por uma estética relacional do webdocumentário.” In: *Doc-online*, n. 14, 2013, pg 33-69. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/14/dossier_andre_paz.pdf. Acesso em 5 de novembro de 2015.

³³ Ibidem.

des séquences de déroulement du film et émergé lorsque l'on doit effectuer des choix pour assurer la continuité de la narration.”³⁴

Reconhecendo tal transformação no processo comunicacional, uma vez que os papéis de editor, montador e espectador podem ser vinculados a não apenas uma pessoa, bem como todos os três são executados de certa forma pelo próprio visitante à medida que percorre uma narrativa, um webdoc é, portanto, uma possibilidade de uma obra aberta, viva e ressignificada a todo momento. “Não mais um objeto pronto e acabado, mas uma duração a ser experimentada, aberta para uma discussão ilimitada, que tem como tema central o estar-juntos, o encontro e a elaboração coletiva do sentido”.³⁵

Chris Marker foi um dos primeiros a pensar estruturas complexas e interativas para percorrer e exibir conteúdos. *Immemory*³⁶ é um estudo e um de seus primeiros ensaios para uma guarda de memória e um trajeto ramificado para esta coleção, já incluindo conteúdos transmídia como fotografia e textos, divididos por temas principais que, em seu interior são correlatos. Atualmente, no que tange à estrutura, as possibilidades são infinitas. A produção crescente é prova não só da potência dos webdocs enquanto realização, distribuição e recepção, mas uma evidência do quanto é uma linguagem a ser explorada e difundida enquanto mídia. O canal francês Arte, por exemplo, é uma galeria de assuntos, temas, especiais e reportagens nesse formato — são diversas estruturas que exigem, ora interação, ora contemplação; que versam sobre temas afetivos ou assuntos internacionais. *Synaps*,

³⁴ “A *interface-filme* redesenhou os papéis do autor, do filme e do espectador. É por meio dessa interface e no centro de todos os seus questionamentos que se dá essa redefinição de papéis. O espectador passa a ter uma dupla postura, de autor-espectador, uma vez que sua ação é indispensável para o funcionamento do dispositivo. Ele deve apropriar-se das novas funções, que o farão emergir de seu papel de costume. Dentre essas novas funções está o domínio sobre a narração (de maneira mais ou menos nítida, de acordo com cada dispositivo). [...] Fica evidente, portanto, uma fragmentação de narração, remodelada de acordo com as escolhas do autor-espectador. Essa ‘metanarrativa’ demanda novas posturas do espectador: somos, por vezes, imersos num relato por meio do desenrolar da narrativa e, então, emergimos para tomar partido de uma escolha a fim de garantir a continuação da história.” (PÉRON, Sylvain. *Le web documentaire en tant qu'outil de communication territoriale*. 2013. Master 1 Industries Créatives - Mention culture et médias, Université Paris 8 - UFR Culture et Communication. Paris, 2013. Tradução da autora.)

³⁵ PAZ; SALLES, loc. cit., p 37.

³⁶ IMMEMORY. Produzido por Chris Marker, 1997. 1 CD-Rom.

³⁷ disponível no site do canal, é uma outra forma de encarar as memórias: um desdobramento de um material restante da produção de um longa-metragem. As imagens, vídeos caseiros de famílias e memórias pessoais, uma vez fragmentos perdem a sua identidade e, como não possuem um dono, podem ser vinculadas a qualquer um que as assiste, transformando cada uma delas em um “*carte-postal-vidéo*”. O webdoc convida cada um que o percorre a se apropriar de algumas dessas memórias, disponibilizando ferramentas para que o visitante edite, acrescente filtros ou trilha sonora, e compartilhe sua memória criada com todos que também visitarão o site no futuro — *Synaps* propõe ao visitante “de voyager dans un cervau, au long des synapses et arborescences de sa mémoire”³⁸.

Esse “arvorecer” é também referência às estruturas possíveis de construção de um webdoc. A grande variedade dos tipos de interação e o formato rizomático do qual se constitui, seja em roteiro, seja na própria navegação, resulta no termo *arborescence*,³⁹ utilizado para denominar a maneira a qual as diferentes telas são apresentadas, umas em relação às outras. Tal “plano”, como Lasalle defende, é a representação simbólica que servirá de guia na construção do projeto. Um mapa feito pelo realizador, de forma a conceber a navegação das telas e entre elas, além de lugares de interação; um mapa que não é evidente, ao seu final, ao usuário, mas condiciona e afeta diretamente nas possibilidades de navegação oferecidas a ele. A *arborescence* não é uma construção abstrata de conceitos e planos de ordenação, mas está intrinsicamente ligada à organização do material que se dispõe.

Fragmento: remanescente, pedaço de coisa quebrada. Um fragmento que não tem início, meio e fim. Tem ramificações com o que ocorreu no meio, com o que começou, com o que passou pela vida, e cada vez mais porque há sempre um para

³⁷ SYNAPS. Realizado por Yaël André, Morituri, Pan! e ARTE, em parceria com o Centre du Cinéma et de l'Audiovisuel de la Fédération Wallonie-Bruxelles e do Centre national du Cinéma et de l'Image animée. 2014. Disponível em <http://synaps.arte.tv/>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

³⁸ “uma viagem por um cérebro, por suas sinapses e pelo arvorecer de sua memória”. (Ibid., “A propos”. Tradução da autora.)

³⁹ LASALLE, Isabelle *Le webdocumentaire comme nouveau genre de l'audiovisuel: À la croisée des chemins entre documentaire et démarche journalistique*. 2012. Master 2 Professionnel - Mention information et communication, Université Paris IV - École des hautes études en sciences de l'information et de la communication. Paris, 2012.

conhecer. César, um estilhaço. Partido em vários e em cada vez mais. Um mundo de possíveis, que abre espaço às falhas da memória e aos saltos do esquecimento, de fragmentos à espera de suas interseções com o presente para viver. O não-vivo: à deriva e à espera dos sobreviventes, *interatores* que serão o ponto-presente que toca o passado — para liberar a chance de existir, no tempo dos vivos.⁴⁰ Um webdoc para César é a abertura para as reverberações de sua história e de seu trabalho. Afinal, um webdocumentário pode ser finalizado em algum momento, mas o seu ponto final não se encontra na web. A rede é apenas o início de uma nova trama. Bastava, então, uma cartografia para o arvorecer dele.

⁴⁰ RICOEUR, loc. cit.

5. A SEIVA: relatório do processo, roteiro e produção.

E para tecer um César em uma narrativa tão fragmentada, transformá-lo em imagem e transmidiá-lo, não seria capaz de fazê-lo sozinha por não dominar algumas áreas técnicas importantes. Encontrei primeiro Rafael Gontijo, montador, e depois fui apresentada a André Noronha, webdesigner. Foi um presente ter pessoas tão sensíveis e dispostas a encarar esse retrato comigo. Tive grandes discussões com Gontijo a respeito dos caminhos que poderíamos tomar mesclando os áudios das fitas às poucas imagens do VHS; aos inúmeros tons e sentidos se optássemos por dois caminhos, nossa primeira ideia; da questão ética de encarar guardiões de memória e da minha opção por dar vazão à vontade do César que eu conheci — ser reconhecido; dos quantos frutos um trabalho como esse poderia fazer surgirem. Para eles, apresentei um César de possibilidades, encruzilhadas e ramificações. Que não se fez imagem e roteiro de uma maneira clara e nem rápida.

O que eu tinha certeza, até o momento, era da distância que gostaria de tornar cada vez maior entre a minha busca e a busca de Petra Costa, em *Elena*.⁴¹ No filme, Petra procura por sua irmã falecida não apenas por meio de um acervo, mas pela escolha no percurso de vida — assim como a irmã, foi para Nova York, estudou teatro, andou pelas mesmas ruas e adotou os mesmos cortes de cabelo. Petra é não só quem busca, mas um contínuo de Elena ao tentar concluir os passos iniciados da irmã: Petra perde-se em Elena. *Elena*, para mim, é uma tentativa de viver o outro de uma forma tão obsessiva que estreita-se com o não saudável, ou ainda, de completar uma trajetória que não lhe pertence. A primeira pessoa, no filme, perde a própria identidade, sem saber, ao fim, se é Petra ou se é Elena; as entrevistas e trechos do acervo entram como um traço que sublinha a vontade de manter vivo não para lembrar, mas para esconder as cicatrizes de uma memória. Meu desejo, na verdade, era por meio de um acervo diverso em termos de suportes e narradores, aproximar-me muito mais do tratamento e da abordagem da memória de Jonas Mekas em *Walden, notes, diaries and sketches*⁴², que compila em seis bobinas

⁴¹ ELENA. Direção: Petra Costa. 2012. 82 min, cor.

⁴² WALDEN: diaries, notes and sketches. Direção: Jonas Mekas. 1969. 180 min, cor.

registros de uma autobiografia, onde a câmera é seu intermediador com o mundo. O filme é uma compilação de fragmentos que versam sobre a memória: registros cotidianos, trechos de cartas, *offs* do próprio realizador. Em *Walden*, a meta não é uma biografia linear, nem mesmo uma sequência narrativa clássica, mas sim uma tentativa de dividir em pequenos blocos o cotidiano como acontece temporalmente, com acasos e lacunas. Por vezes, algumas cartelas são inseridas de maneira a contextualizar os ambientes, em outras, elas são apenas notas afetivas que acrescentarão ao universo do filme. Mas os blocos, ainda que em sua divisão proposta pelo realizador, poderiam ser dispostos em outra ordem, sem prejuízo ao sentido final, porque sua estrutura é como a memória, construída de fragmentos. Mekas não escrevia diários, mas tinha em sua câmera o instrumento de registro. Como a câmera é para Mekas, vi o gravador para César.

“Estruturado como um diário, *Walden* não se preocupa em compor uma biografia como se fosse uma historiografia do indivíduo, através de um encadeamento de fatos apresentados de forma linear. Ao contrário do cinema narrativo clássico, não existe uma sucessão de fatos, organizados sequencialmente através de uma relação de causa e efeito, dispostos para o espectador como uma instância totalizante, um universo unívoco, e sim a apresentação de fatos corriqueiros através de um sem-número de pequenos blocos, cuja sucessão é meramente temporal, ‘segundo a ordem própria em que foram de fato acontecendo’.”⁴³

Se filmar, para Mekas, é viver, não há motivos para não dizer que César pinta porque existe, e existe porque pinta.⁴⁴ *Walden* é estruturado como a própria memória. E sua busca consiste em nada mais que respeitar a sequência e a inconstância de um viver, admitindo a melancolia e o não-pertencimento a lugares e memórias e os saltos decorrentes do esquecimento.

A primeira estrutura que considerei enquanto hipótese compreendia a disponibilização de todo o acervo, como um caminho linear, unidirecional, dividido por suportes, cidades e exposições. E apresentar também um outro caminho, mais

⁴³ IKEDA, Marcelo. “Os filmes diários de Jonas Mekas: as memórias de um homem que se filma.” In: Revista *Rumores*, 2012, p. 224.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 225.

peçoal, *sobreimpresso*, afetivo. Este segundo se ramificaria em algum ponto da narrativa: dividindo-se, tornando-se dois e levando cada um deles a um vídeo diferente com aproximadamente 8 minutos de duração. As possibilidades para cada trajeto, para mim, eram inúmeras e muito concebíveis: áudios meus, que levassem o visitante a conhecê-lo como conheci; narrações das ficções que encontrei ao longo do caminho, dentro de seu acervo; áudios do próprio César; áudios de sua carta astral; narrações dos fragmentos vividos no Brasil e nos Estados Unidos por pessoas que conviveram com ele, de forma a resumir e preencher as lacunas sem registro. Encontrei a dificuldade em pensar um roteiro tão aberto em uma estrutura tão complexa. Pensar um roteiro para webdoc exigiu-me uma abstração que, por muitas vezes, julguei que não conseguiria. E, por mais que revisões, releituras e ajustes fossem feitos, não foi fácil construir dentro de mim algo que me deixasse completamente satisfeita. Um roteiro para filme não tem muitas semelhanças com o que resolvi desenvolver enquanto projeto — de uma unidade composta por cenas e depois em planos, para telas dentro de telas que formam capítulos e têm interfaces e layouts diferentes, que podem levar caminhos que não se cruzam a um mesmo final, onde cada clique pode liberar uma mídia diversa.

E assim, sentimos a necessidade de construir novamente, para desconstruir: do Zé para a família, do viajante pelo Brasil, do artista saudoso dos Estados Unidos para encontrar as linhas mais evidentes e potentes de caber em uma tela. Disponibilizei a Gontijo e André o acervo, devidamente numerado e nomeado que, pela infinidade de formatos e suportes, demandou uma outra construção. Tracei então uma cronologia,⁴⁵ que coloco aqui como parte do processo, mas ao observar o produto final, recomendo fortemente ao leitor que pule — torna a leitura e o objetivo do trabalho muito mais fluidos. Tal cronologia tinha como objetivo organizar todos os arquivos do acervo pela ordem em que foram produzidos. Assim, a leitura, escuta ou observação de cada um desses suportes, nessa ordem, traria quem sabe um discurso um pouco mais sólido ao César que os dois tentavam descobrir. Ao fim desse processo, identifiquei também que não seria uma linha apenas para os dois que estavam comigo no projeto, mas para mim mesma também, uma vez que consegui identificar

⁴⁵ ver APÊNDICE A — cronologia

então pequenas lógicas para os devires de César. Observamos juntos que o resultado final foi muito além — conseguimos mapear também as reviravoltas, as angústias e os fluxos de pensamento muito mais claramente. E por isso, nos sentimos então, confortáveis a montar novamente esse quebra-cabeças.

Por meio deste primeiro mapa, debrucei-me sobre o material produzido por César novamente, aprofundando-me nas transcrições e cartas para encontrar temas, assuntos e aspas que seriam os elos de um novo roteiro. Encontrei, então, no fluxo da fala e da escrita de César, no seu pensamento desconexo e sinuoso, os nós do mapa: as hastes entre os galhos e as folhas.

1. a saudade: a falta do Brasil, da família, a solidão;
2. o trabalho: o processo artístico, a autocrítica e o descobrir-se artista;
3. as viagens: os projetos, registros e memórias dos lugares pelos quais passou;
4. a cidade: as impressões de um estrangeiro em Laguna Beach;
5. o futuro: a incerteza dos planos e possibilidades, ficar ou não nos Estados Unidos e a frequente reflexão a respeito de uma volta para o Brasil;
6. o processo: o registro, a escrita, a gravação das fitas cassete e o sentido de ouvir a própria voz.

Dei-me conta nesse momento de que muitas lacunas na vida de César eu jamais conseguiria preencher: os anseios enquanto jovem, os reais projetos para o futuro, o medo da AIDS e a sua relação com a morte, a sua intenção de permanência por um acervo, as leituras, referências e interesses enquanto artista. No entanto, percebi que se a procura fosse não pela lacuna mas pela linha já traçada, um discurso se faria: descobrir-se artista. Procurar o artista já completo ou consciente de *ser* artista em todo o material produzido por César nos Estados Unidos era apenas uma forma de encarar um material — que trazia muito mais vazios. Quando dei-me conta de que se olhasse para todas as cartas ou o ouvisse como alguém que também buscava, muito seria respondido. A minha busca seria não sobre um artista, mas sobre a busca do artista dentro de si em César. Assim, abri mão da minha voz enquanto narração e apresentação de um César, não só contra o didatismo que isso poderia imprimir no percurso, mas pelo tom que teria esse tipo de busca, uma vez que acredito em processos que contemplem a sanidade dentro da obsessão; abri

mão também de narrações num todo e busquei por fragmentos e parênteses que pudessem não preencher mas configurar pequenas notas a respeito dessas lacunas.

“A história da arte segundo Warburg é justamente o contrário de um começo absoluto, de uma tábula rasa: é, antes, um turbilhão no rio da disciplina, um turbilhão — um *momento-agitador* — depois do qual o curso das coisas se haverá desviado profundamente, ou até transtornado.”⁴⁶

Devir artista: o ponto de partida de uma cartografia-rizoma para César, por meio de sua própria voz. O webdoc seria não um projeto “sobre as memórias de um homem”, mas sim, “sobre um homem que pinta”.⁴⁷ Desenhei, então, um mapa que tinha suas linhas traçadas entre lugares e temas recorrentes — possíveis partidas, possíveis pontes, elos e passagens. Blocos híbridos e complexidades por meio de um “modelo fantasmal”⁴⁸ para uma grande trama. Porque tecer também é emaranhar-se.⁴⁹

Todos os grandes temas mapeados dentro do material produzido por César nos Estados Unidos eram capazes de conduzir, cada um à sua maneira, a seu passado ou a seu futuro. Sua ida ao estrangeiro estava diretamente ligada à sua mudança para o Rio de Janeiro, onde conheceu Dennes, o americano responsável por sua viagem, e ligada também ao seu primeiro vínculo acadêmico com as Artes, na Faculdade Dulcina de Moraes, em Brasília. O seu trabalho, algumas das frases em cartas ou em fitas e a sua necessidade de um registro em torno da própria existência se conectam à AIDS, à morte e à volta ao Brasil. Suas falas a respeito da saudade, do carnaval e dos lugares do Brasil que conheceu se tornaram uma narração para ser ilustrada pelas muitas fotos dos seus álbuns, tiradas antes de sua ida para Laguna Beach. A necessidade de conceituar um trabalho levava diretamente à sua própria crítica em relação à sua obra e, ao mesmo tempo, à linha tênue entre satisfação e frustração na busca da realização de algo que entrasse não só nas galerias, mas também que fosse comercialmente aceito. E claro, os seus desejos de realização de um trabalho, suas tentativas e acertos, seus projetos de crescer ou

⁴⁶ DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013, p. 27.

⁴⁷ IKEDA, loc. cit., p. 226.

⁴⁸ DIDI-HUBERMAN, op. cit., p. 25.

⁴⁹ ver APÊNDICE B — mapa

desenvolver outros tipos de séries e desenhos revelavam um intuito e conduziam para um caminho: ser reconhecido.

Tentei contar por mim, tentei contar por muitos. Pelas vozes que poderiam resumir o tempo vivido em Patrocínio, em Brasília; os porres e os mergulhos em cada paixão, os carnavais, as piadas e os momentos mais alegres; os primeiros quadros pintados quando ainda era criança. Por aqueles que poderiam me contar como foi criar não só um irmão mas também um filho; ou pelos que poderiam lembrar as visitas ao Rio e aos shows que foram juntos. Ou ainda pelos que mais guardam e nunca diriam nada; por aqueles que não responderam o primeiro contato — pelo silêncio que minha voz poderia até versar sobre, mas nunca poderia preencher completamente o sentido. Poderia contar até pelas pequenas ficções que criei observando seu acervo, histórias possíveis que não se realizaram, algo que não vivi e que nunca aconteceu.

Encontrei mapas, tracei referências, busquei colagens e rizomas. Minha parede se transformou em uma grande cartografia de fragmentos de todos os suportes do acervo de César. Um grande atlas de memórias. Ali, tracei linhas e encontrei pequenas constelações entre voz, quadros e fotografias. Este pequeno “experimento combinatório”,⁵⁰ que a princípio poderia parecer um tanto aleatório, revelou-se uma lógica intuitiva constituída de potentes significados capazes de traduzir, se dispostos em uma sequência, a fragmentada unidade que buscava — “regressando enfim da análise para a síntese,” foi como se conseguisse “formar um corpo com o que não passava de um amontoado de destroços”.⁵¹ Por meio dessa justaposição, que rendeu inúmeras (re)organizações de trechos de cartas, fitas, seleções de imagens e possíveis telas,⁵² tornei mais palpáveis dois desejos: o primeiro, unir duas características de linguagens que dialogam — de apesar da interatividade trazida pela estrutura do webdoc, transformar César não em algo lúdico, mas dialogar com muito do cinema tornando o produto um pouco mais contemplativo e afetivo, para

⁵⁰ JOHNSON, Christopher D. “About the Mnemosyne Atlas.” IN: *Mnemosyne: meanderings through Aby Warburg's atlas*. Disponível em <http://warburg.library.cornell.edu/about>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

⁵¹ QUINCY apud DIDI-HUBERMAN, loc. cit., p. 15.

⁵² ver APÊNDICE C — parede

receber não apenas um usuário, mas um espectador; e o segundo, de tornar as conexões entre telas possíveis sinapses de um pensamento fluido e sinuoso, natural como o fluxo de consciência, como quem retoma algo que dizia antes de um parêntese. Além disso, o roteiro que se delineava chegava muito mais perto do que havia conversado com Gontijo sobre as potências em transformar as imagens do VHS em pequenas pílulas, nas quais pudéssemos encontrar um César por meio de cortes e montagens com outros suportes do arquivo. Cheguei, enfim, a um corpo, um corpo mais ou menos parecido com aquele reflexo que se forma após o vapor deixar a superfície do espelho, um corpo pela reunião de objetos que funcionaria como se fosse dotado de leis biológicas de funcionamento. E também um corpo, um *corpus* de imagens e conhecimentos.⁵³

Além de Chris Maker com *Immemory*,⁵⁴ que tem uma proposta de acondicionamento, organização e disposição de um acervo de uma forma que é bem interessante e serve como um ponto de partida para o pensamento e reflexão acerca de uma estrutura, encontrei no *Pine Point*⁵⁵ uma inspiração — uma proposta de reflexão a respeito das memórias de um lugar uma vez visitado e que hoje não existe mais. A maneira escolhida para mesclar fotos, cartas e vídeos, além da inserção de memórias das pessoas que viveram na cidade, foram soluções que estudei para desenvolver as minhas. Algumas das telas de *Pine Point* não foram referências estéticas, mas sim uma forma de atentar-me aos cuidados do excesso de informações; outras, foram pontos de partida para pensar divisões e interações possíveis em relação ao material disponível. A busca em *Pine Point* é, como a minha, uma sobreimpressão: uma leitura de uma equipe sobre alguém que buscou reencontrar uma cidade e mantê-la viva para a sua própria e também para a lembrança dos outros; a narrativa se abstém de narrações e as razões do projeto só são reveladas ao final, quando encontramos o personagem que busca a cidade e quando procuramos nas abas informações acerca da realização do webdoc. Junto com André, conseguimos pensar, à luz desse projeto, uma maneira de manter a

⁵³ DIDI-HUBERMAN, loc. cit., p. 15

⁵⁴ IMMEMORY, loc. cit.

⁵⁵ WELCOME to Pine Point. Criado por The Goggles. Produzido por The National Film Board of Canada. 2011. Disponível em <http://pinepoint.nfb.ca/#/pinepoint>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

fragmentação da estrutura com uma navegação unidirecional, que seria um pouco mais simples de ser desenvolvida dentro do código no qual ele trabalharia para o site. Com o roteiro em mãos, sentamos os três, com o intuito de produzir um storyboard que nos guiasse pelas telas, tamanhos, resoluções e interações, fosse na produção dos vídeos, no redimensionamento das fotos e recortes, ou na construção das divisões dentro das telas no código. Por sugestão de André, desenvolvemos 5 formatos de interação padrão para as telas, ou *layouts*, que facilitariam a navegação e não demandariam do usuário sempre uma descoberta em relação ao funcionamento a cada nova passagem no avanço da narrativa.⁵⁶

“My idea was to immerse myself in this maelstrom of images to establish its Geography.

My working hunch was that any memory, once it's fairly long, is more structured than it seems. That after a certain quantity, photos apparently taken by chance, postcards chosen according to a passing mood, begin to trace an itinerary, to map the imaginary country that stretches out before us. By going through it systematically I was sure to discover that the apparent disorder of my imagery concealed a chart, as in the tales of pirates.”⁵⁷

E no fim, restou a descoberta de um artista. O fragmento espaço-tempo que ele mesmo buscou, a sua voz metálica nas cassetes, o som do lápis no papel e as pausas para o tragos no cigarro. O mapa então se constituiu de uma carta. Que tem interseções no passado, no seu presente e no nosso. Que admite as falhas da memória, os saltos e reviravoltas temporais.

Busquei, primeiro, apresentar um César como em seus quadros botânicos quase abstratos: pequenos detalhes em grande escala; para depois, como seus últimos trabalhos, demandar uma observação lenta e atenta do espectador, porque numa tela inteira há um grandiosidade de detalhes. Assim, criamos juntos alguns padrões de navegação e algumas exceções, que seriam a estrutura de dezenove telas

⁵⁶ ver APÊNDICE D — esboço das telas

⁵⁷ “A ideia era de me imergir nessa miscelânea de imagens para estabelecer uma geografia. Minha hipótese era de que qualquer memória, uma vez que é consideravelmente longa, é mais bem estruturada que parece. Porque após uma certa quantidade, fotos aparentemente tiradas ao acaso ou cartões-postais escolhidos por um estado espírito passam a traçar um itinerário, de forma a mapear esse país imaginário que se estende diante de nós. Passar sistematicamente por essas imagens trouxe-me a certeza de que a aparente desordem desse imaginário traçava um mapa, assim como nas contos de piratas.” (IMMEMORY, loc. cit. Tradução da autora.)

principais. Essas telas dividiriam assuntos, espaços de tempo ou ainda etapas de estudo para séries de obras, com um roteiro baseado no ir e vir do pensamento de César — como uma grande carta de muitos suportes.

1) Vê-se primeiro uma parte de seu rosto que aparece no vídeo e, em seguida, ambientes que foram habitados por ele, decorados por seus quadros porém sem sua presença física;

2) Ana Lúcia, sua irmã, aparece; podemos ouvir apenas sua voz, porque ele filma — chegou uma carta do Brasil. César fala sobre o barulho do lápis no papel, o sol de verão na Califórnia que o faz matar as saudades, ainda que minimamente, do Brasil;

3) As primeiras imagens dele são caretas e brincadeiras. Entende-se, por meio dos áudios, que César é um artista que foi para os Estados Unidos, que achou que seria fantástico, mas viu que não é bem assim e agora tem dúvidas sobre seu futuro em outro país;

4) Entende-se que pulsão por conhecer o mundo também o movia. Pode-se ver as fotos e registros de suas viagens pelo Havaí, China e Tailândia;

5) Mas apesar da vida que, quando comparada à situação brasileira, é uma que não lhe dá direito a reclamar, admite que há uma inquietude em relação a uma possível volta. César deseja trabalhar enquanto artista e produzir um trabalho digno de reconhecimento. No entanto, isso é algo que aconteceria a longo prazo — e por isso ele só consegue se perguntar “quando?”;

6) Nas cartas para família, fala da saudade, que é sempre presente. Da falta que tem de cada um, dos amigos e do carnaval;

7) A saudade é sempre contrabalançada pelo desenvolvimento de um trabalho, e da descoberta de um mercado possível para ele enquanto artista;

8) Por isso, não pode perder um minuto se está de fato empenhado em construir um trabalho que lhe renda frutos. O que, às vezes, em consequência de tal dedicação, o faz perceber que começa a pintar o que jamais pensou um dia;

9) A influência da cidade no seu modo de vida também é inegável. Uma cidade pequena, onde César jamais pensou em morar, um lugar que tem hábitos diferentes dos seus e que o faz vibrar ao encontrar um fragmento do Brasil, ainda que em

pequenos detalhes, como encontrar açafraão no mercado. Uma cidade que o faz lembrar como o amor no Brasil é diferente;

9) E em como a saudade bate forte, às vezes. E, nessas lembranças do Brasil, há espaço para recordar e citar cada um;

10) Há espaço também para ouvir dos outros algumas histórias que completam pequenas lacunas, como a infância e a morte;

11) Ao descer a escada com César, adentramos em seu estúdio. Ouve-se mais uma vez a respeito da sua vontade de ser reconhecido. Ouve-se também que só agora César se dá conta do artista que existe dentro dele mesmo. Suas obras, de formas diferentes, começam a ser apresentadas;

12) Sua primeira série, *Mulheres* — dos desenhos apenas em preto, à lápis, até os chapéus coloridos e os rostos fortes;

13) As exposições que fez e, por fotos de galerias, alguns de seus trabalhos posteriores;

14) E em seguida, uma aproximação nesses, a série botânica e a série abstrata, em óleo sobre tela: um pequeno detalhe para uma tela inteira;

15) César fala sobre o processo de transe na pintura, vê-se a série *Zodíaco*;

16) Os trabalhos à lápis de cor e os grandes formatos: uma infinidade de detalhes para se perder na observação;

17) (re)conhecer: três pessoas falam sobre a palavra e seus sentidos — eu, a astróloga, e o próprio César. Uma proposta de conhecer um César e deixar que ele viva dentro do próprio espectador. E a cada vez que revisitado pela memória, reconhecido. Sobrevivente no tempo, e sempre vivo;

18) César então mostra os presentes de Natal. A fita é cortada — ali, ele diria à família que estava com AIDS. Um e-mail de Dennes, que o levou para os Estados Unidos, explica em poucas linhas o César que tinha medo da morte, que era cheio de melancolia e uma pessoa muito talentosa;

19) E como no fim de muitas cartas, César se despede. Tenta não esquecer de ninguém, dá os parabéns aos que farão aniversário em breve. Vê-se sua silhueta correr na praia para longe. E sumir.

Dezenove telas, com diferentes navegações, contam da descoberta de um artista — um emaranhado de pequenas linhas, algumas soltas e muitas sem arremate. César tem uma despedida, mas não encontra a morte ou um encerramento. “Essas raízes, que são as coisas que você quer se libertar, daí você tem uma relação muito estranha com o outro, é uma maneira de tentar podar a raiz, mas a gente não poda, a gente entende elas e ultrapassa. Um dia você será as folhas e a seiva da árvore e não raiz.”⁵⁸ César: seiva e folhas. Respirar e ventilar. Pulsar, trocar e compartilhar do ar do mundo.

⁵⁸ PAPA. Progressão 1991 - o brilho de saturno, loc. cit.

6. AS FOLHAS ou eu sonhei que era uma árvore: conclusão

“Qual a relação entre mortalidade e tempo? Talvez seja o fato de que o tempo tem importância só quando algo acaba. A expressão ‘tudo o que é bom dura pouco’ é só metade da história (e nem é a metade verdadeira). Pois o que torna algo bom pode não ser o belo — com a licença de Platão —, mas o modo como algo capta seu próprio fim. Ser mortal quer dizer que o fim nunca está próximo. Dar-se conta disso transforma cada momento com promessa de significação.

E torna aquilo que importa menos dependente da força do destino, e mais de um imperativo interno de encontrar uma forma para si mesmo, antes que seja tarde.”

Paul Chan

Querido César,

quando pensei em te transformar em imagem eu achei que seria mais fácil. Eu recortaria alguns fragmentos de obras, somaria à sua voz sobre o que você tinha produzido, juntaria isso a algumas imagens suas, e essas imagens teriam o ruído grave ao fundo que sempre ouvi nas fitas que você gravou. No entanto, a cada vez que te ouvia de novo e outra vez, a cada quadro revisto, a cada novo mestre encontrado nos detalhes de sua obra, vi que poderia ser muito mais que isso. Vi-me cada vez mais emaranhada nessa trama sem fim que é você.

Procurar por você dentro de mim parecia à primeira vista impossível; depois, uma loucura que não tinha muito sentido; e que aos poucos se transformou em uma presença inegável a qual eu me acostumei. Sempre estive ali, talvez até antes de nos conhecermos. Eu não conseguia entender como é que alguém pode existir dentro do outro assim e mover tanto afeto — sem que as duas não tenham vivido num mesmo presente juntas. Que encontros seriam esses que ultrapassam planos temporais? Talvez estejamos em lugares diferentes do tempo, passados-quase-perfeitos, futuros possíveis do pretérito (ou seria o contrário?), mas, de alguma forma, coexistindo juntos. Seria realmente mais fácil procurar por você dentro dos outros, porque é evidente que você existe lá. Mas assim como eu só assumi a sua existência dentro de cada um que você conheceu, achei que bastava assumir a sua existência em mim. De início, foi fácil. E aí você ocupou tanto aqui

dentro que virou, como você mesmo disse, uma loucura, uma panacéia — alguma coisa que de tão grande não cabia mais só em mim.

Vi-me afetada pelas confissões dos fantasmas que habitam os Estados Unidos e que te fazem chorar, pela surpresa em encontrar um trabalho bom e digno da própria crítica e de galeria, pela alegria em conseguir mais uma exposição. E então, o coração apertou quando você revelou que não tinha mais culhão para ficar num país que não era seu, que a saudade trazia um banzo que chegava perto de tristeza — mas que ninguém precisava entrar numa de que você estava triste, não; ri contigo quando você contou do apontador automático que ganhou e agora não se preocupava mais em fazer pontas dos lápis de cor. Busquei você dentro do que deixou: encontrei a data que você passou por aquela cidade na viagem que fez ao sul, enviei cartas para o seu antigo endereço, conversei com muitos e te ouvi. E como te ouvi. Contei os tragos que você deu no cigarro, cantei contigo a música da Anita Baker. As pilhas de livros começaram a se amontoar, e comecei a buscar conceituações, assim como você. Aos poucos, eu fui percebendo que havia uma forma de um César aqui dentro. E acredito que seja mais ou menos parecida com você, já que foi assim que você se revelou pra mim.

Quando comecei a pintar as flores eu pensei que quanto mais eu eliminasse as flores, melhor eu transmitiria ou traduziria a expressão de uma forma, de um movimento ou de uma cor; comecei a mudar meus trabalhos de montão, e hoje já tou quase que na abstração do elemento, entendeu?⁵⁹

Achei que um retrato seu, ainda que escrito, como meu artigo, seria uma possibilidade de exprimir uma forma, seu movimento no mundo, em mim, nos outros que viriam a te conhecer. Te desconstruir para encontrar algo mais completo fez-me estilhaçar o pouco que era inteiro de você: um hora de fita cassete em fragmentos de falas, um VHS em pequenos vídeos e passagens por ambientes. De suas reminiscências que eu escolhi, um quebra-cabeças para montar um mapa do que seria você. Sei de cor algumas pausas, frases grandes ou descrições de sentimentos. Memorizei os adjetivos para cores tão fortes, sua maneira de falar, a

⁵⁹ PAPA, César. [*Correspondência em cassete 1*], loc. cit.

ordem do seu portfolio, os detalhes das suas obras. Admirei longamente as fotos que nunca compreenderiam o real de seus trabalhos, seja em tamanho ou complexidade. E quando dei-me por algo perto de satisfeita para um ensaio de uma narrativa sobre você, um tubo branco com o remetente da Califórnia chegou para mim.

Mas aí estão cores temáticas. Azuis dramáticos, vermelhos hemorrágicos, amarelos extasiantes, verdes trágicos. Uma loucura.⁶⁰

Por um bom tempo acreditei que tivesse entendido seu trabalho. Eu tinha visto a sua floresta e acreditei que ela resumia tudo. Mas não. Até eu abrir o tubo e desenrolar o papel. Duas mulheres me encararam com rostos extremamente fortes, e com cores em suas roupas e turbantes que eu jamais poderia imaginar. Não consegui nem encontrar os traços do lápis no papel tão densas eram as camadas de cor e tamanha delicadeza tinham as superfícies mais finas. Tinha textura. Era muito diferente das cores tão dessaturadas das fotos, da reprodução tão gasta e que provavelmente havia sofrido interferência de luz. E como se eu acordasse de repente, dei-me conta da sua capacidade de se fazer vivo e fazer de um suporte algo tão vivo. O quadro pulsava. Você, de alguma forma também. “Ai, Zé...”, minha mãe disse com os olhos tão carregados. E assim, soube que jamais poderia, ao ver qualquer coisa sua, lembrar de um gesto ou de um momento contigo. Entendi as cargas e os trovões no céu de quem te conheceu — e a potência da sua iluminação. Lembrei que os astros uma vez te disseram que quando as pessoas pudessem te viver através do seu trabalho e da sua criação, você seria reconhecido; você descobriria a sua identidade.⁶¹ E um trabalho tão vivo não foi feito à toa, certamente. Pensei na floresta dentro de mim e naquela dentro de você. E nas interseções que elas teriam. Na sua vida intensa e nos reflexos tão cromáticos em sua obra.

E por isso, não faz sentido não com você, mas com as pessoas, não deixar que sementes suas cresçam dentro delas também. Porque de tanto ouvir sua carta astral, de tanto cruzar linhas em seus mapas e nas minhas constelações, já sei de

⁶⁰ PAPA, César. [Correspondência em carta 2], loc. cit.

⁶¹ Id. *Progressão 1991 - o brilho de saturno*, loc. cit.

cor que a sua identidade não será construída por mim e nem foi por você — ela ainda aguarda os olhares dos outros para se fazer concreta. Por isso, continuo buscando as tantas formas que você existe em mim. E a cada maneira, encontro um César diferente. Te reconheço sempre que descubro você de novo. Reconhecer é voltar naquele que conhecemos um dia, assim como recordar é passar novamente pelo coração. Se eu volto em você, no César que existe em mim, te transformo e te vejo um novo César a somar com aqueles tantos que já existem, te reconheço. Já sei de cor também que em algum momento da sua vida, você vai deixar de ser raiz para ser seiva e folhas. Vai encontrar novamente e poder devir cada tom absurdo que aquela floresta deve conter.

O fim não é este webdoc. A cada trajeto completo dele, você se estilhaça de novo. E cada pequeno fragmentos seu começa a viver dentro de quem o conhecer. Para você, uma vida nesse presente que eu habito, uma vida além daquela que já existe nos objetos que você deixou ou dentro daqueles que você conheceu. Para você, uma vida de luz rasgante no céu da memória de cada um que puder conhecer o César — e que você seja um acontecimento intenso capaz de pulsar como seiva dentro deles. Se me perguntarem, direi que “ele mesmo fora feito mais para existir do que para ‘persistir [eu diria *insistir*] como uma bela lembrança’. É bem esse o sentido da palavra *Nachleben*, esse termo do ‘pós-viver’: um ser do passado que não para de sobreviver.”⁶²

Sempre,
Laura.

⁶² DIDI-HUBERMAN, loc. cit., p 29.

REFERÊNCIAS

• BIBLIOGRAFIA

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida.” In: Arquivos pessoais, *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), n. 21, 1998. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061/1200>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

BENJAMIN, Walter. “O intérieur, o rastro.” In: _____. *Passagens*. Belo Horizonte: Editora UFMG. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007. 1ª reimpressão.

_____. *Obras escolhidas - Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

COLOMBO, Fausto. “Memória e identidade.” In: _____. *Os arquivos imperfeitos*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. “Introdução: rizoma.” In: _____. *Mil platôs-capitalismo e esquizofrenia, vol 1*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. 1ª ed.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

ELENA. Direção: Petra Costa. 2012. 82 min, cor.

FOUCAULT, Michel. “Las Meninas”. In: _____. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Não contar mais?” In: _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 35-72.

IKEDA, Marcelo. “Os filmes diários de Jonas Mekas: as memórias de um homem que se filma.” In: *Revista Rumores*, 2012.

IMMEMORY. Produzido por Chris Marker, 1997. 1 CD-Rom.

INGOLD, Tim. “Trazendo as coisas de volta à vida – emaranhados criativos num mundo de materiais.” In: *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 18, n. 37, jan/jun 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ha/v18n37/a02v18n37.pdf>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

JOHNSON, Christopher D. "About the Mnemosyne Atlas." IN: *Mnemosyne: meanderings through Aby Warburg's atlas*. Disponível em <http://warburg.library.cornell.edu/about>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

KANDINSKY, Wassily. *Olhar sobre o passado*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LASALLE, Isabelle *Le webdocumentaire comme nouveau genre de l'audiovisuel: À la croisée des chemins entre documentaire et démarche journalistique*. 2012. Master 2 Professionnel - Mention information et communication, Université Paris IV - École des hautes études en sciences de l'information et de la communication. Paris, 2012.

LISSOVSKY, Maurício. "A memória e as condições poéticas do esquecimento". In: GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. *O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. Disponível em http://www.pos.eco.ufrj.br/docentes/publicacoes/mlissofsky_2.pdf. Acesso em 5 de novembro de 2015.

MATISSE, Henri. "Retratos." In: _____. *Escritos e reflexões sobre a arte*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Cosac & Naify, 2007, p. 196-201.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.

PAZ, André; Salles Julia. "Dispositivo, acaso e criatividade: por uma estética relacional do webdocumentário." In: *Doc-online*, n. 14, 2013, pg 33-69. Disponível em: http://www.doc.ubi.pt/14/dossier_andre_paz.pdf. Acesso em 5 de novembro de 2015.

PÉRON, Sylvain. *Le web documentaire en tant qu'outil de communication territoriale*. 2013. Master 1 Industries Créatives - Mention culture et médias, Université Paris 8 - UFR Culture et Communication.

RIBAS, Beatriz. "Contribuições para uma definição do conceito de Web Documentário." In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. *Modelos de Jornalismo Digital*. Salvador: Calandra, 2003

RICOEUR, Paul. *Vivo até a morte: seguido de fragmentos*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

SYNAPS. Realizado por Yaël André, Morituri, Pan! e ARTE, em parceria com o Centre du Cinéma et de l'Audiovisuel de la Fédération Wallonie-Bruxelles e do Centre national du Cinéma et de l'Image animée. 2014. Disponível em <http://synaps.arte.tv/>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

VÍDEO caseiro de César Papa. 1987. 1 VHS (127 min), cor.

WALDEN: diaries, notes and sketches. Direção: Jonas Mekas. 1969. 180 min, cor.

WELCOME to Pine Point. Criado por The Goggles. Produzido por The National Film Board of Canada. 2011. Disponível em <http://www.pinepoint.nfb.ca>. Acesso em 5 de novembro de 2015.

- ACERVO

PAPA, César. [*Correspondência em carta 1*]. Laguna Beach: 19 de fevereiro de 1987.

_____. [*Correspondência em carta 2*]. Laguna Beach: 9 de junho de 1987.

_____. *Progressão 1991 - o brilho de saturno: Carta astral de César. Rio de Janeiro*: 1984. 1 cassete sonoro.

_____. [*Correspondência em cassete 1*]. Laguna Beach - Califórnia: 15 de agosto de 1987. 1 cassete sonoro.

_____. [*Correspondência em cassete 2*]. Laguna Beach - Califórnia: 19 de agosto de 1987. 1 cassete sonoro.

_____. *Portfolio*. [1988?]. 1 álbum fichário com fotografias de obras de César e suas respectivas identificações, selecionadas por ele mesmo.

APÊNDICE

APÊNDICE A — cronologia

LINHA TEMPORAL

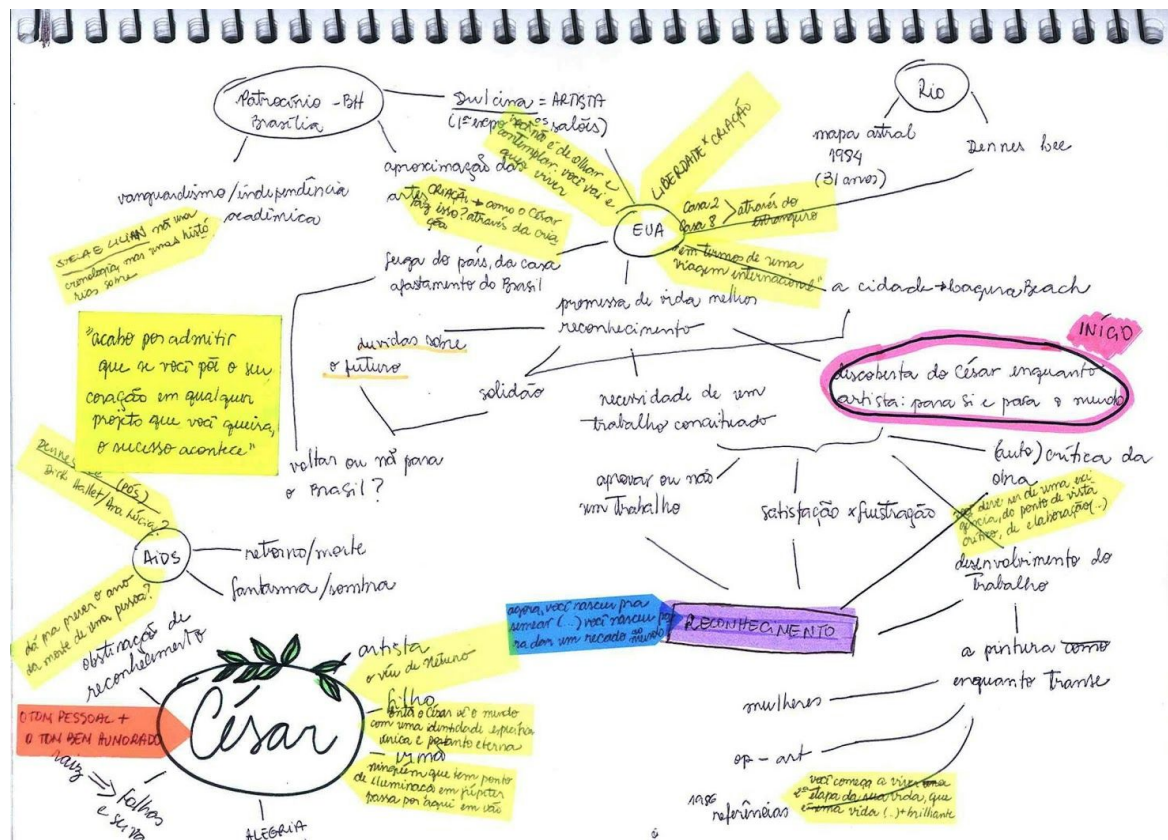
- 18 maio 1953 — nascimento
João César Santiago Bapa — Guimarães, MG
Touro; ascendente Áries; lua em câncer
- 1970 — ~~mudança para BH~~ mudança para Patrocínio, MG BH Patrocínio
~~mudança para BH~~
- 1972 — mudança para Brasília
- 1981 — Faculdade Dulcina de Moraes
SÉRIE MULHERES — início
(preto e branco, com detalhes coloridos.)
- 1982 — Salão Naval Riachuelo
Munção Honrosa
- 1983 — Salão Naval Riachuelo
medalha de Bronze
- 1984 — Exposição Individual com a série mulheres
ESPAÇO RENATO RUSSO
mudança para Rio de Janeiro - RJ
- 1986 — conhece Dennes
agosto — conhece Los Angeles, San Francisco, Laguna
Beach, Hollywood
setembro — conhece Havai
- 1986-1987 — conhece Índia - Tailândia
- 1987 — conhece Dirke, seu companheiro + exposição individual
abstratos
- 19/02/87 — carta
- 09/06/87 — carta
- 15/08/87 — Fita 1
- 19/09/87 — Fita 2
- 08/09/87 — carta
- 25/10/87 — carta
- 1988 — exposição + Ana Júlia vai para os EUA
03/06/88 — carta
- 30/06/88 — carta
- 05/07/88 — carta
- 28/09/88 — carta
- 1989 — retorno ao Brasil — data?
Brasília
- 1990 — morte

início
série Mulheressérie mulheres
+ inscrições de cor85
pop arte

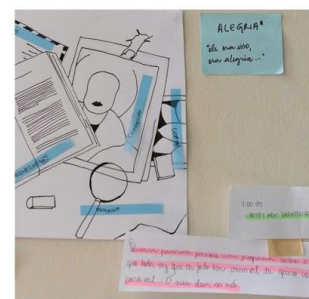
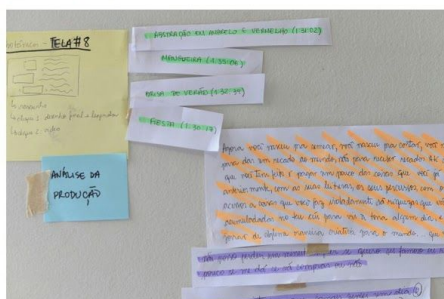
abstratos

botânicos em
zoom"jungle"
+ detalhessérie SIGNOS
referências

APÊNDICE B — mapa



APÊNDICE C — parede





ANEXOS

ANEXO A — PAPA, César. Composition. 1987. 1 original de arte, lápis de cor sobre papel, 58 in x 74 in. Coleção particular.



ANEXO B — PAPA, César. *Progressão 1991 - o brilho de saturno: Carta astral de César. Rio de Janeiro: 1984. 1 cassete sonoro. Transcrição.*

CARMEN: Dia 20 e...? 2? Que dia é hoje? 21 de agosto, 1984. Estamos entrando em Leão, signo de Leão, primeiro dia hoje... último dia de Leão, aliás. Vendo aqui o mapa do César. Você quando nasceu tinha sol a 27 graus de Touro, portanto, signo solar: Touro. E lua a 29 graus de Câncer, signo lunar: Câncer. Ascendente a 15 graus e 30 minutos de Áries, signo ascendente: Áries.

[01:03] Vamos ver o que a gente pode botar em gravação aqui de importante para você. Segura o microfone. Incomodando aqui o negócio... Eu acho que pega bem o som, a gravação tá saindo na caixa, tá aquela coisa distante... Enfim, essas tecnologias são uma chatice, mas vamos lá.

Você tem um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete planetas no primeiro quadrante do mapa, ou seja, entre o ascendente e a cúspide da casa 4. Isso significa uma concentração muito grande de energia interiorizada, porque abaixo da linha do ascendente você tem o teu inconsciente. Da casa 1 a casa 4 você tem uma pessoa voltada para dentro de si, uma pessoa mais, é... interiorizada, mais... voltada para as coisas internas do que uma pessoa voltada para o mundo externo – uma característica básica sua. Você tem Saturno com Netuno em conjunção em grau exato na casa 7 em Libra, Plutão a 20 graus de Leão na casa 5, é... Urano a 15 graus na casa 3 e 4 porque ele tá sendo cortado exatamente pelo eixo do descendente do fundo do céu entre a casa 3 e 4. Cabeça e caule do Dragão no eixo de 6 graus de Aquário a 6 graus de Câncer. E eu fiz aqui alguns cálculos relacionado a tua Lilith, que você não tinha ainda pronto, que tá no eixo Virgem-Peixes a 16 graus. E Roda da Fortuna a 11 graus de Gêmeos numa conjunção com o seu Marte, que também está a 11 graus de Gêmeos. Bom, essas são as posições básicas de seus planetas, se é que eu não me esqueci algum.

Vênus a 18 graus de Áries, repetindo. Mercúrio a 19 graus de Touro; Sol a 27 graus de Touro; Júpiter a 2 graus de Gêmeos; Marte a 11 graus de Gêmeos; e Roda da Fortuna em conjunção de grau exato (quase, né?) com... 12 graus a Roda da Fortuna está praticamente em conjunção em grau exato com o teu Marte.

O que isso significa? O que a gente pode falar a respeito disso de uma maneira

mais específica ou mais própria pra você? Em primeiro lugar, que você tem uma Vênus na casa 1, significando que você tem dentro de você toda a expressão venusiana: que significa o amor sensual, que significa o amor a beleza, significa o amor às coisas da terra. Porque Vênus rege touro, que é o teu signo solar e ela está na tua casa 1, que é o ego. O ascendente, o grau, a casa 1 significa “eu sou”, o resto é complemento. E esse “eu sou” é um “eu sou” cósmico. Não é um “eu sou” como o outro te vê, como a família te vê, como qualquer pessoa se relaciona com você. Porque como o outro nos vê, em termos de mapa, tem outro significado. Mas aqui é como você se vê, como você se reconhece, como você se descobre, como é que você vê inclusive sua posição no mundo. [04:56] É de uma forma venusiana, de uma forma sensorial, porque a Vênus também tem o significado de você querer ver, querer tocar, querer viver, querer pagar pra ver, como se pode dizer numa linguagem mais comum. Você não é uma pessoa de olhar e contemplar à distância, você vai e quer viver. Uma Vênus em Áries é uma Vênus em fogo, uma Vênus, eu diria praticamente combusta, por quê? Porque embora esteja em Áries a serviço da sua identidade, você tem um signo solar em Touro que é regido por Vênus. [05:27] E que Vênus é essa? É uma Vênus de terra. É uma Vênus que se encanta pelos prazeres da terra. Com tudo o que o planeta Terra pode te ofertar e que ele nesse momento, na década de 84, do ano de 1900, está gerando de influência sobre você. Eu dizia para você ainda há pouco que é importante ver a era em que nós estamos. Por quê? Porque isso tem significado do ponto de vista da constelação mais longínqua que dá o primeiro recado.

Estar na transição de era de Peixes pra era de Aquário significa que todos nós na posição de ascendente temos como recado básico a descobrir o que nós estamos fazendo nessa existência. E esse mandamento é regido e dado pela era cristã que é determinado pela nossa era que significa “amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Que é o que todos nós temos que aprender e descobrir na era em que nós estamos. Quando chegar a era de Aquário, quando estivermos na era de Áries ou de Touro, a coisa foi diferente. Mas nessa era o mandamento principal, eu diria cósmico e cármico de toda a nossa existência significa isso.

[06:43] Então o César vê o mundo com uma identidade específica, única, e portanto, eterna. Porque outro César não vai existir nunca mais, não há ninguém no planeta

Terra com suas características, não há ninguém no planeta Terra com suas impressões digitais, não há ninguém que respira, recebe, sente e doa como você. Isso é importante que você guarde. E você faz isso de uma forma ve-nu-si-a-na. É a maneira que você se conduz, é a maneira como você conduz a tua estrutura.

Como é que essa Vênus convive com o resto do teu *self*? Considerando que você tem grande parte dos teus planetas no 1º quadrante', [07:24] você é uma pessoa praticamente voltada para dentro. Você é uma pessoa que tem dificuldade de expressar o que se passa dentro de você. Mas todo mundo se comunica com o mundo de alguma forma. Como é que o César faz isso? Através da criação. E esta criação é uma criação artística, porque ele é basicamente uma pessoa de beleza, uma pessoa de arte. Porque Vênus rege também a arte, o amor à arte, tudo o que está relacionado a uma expressão artística no mundo, não fosse você uma pessoa de Touro, né? Mas você tem posições planetárias que favorecem a criação em você, que é sestio de Sol com Urano, sestio de Sol com Lua. A Lua simboliza a fertilidade, simboliza a maternidade, Urano simboliza a criação, a renovação; ele também sintetiza a imprevisibilidade. Então quando você junta a fertilidade com ao que é imprevisível você tem a criação. Você nasceu com o dom de criar, porque isso tá na tua origem a tua casa 4. A serviço, portanto, do teu Sol, porque trata-se de um sestio aqui, que vai inspirar vida naquilo em que você toca, naquilo que você impulsiona. É assim que você se comunica. Por que é que eu te digo isso? Porque você tem Marte com Roda da Fortuna em Gêmeos. [08:51] Gêmeos é um signo de comunicação regido por Mercúrio que é o deus da comunicação – que está também em conjunção com Sol, em Touro. Então você tem seu trabalho, sua comunicação, seu cotidiano sendo realizado através da arte numa criação. Como Urano está aqui nesse meio, Urano significa também a liberdade, porque ele é o regente de Aquário, e é a tua casa 10, que é oposto, portanto, de sua casa de Câncer, né? Está em Capricórnio-Aquário – [09:27] você é alguém que vai realizar gradativamente, num crescimento lento, do ponto de vista de tempo, do ponto de vista de percurso histórico, um trabalho a ser reconhecido publicamente. Mas, com um detalhe: você jamais vai se submeter a comandos e regras, porque Urano é o senhor dos céus, do ar, e ele tem que ter liberdade para se expressar; se ele não tiver liberdade, ele não se realiza. A sua criação se faz assim, o seu trabalho se faz assim. Você não

poderia criar se não fosse dessa forma. Aliás, eu acho que qualquer criação precisa de liberdade se não, não é criação, é coação. Então esse é o primeiro ponto forte do teu mapa.

A segunda coisa é a gente verificar porque é essa concentração de planetas entre 2 e 3? Eu dizia para você ainda há pouco que casa 2 e 3 também significa a primeira infância, também significa sua primeira *antorage*, também significa seus primeiros passos, também significa sua primeira descoberta do mundo em torno de si. Quando você ergueu os olhos e você começou a falar e você começou a descobrir onde você estava, você constatou que a sua casa, sua família, seu lar, não era aquele. Você porque tem, aí é uma característica de geração, Urano em Câncer, e no teu caso, em casa 3 e 4: não tem uma boa comunicação em casa e no bem estar da família. Você compreende e aceita mas a uma distância, a uma espécie de exílio – é como se você se sentisse exilado com a tua própria família. E eu diria que isso tem a ver com uma figura muito forte que é a tua figura de mãe, porque tem uma conjunção de Lua, e a sua Lua está em Câncer, onde a Lua está em trono, a tua mãe está em trono. Então, se a gente vai pesquisar isso mais detalhadamente, a gente vai ver que quando você tem um planeta ocupando a casa dele, ele tem tanta força de dentro que ele inviabiliza qualquer coisa que se faça ali dentro. É uma figura que pra você se tornou até difícil... de acesso. A gente tem que ver também a posição desse Urano, nessa casa 4 aqui. Quê que ele faz, quê que a gente constata que existe uma quadratura que é da geração, portanto, é uma coisa de energias mais fixas, porque são planetas muito pesados e muito lentos, que é uma quadratura com Saturno e Netuno na casa 7. Você terá uma dificuldade entre você, a tua maneira de ser, de se expressar, com a tua origem, a tua família e o outro. O outro significa qualquer pessoa que esteja diante de você, do ponto de vista de eixo ascendente-descendente. Não é o estranho, porque fora de nós qualquer um é estranho na realidade. E você tem uma posição, eu não diria que é privilegiada, mas diria que historicamente privilegiada porque poucas pessoas podem ter isso, que significa uma conjunção em um grau exato de Saturno com Netuno a 21 graus de Libra. Dois planetas pesados, um de terra e outro de água, num elemento de ar, regido pela própria Vênus que tá na tua casa 1. Como esses planetas são retrógrados eu lhe diria que você tem uma relação cármica com o outro. E a gente

vê aqui que tudo quanto é coisa cármica é uma coisa que você recebe de herança e porque você carrega de outras vidas, então é alguma coisa que você já tem dentro de você. Não adianta você buscar no outro um pedaço que é seu, porque você não vai encontrar lá. A tua origem, a tua casa, a tua essência, não está no outro, mas está em você. E você vai descobrir isso à medida que você for se relacionando com o mundo e com as pessoas. Agora, há uma questão difícilíssima aqui, que é o grande desafio do teu *self*, da tua carta, que é o fato de você ter Vênus na 1, regendo a tua casa 2 e a tua casa 7, né? E você tem uma posição praticamente quase em grau exato, três graus de diferença, da tua casa 1, os planetas da casa 1 com os planetas da casa 7. A própria Vênus em oposição a ela mesma enquanto regente. E o quê que pesa mais? Pesa, numa conjunção, e numa oposição... Onde você tem conjunção? Porque Vênus é um planeta muito rápido, muito leve; competindo aí nessa balança de equilíbrio com a massa de Saturno e Netuno, quem leva a melhor, são os outros dois, no caso, do outro lado.

O descendente, também, a linha do descendente, que é esse eixo aqui, também significa o nosso entardecer, né? Porque é onde o Sol está se pondo. Quer dizer, é o teu final do dia, o teu final de cotidiano, é o teu final de jornada, é onde você vai cair ao final da tarde. E ao anoitecer o teu eixo inconsciente, você vai estar aqui, que é onde o Sol está à meia noite. Então você sai, acorda, levanta de manhã, vai realizar seu trabalho, está em Sol pleno, em Capricórnio, na busca de um saber na existência, na busca de um conhecimento profundo, na busca de um conhecimento maior, que é uma grande atração que você tem também. Ao entardecer você está nesse grande mistério que é pra você o outro. E você também significa um grande mistério para o outro. [15:01] Eu dizia pra você outro dia na tua casa que as pessoas terão sempre dificuldade de te reconhecer. é uma relação com o mundo, com o outro, que é uma relação de atração imediata ou não é de atração imediata, quer dizer: eu gosto ou não gosto. Quer dizer, você também tem uma atitude muito passional com relação àquilo que você vive e faz e uma relação de mistério, por que uma relação de mistério? Porque onde tem Netuno, a gente tem um véu, a gente tem o nosso oceano profundo. Ao mesmo tempo em que você é para o outro um grande segredo, porque está aqui Plutão em um sestio, o outro também é pra você também é um grande mistério. Mas isso tenderá a se amenizar, na hora em que o

Saturno começar a fazer um efeito mais profundo na tua vida, porque ele vai deixar de estar retrógrado no teu mapa, quando você fizer 38 anos de idade. Como Saturno é o trabalho lento, o trabalho profundo, é o que fecunda, na verdade, porque ele rege inclusive a agricultura, mitologicamente falando. Onde você tem Saturno você tem plantio, você tem segurança, você tem conquista de fato. Não é fogo ariano, mas é uma conquista plantada às duas pernas. Na casa 7 significa as relações que você de fato frutificou. São raríssimos, difícilísimos, mas uma vez estabelecido esse elo, ele fica, ele permanece. Você pode não estar colhendo os frutos agora, não estar vendo, mas ela vai aparecer. [16:32] E tudo que você plantou de fato, quando você se libertar desse planeta retrógrado você vai começar a ter consciência disso – mas não é uma consciência mental, é uma consciência cósmica. E as pessoas de você. Porque veja bem: o que significa o movimento de um planeta retrógrado? Ele passa três vezes pelo mesmo ponto: porque ele vai pra frente, volta, porque que ele anda para trás e ele passa novamente, porque ele vai em marcha direta. Então, é onde você tem uma revisão, um copydesk, uma crítica, uma censura muito forte. [17:06] As pessoas na sua vida você vê, revê dentro de você, no mínimo três vezes. Como aquilo que você faz com relação a Saturno, que rege a tua casa 10, da tua carreira, portanto o que você faz também com o seu trabalho. Você deve ser de uma exigência, do ponto de vista crítico, de elaboração, daquilo que você realiza, muito intensa e muito forte. Mas é você com aquilo que você tá fazendo. Você não revela isso pro mundo.

O que você revela para o mundo, eu já te disse, é uma coisa que é muito misteriosa, porque você é Plutão que você tem no eixo do que significa o quadrante do mundo, né? Essa parte daqui. Plutão rege os infernos, rege a morte, rege a transformação, rege a renovação, rege a transmutação, rege a cura. Porque ele é o eixo de ligação entre o mundo subterrâneo e o mundo superior. Que é o que você passa para o mundo através da sua diversão, das suas alegrias, dos seus prazeres. Como isso está num trígono com Vênus, você tem imposição de carta natal, o que regularmente as pessoas têm por volta dos quarenta e dois anos, que é um trígono Vênus-e-Plutão, você tem isso na sua regência básica. Portanto os seus amores são amores cármicos, as suas relações afetivas são cármicas. Como conviver com isso? É a pergunta básica. Duas coisas você pode saber fazer, imagino que você tenha

consciência disso. Ou você se transforma e se renova através disso, já te disse, você tem um ponto de iluminação no eixo de Sagitário na tua casa 8, que é regida por Plutão, que casa 8 é casa da transformação, da morte, de Plutão, que está a serviço disso, na casa 5, na sua alegria, na sua diversão, nos seus prazeres. Prazeres esses que no teu caso são realizados de uma maneira venusiana. Então você tem que tomar muito cuidado com: todas as doenças do amor. Tanto do ponto de vista mental, quanto do ponto de vista físico, e sobretudo do ponto de vista de ânnima. Porque você aparentemente não é suscetível porque você revela uma coisa, entendeu? [19:26] Que você conota para o mundo uma coisa que você não passa; porque tudo o que você quer na verdade é ser recebido com liberdade, com carinho e com amor, e é como você que se dar para o mundo na sua existência – que é o que você não recebe do outro porque eles te vêem de outra forma. Até porque o mundo puxa baixo, a Terra tem uma gravidade muito densa e ela puxa para baixo. Mas o teu ponto de iluminação está em Plutão, na casa 8, no caso em Sagitário. A gente vai lá procurar onde tá o seu Júpiter: ele está na tua casa 2, regido por Mercúrio. Você terá uma comunicação através da sua ação, através da sua arte, através da sua criatividade, que vai levar você a ter a tua iluminação. O que é a iluminação de cada um? É quando a gente, tomando consciência do que a gente veio fazer nessa vida, abolindo as próprias emoções e as ligações terrenas, a gente se encontra sozinho e diante de si mesmo e diante do cosmos. No teu caso isso se dá através de Sagitário na sabedoria da vida, na transformação plutoniana. Eu poderia arriscar que pode ser através de um grande amor que você tenha, ou um grande exílio, uma grande paulada que leve você a rever isto aqui. Que te dê um certo castigo – não gosto de usar essa palavra não, porque eu acho ela muito pobre, mas que faça com você passe para pensar um pouco sobre o quê você tá fazendo na tua vida. E isso é uma coisa que te acompanha per-ma-nen-te-men-te, porque onde a gente tem Plutão e Netuno, a gente tem uma consciência muito clara daquilo que se passa com a gente.

Uma coisa é a gente passar para o mundo uma certa postura de não-consciência, outra coisa é a gente ter isso com a gente. E você, calado no seu silêncio, você tem consciência de muita coisa. Agora, você foge disso, né? Porque veja bem, César: a casa 2 e a casa 8 é um eixo tá? Vou virar o mapa para você ver – é como se fosse

uma ampulheta, tá? Você pega aqui essa base e você vira para cá, aqui é casa 2 e casa 8 é um eixo. Casa 1 e casa 7 é um eixo, casa 2 e 8 é um eixo, casa 3 e 9 é um eixo, comunicação num nível menor e comunicação num nível maior. Casa 4 é origem, parto e família, casa 10 é o destino, a carreira quer dizer: de onde eu venho e para onde eu vou. Então você sempre vê nesses ângulos. Como te pesa muito a casa 2, que são os valores mais terrenos, valores mais imediatos, as coisas mais objetivas e práticas, você tem uma tendência a fugir daqui. Do que significa esse mistério, que Plutão também é um mistério muito grande. O que significa um outro lado da vida, o que significa as coisas esotéricas, que embora te atraiam muito, você tem tendência a fugir. Mas é através do seu cotidiano, através da sua criação basicamente que isso vai aparecer para você. Mas você tem um trabalho muito forte a fazer que é isso aqui, veja: uma quadratura de Mercúrio com Plutão, quadratura na verdade, tou falando de simbologia, que eu não sei se você sabe, são eixos de energias difíceis porque uma puxa pra um lado e a outra puxa para o lado oposto. Com se tivesse dez 10 gladiadores aqui, 10 do lado lá e vamos ver onde a corda arrebenta - quando a gente não tem que dividir as coisas, a gente tem que somar as coisas. Porque se a gente divide a gente vai rachar pra cá ou pra lá e ambos são importantes, veja só: eu e o outro. Eu não posso me opor entre mim e quem está diante de mim, porque preciso do outro e o outro de mim. Então o que a gente faz? A gente se busca no outro, mas o outro não se busca na gente. Aí dá o rompimento. Ou a gente quer que o outro esteja com a gente, mas o outro não vê a gente como a gente acha que deveria ver. Cria caso, dá briga, pode não ser uma briga aparente, mas dá uma briga interna. Que eu chamo de desencontro, de ideal ou de sonho.

Você é uma pessoa venusina é uma pessoa muito romântica. E o mundo faz com que você transpareça outra coisa. Quer dizer, o mundo cobra de você outro tipo de postura, outro tipo de atitude – que é o que você não quer ter. [24:01] Agora você nasceu para semear, você nasceu para plantar, você nasceu para dar um recado ao mundo, não para receber recados. Até agora o que você tem feito é pagar um pouco das coisas que você já recebeu anteriormente, com as suas leituras, com os seus percursos, com os seus acessos a coisas que você faz isoladamente são riquezas que você está manipulando e que vão sendo acumuladas no teu self para vir à tona algum dia, que vai jorrar de alguma maneira criativa para o mundo – que vai ficar aí.

[24:37] Porque nada é em vão, né? A gente não lê nada, a gente não conhece uma pessoa, não cruza com não sei quem, não come alguma coisa à toa, isso tem um significado, independente de como a gente digere as coisas e processa. Agora você sofre antes disso, duas vezes: uma porque você quer se dar, outra porque você se arrepende quando você percebe que o outro tá tendo acesso a você e outra porque você corta, e corta sempre de uma maneira muito fria, que é a postura saturnina com relação ao outro, é uma coisa implacável. E cada arrependimento leva a você a retomar uma outra coisa, nova – que não é nem exatamente também o que você tá querendo fazer, você quer estabelecer alguma coisa que seja profunda, intensa e duradoura, de uma maneira também que te deixe livre, porque você não quer ninguém no teu pé. Embora Touro seja muito... vulgarmente falando, possessivo e ciumento, e quer ter as coisas sob o seu controle, mas ele não quer estar sob controle – essa é a tua grande contradição em termos de existência. Porque as pessoas começam a querer controlar você e isso você não admite, nem do ponto de vista prático, nem subjetivo, daí por que você não se entregar às forças ocultas: porque você não quer estar dominado.

Outra coisa que eu vi aí também, foi o fato de que você nasceu num domingo, donde você é uma pessoa de alma de sétimo raio, que tem um poder mágico, “mágico” vem do *magno* grego, que significa “ter acesso ao domínio da magia”. A magia é a transformação, o encanto, aquilo que faz a gente possa fascinar e seduzir. Então você trabalha com essa magia como? Como é que você exerce isso? A gente procura então Plutão e procura *Scorpio*. O quê que *Scorpio* faz? Quem rege a tua casa 8 é Escorpião, que tá no eixo correto porque ele é de fato o regente da casa 8. 8, o símbolo do infinito, é a transformação permanente. É o oposto da casa 2 de qualquer pessoa, que no teu caso tá cheio de planetas. Você tem muitas ferramentas para fazer com que depois que você dê a virada e o grande salto da tua vida, você venha para o outro lado, que é onde está o teu ponto de iluminação. Você repara que a tua estrela de iluminação embora em Sagitário, ela tá no finalzinho da casa 8, né? Isso aqui é 12 graus de Sagitário. Agora, são posições de muita, você tem força demais. E quando a gente tem força demais, e a gente não sabe lidar com elas, elas rebentam com a gente. Especialmente uma pessoa que não quer viver dominado pelas forças, entendeu? Agora, regra geral, o que acontece é o seguinte:

todo mundo que tem muita força não quer ficar dominado da força, quer dominar a força. E a grande regra da astrologia é ensinar o seguinte: nunca abuse da força. Porque se ela existe em você, ela veio para que você faça com que ela jorre. Você não pode fazer obstáculo, você tem que deixar ela fluir. Se você impedir que a força se faça, você vai implodir. E onde essa energia estiver acumulada é onde você vai gerar doença. A doença não é nada mais nada menos que o desequilíbrio de energia no teu organismo. E o teu organismo são três níveis: espiritual, astral e físico. Mas você tem que ver de que maneira você não tá permitindo que a tua energia flua ou não flua espiritualmente, flua ou não flua astralmente, flua ou não flua fisicamente. E sempre lembrar que o espírito rege a matéria.

Em primeiro lugar: na hora em que a gente tem consciência do *self*, e a gente sabe que ferramentas de trabalho a gente dispõe para conviver consigo nesse mundo chamado planeta Terra, no ano de mil novecentos e alguma coisa, 53 em diante, portanto, tem um contexto social, tem um contexto histórico, você nasceu na América Latina, no Brasil, que também por sua vez tem uma séria de regências em cima – a gente não pode esquecer nunca desse detalhe... Que diferença se você tivesse nascido no século passado na Europa! Mudava tudo. Mas essa emanção de vida veio a nascer aqui, né? Com um mundo de preconceitos, com um mundo de inconsciências, no sentido de não tomar consciência da própria atitude de cada um como sujeito, como indivíduo, como cidadão, com vida única e eterna – porque ela só se faz uma vez. Se você não trabalha isso, você não supera o seu eixo para chegar à tua iluminação. E eu posso lhe dizer tranquilamente que você volta carregando isso novamente para trabalhar – e eu acho que você não quer. Porque você não gosta de lidar com aquelas coisas que você não sabe do que se trata. Você vive, mas você não gosta. E por que eu digo que você não gosta? Porque o eixo 2 e 8 é “eu gosto ou eu não gosto”. E do encontro de Plutão com Vênus vai o “gosto ou não gosto” ou o “faço ou não faço”. E você sempre paga pra ver. E muitas vezes você abusa um pouco do pagar pra ver, né? E acaba se... eu diria se machucando, mesmo, porque você exagera nisso. Veja bem, numa energia regida por Vênus e por Plutão, vou te contar a história de Plutão, que é uma história muito bonita.

Depois que Júpiter destronou Saturno, porque Saturno era o rei do Lácio e ele teve

seis ou sete filhos; e ele engolia os filhos. Astrologicamente, onde você tem Saturno, você engole tudo, né, você fagocita (é a melhor palavra), porque na verdade ele engoliu mas ele engoliu vivo. Ele não mastigou, ele não queria ter concorrentes. Veja bem, você tem isso na casa do outro, né? E Júpiter, salvo pela própria mãe, entregou Júpiter a ser criado por Reia e ele mais tarde veio adestronar Saturno e salvou os irmãos. Deu o reino do fundo do mar para Netuno e o reino do fundo da Terra para Plutão. Só que Plutão se sentiu muito isolado e solitário no fundo da Terra e ele queria uma companheira. E ele veio à Terra e raptou uma mulher, que fugia, a cada seis meses. Por isso se diz que uma pessoa com trígono de Vênus, que seria a noiva exilada de Plutão, quando ele encontra uma relação forte, uma relação cármica, que no caso será em Leão e Áries, que é onde você tem Vênus, você tem Plutão, nesse trígono, vai bater uma paixão violenta que você não explica. Será seis meses de vida intensa, seis meses de sofrimento absoluto, que Plutão domina, que é como Plutão vive. Agora, César, a gente tem que ver o seguinte, porque esse é um eixo cotidiano, porque a Terra 24 horas por dia roda em volta do Sol, a gente junto com ela; então 24 horas por dia a gente passa por tudo isso. Considerando que o Sol amanhece nessa posição, meio-dia ele vai estar aqui, no final da tarde ele vai estar aqui. Então a tua loucura relacionada ao outro e ao mistério do outro fatalmente acontece entre cinco e seis horas da tarde. E a tua criação se dá a partir de meia-noite, de madrugada – é o momento que você está mais inspirado para criar. E especialmente em torno de meia-noite para cima, porque aqui, é oposto do [inaudível] se aqui é meio-dia, aqui é meia-noite: é quando você tem maior fonte de inspiração, você deve querer trabalhar de madrugada; e deve criar muito nesse momento. Quiser matar você, bota você para trabalhar em torno de meio-dia, nove horas da manhã, duas da tarde, que você tá entrando em outra coisa. Tua hora mágica é essa hora aqui: meia-noite até uma, duas e meia, três horas da madrugada. Você é capaz de virar uma noite fazendo um trabalho que te puxe. Então é... Perdi o que tava falando.

33:26 CÉSAR: [inaudível]

CARMEN: É. Então quando você Plutão em casa 5, regido pelo Sol, você vai

procurar onde é que o Sol está, porque está influenciando Plutão, porque está sob a Égide do Sol. O Sol é a vida, onde nós temos o Sol, nós temos nossa fonte de energia. Você tem tua fonte de energia em Touro. Então você é venusiano duas vezes. Primeiro, ele está no ascendente, a três graus do ascendente, portanto, está num ângulo de ascendente muito forte. Segundo, porque o Sol está dentro da casa de Vênus. E em terceiro, porque o Sol rege Plutão. Então você tem com o mundo, com as pessoas, com os seus gostares, os seus valores, basicamente, uma relação plutoniana, e onde a gente tem Plutão a gente tem relação cármica. E eu posso afirmar que você tem uma vida cármica muito forte, que, em minha opinião, significa riqueza, porque são coisas que você traz de outras vidas, e quem não tem relação cármica não tem vida passada e quem não tem vida passada não tem riqueza inconsciente. Então não tem história acumulada na existência, não uma história de vida a partir do momento em que nasceu, mas uma vida pregressa. Porque você tem um Plutão cármico, um Sol cármico, uma Vênus cármica, um eixo de Lilith, que está em cima de Vênus e Peixes, né? Que trabalha tua ilusão, teu inconsciente, tua saúde, teu cotidiano, levando você a se iludir com relação ao teu eixo do que fazer, especialmente em torno de sete e meia, oito horas da noite, que é a tua hora de lua negra, tua hora de magia, com relação ao teu cotidiano, com relação a tua noite, você tem que tomar muito cuidado com essa hora na tua vida. As coisas que pintam pra você depois de sete horas da noite, são coisas que levam você a pirar, do ponto de vista de perder a tua consciência. O teu eixo de Lilith tá aqui. É uma coisa que te atrai muito. Tudo que pode vir de mal pra você no sentido de te prejudicar, pinta nesse horário. É pra você ir se recolher. E difícil, viu? A gente poder se livrar do eixo de Lilith, especialmente quando ela tá no nosso cotidiano, que no caso é uma coisa que é diária. Se a gente tem a Lua negra aqui, a gente tem por exemplo na casa da família, no caso da 2, da comunicação. Mas tendo na casa 6, é uma coisa que cotidianamente tem alguma coisa que te atrai, que te impulsiona para o mundo, que você não sabe muito bem o que é e que você, que o mundo te segue, cegamente. Porque a Lilith é a nossa Lua negra, é a nossa deusa má, ela nos ilude, ela nos encanta, ela nos seduz. A história da Lilith, ela era a terceira mulher do Paraíso, que foi preterida, resolveu vingar-se da humanidade, fazendo com que a humanidade se iludisse no seu próprio percurso. Quando você a desmascara, ela fica sua escrava,

ela trabalha pra você, e não contra você. Então você vê que você tem coisas muito difíceis, e muito ricas, portanto – nada aqui é fácil, é bom, né? As coisas muito fáceis não têm muito valor. Então você veja bem, a nossa casa 12 é nossa a casa de reflexão, a nossa casa de inconsciente, não inconsciente coletivo, inconsciente coletivo é aqui, mas consciente individual, né? Que leva a gente a pensar sobre as coisas que nós realizamos diariamente. Ela é o oposto da casa 6, que é o trabalho, a prestação de serviços, a saúde, o dia-a-dia, escovar dentes, tomar banho, pagar contas, arrumar a casa, falar com empregada, enfim... “Eu na Terra”, né? E aqui é o reverso disso, enquanto aquela... Outro lado da ampulheta. Quando você abusa cotidianamente das suas energias, na hora que você chega na casa 12, você cai. E aí vem Netuno, no silêncio do repouso, de quem tá doente, só pra dizer agora o que faz da tua vida. Porque não há momento nenhum em que a gente tá mais solitário, do que quando a gente tá em cima de uma cama. Mesmo que a gente vá no alto da montanha, a gente não tá tão solitário como a gente está aqui, tá? Veja onde tá teu eixo de Lilith – está na casa 6 com casa 12, bem no meio, né? Então, tudo que a gente abusa da força, e a nossa força é aquilo que a gente dispõe, de energia física, de energia mental, de energia astral. Quando a gente abusa disso, numa roubada, a gente cai aqui. E como você tem Lilith aqui, ela leva você a se iludir com um poder que você pensa que controla, mas que é muito maior que você. [38:04] Porque você ao mundo a serviço de uma outra coisa: você veio aqui para dar de volta o que você recebeu de outra existência – através da criação. Lembrando sempre da fertilidade da Lua, ao lado de Urano, que dá criatividade, regida pela beleza e a arte venusiana, que é o teu ego, é o tu: eu sou o César. Tá? Esse é o teu recado máximo, em era de Peixes. E repito mais uma vez: se estivéssemos em outra era, a coisa seria diferente.

Então, por que será que você está fugindo de escorpião, do ponto de vista do que significa o mito e a transformação plutônica de escorpião? Porque você não está pronto. Quando você se libertar do jugo de Saturno que tem obrigado você, de certa forma cotidianamente a se estudar, a se ver, a se reconhecer, a se descobrir e a pesquisar o mistério do cosmos em você e você nele, você vai entender e lidar com essa energia de uma forma mais tranqüila. Não vai precisar entrar armado na boca do leão, na jaula. Não vai precisar chegar dizendo “tou eu aqui, David, de mãos

nuas”, e pronto. Porque o que rende de Plutão, o que seduz Plutão, você vai descobrir isso, é Vênus. Mas não é pra você fazer aquela coisa que eu costumo dizer de: camba o bonde, para, toca a campainha, dá um pedaço de carne, toca a campainha, dá uma cacetada na cabeça. Então ele fica esquizofrênico. Há uma energia esquizofrênica em você relacionada a Plutão, né? Que faz com que você se atraia e você ao mesmo tempo que foge, temerariamente. E como você tem medo, você não enfrenta. O que você enfrenta, na verdade, são coisas que você sabe que você pode cortar. Só. E quando você sente que não pode conviver com ela, porque vai te dominar, você sofre muito para se libertar. Quando você perder este medo e esta perda desse medo virá através dessa força que você tem na casa 7, que diz, não é se buscar no outro, mas é buscar o outro em você. O que que há de estranho em você mesmo que você ainda não teve contato com ele. O que existe de estranho em nós que a gente não teve contato com ele, em cada um de nós, é o que está em nosso eixo mais profundo e inconsciente, que é de onde nós viemos, que simboliza a casa 4, esotericamente. Então, o que existe mais oculto em você é a maternidade, ou é a relação de exílio que você tem com a maternidade. Como é que você vai descobrir isso, como é que você vai desvendar isso – isso não é pro mundo não, é você com você – e quando você superar isso aqui, isso não será mais um mistério. Porque você vai lidar com isso aqui de uma maneira muito tranqüila. Agora, pra gente ver como é que o mistério se desvenda, no caso, de onde é que nós viemos, a gente tem que passar por onde é que nós vamos, tem que procurar a tua casa 10. Que é a tua cabeça do Dragão, que é o teu ponto de espírito também, é a tua centelha de luz para descobrir esse segredo, tá na tua casa 10, que é tua carreira, onde seu sol brilha mais, né? Casa 9 e casa 10. Casa 9 são os estudos superiores, os estudos profundos, é a filosofia, é a viagem; a viagem aqui não simbolizar ir de um lugar pro outro, mas é sair de si, naquilo que você considera uma coisa *square*, para uma coisa que é o vasto universo. Cada um faz essa viagem segundo seu próprio potencial: tem gente que transar um ácido, tem gente que vai pegar um trem e vai morar na Europa, tem gente que vai viajar através da filosofia hindu, tem gente que vai fazer yoga, tem gente que vai pintar, tem gente que vai cozinhar, mas cada um vai fazer uma viagem, que é a seta de Sagitário, né? Quem rege a casa 9 é Sagitário, e é Júpiter, que leva a pessoa se transcender. Ele olha pro alto e lança a

seta dele pro alto, onde ela vai cair é onde ele é capaz de jogar sua força. É esse o símbolo do Centauro, ele é não é um cavalo que fica de cabeça para baixo pastando, mas é alguém que busca uma coisa mais alta. Então você procura o seu Júpiter, e onde é que ele tá? Entre o Sol e Marte, entre sua vida e sua ação. É entre como você vive o que pratica que você encontra a saída que é o seu ponto de iluminação para desvendar o mistério que existe em você com relação a maternidade. Como é que você vai trabalhar isto? Vamos ver que ângulos o Júpiter faz com quem. Ele tem trígono com a cabeça do Dragão que está em Aquário, então terá que ser através da liberdade, porque de casa 10 que é a carreira, trabalho, significa mundo social. [43:10] Será através da liberdade de criar, a liberdade de gerar alguma coisa no mundo, quando você tiver uma expressão pública de reconhecimento, a tua identidade se fará. Porque ela não é pequena, ela é muito grande. Você tá acompanhando o processo da coisa, né? Então, veja só: isto depende do teu esforço, porque Marte simboliza no caso do homem, a posição dele enquanto atitude. Você está cercado enquanto Júpiter, Sol que é tua vida, e o Marte, aonde? Em Gêmeos. O que que é Gêmeos? Regido por Mercúrio que é a comunicação, ele tá dentro de Touro. Você está com sua tradução perfeita feita aqui. É você na sua vida, no seu signo solar, Touro regido por Vênus, que tá na sua casa 1! Ou seja: eu sou o que eu pratico e o que eu realizo com relação ao mundo e a minha carreira social. E sou eu sozinho. Porque não tem o outro aqui não, porque o outro está exilado em quadraturas vermelhinhas para tudo quanto é lado. [44:16] É através disso que eu vou ser visto, reconhecido e, portanto, na hora em que eu for reconhecido pela minha criação, eu descubro a minha identidade. É o mundo quem vai lhe dar este espelho. Mas é o mundo público, tá? Não é o mundo do outro, não. Mas isto se fará quando você se libertar do outro enquanto indivíduo dentro de você. Porque quem faz um trabalho público, ele faz um trabalho pra muitos, não é pra uma pessoa. Você não se revela pra uma pessoa – e nem se permite isso, porque você não consegue! Porque o outro não te vê nunca. Agora, muitos podem te ver num trabalho realizado, e podem te descobrir e te reconhecer. Nessa hora você descobre a tua identidade. Ninguém que chegar pra você, cantarolar qualquer coisa nas tuas orelhas vai te convencer. Mas alguém que chega e reconhece um trabalho seu, e te vive através do seu trabalho, da sua criação, vai fazer a construção cósmica da sua

identidade, e aí você vai acabar com isso aqui. Mas você não pode se dispersar nesse perigo que significa perder e consumir a tua energia venusiana no fogo ariano. Que é a pura centelha do que aparece entre a hora que você amanhece e a hora em que você finda o teu Sol, aqui é onde o Sol se põe. Você tem que passar o isso. E o Plutão aqui expande muito essa coisa, né? Porque tá em sestio aqui, ele expande essa tração e... expande essa atração. Mas ele também te dá força de vida de transformação, você é alguém que se disser que daqui em diante não vai ser mais assim, não é mesmo. Eu me dou 24 horas para me recompor e aí se recompõe. Eu me tenho 48 horas de prazo para dar essa virada e você faz. Porque você tem esse poder.

[46:19] CÉSAR: Esse poder, essa merda!

CARMEN: Não, isso é um poder. Se você quiser fazer um trabalho que ninguém faz em 30 dias, você faz em 3 horas. Se você quiser se recuperar de uma cirurgia, de qualquer coisa, porque Plutão também é cura, você faz. Mas é preciso que você queira! A tua vontade é imperiosa porque na casa 1 é “eu e a minha vontade”. É “eu sou” e o que eu sou, é o que eu quero, né? Não é a vontade enquanto realização terrena, mas é a vontade enquanto “eu deixo que a energia flua”, e quando você quer que a energia flua, ela realmente flui.

Eu acho que a fita está acabando, não dá pra ver direito, mas enfim, quando acabar, acabou. Não, acho que ainda tem um pedacinho, eu é que não enxergo ali.

Então, você está com, 53... Você está com 31 anos. 31 anos é uma idade de renovação de Saturno. Porquê? Saturno leva de sete anos, a sete anos e meio, quase oito, para fazer uma órbita. Então a primeira mudança de Saturno que a gente tem que significa, a gente tem um holofote de Mefisto na cara da gente, é quando a gente faz sete anos a oito anos de idade e a gente começa a descobrir que a a gente é diferente um pouco das pessoas e do mundo, começa a quebrar os dentes, e tal. Depois, de novo, você tem mais sete, oitos anos, entra na puberdade, outro tipo de transformação. Depois aos 29 anos para 31 anos é que a gente começa a questionar a razão da gente com relação ao outro. Já vivemos as nossas primeiras experiências, já vivemos as nossas segundas experiências, já sabemos o queremos

e o que achamos que não queremos, e começamos a questionar essa coisa. Então você está agora na idade de 31 anos, com Saturno em grau exato aqui, né? Ele está em escorpião agora, está passando por aqui, chegando para levar, a sua casa 8. Quando Saturno passa, o que ele faz é te encostar na parede,

00:58 CÉSAR: [inaudível]

CARMEM: é te dar um xeque-mate. E como é que ele te dá um xeque-mate? Você tem que ver o que é que ele rege e onde é que ele está. Ele rege sua casa 10, ele rege sua carreira. [01:11] Então, você deve estar numa fase de 30 anos a 31 de idade, numa posição muito crítica com relação ao seu trabalho. Começa a fazer, não gosta, rasga, joga fora e acha que não tá bom, que não é bem aquilo, deixa vir outras coisas, mas aí não sabe muito bem como lidar com aquilo, vem um senso ético em cima disso que não é bem isso, e é um pouco um mundo de conflito nessas coisas.

E a sua relação com o outro, que você está questionando muito isso, de uma maneira muito solidária e de uma crítica implacável, você com você. Porque Saturno leva a botar você na balança e dizer “você não vale tanto quanto você pesa ou você pensa que pesa mais do que vale” e não é bem assim. Ele faz com que a gente fique nu diante do dedo de Deus, assim, e diz assim “eu não sou nada”, vai por aí afora. Você faz um verdadeiro balanço da tua vida nessa idade. Como você tem Netuno junto, o quê que acontece? Passa por um crivo Saturno junto de Netuno que dissolve como quem joga ácido, toda a tua estrutura relacionada aos encantamentos, mitos da relação com o mundo, das associações, dos seus casamentos, da sua relação com o outro. Tudo o que valia muito, passa a não valer nada. Tudo o que não valia nada pode valer alguma coisa, porque você passa a rever. E como você se colocava antes, você passa a ver o quê que você foi de injusto, o quê que você foi de bom, o quê que você fez de ruim, quê que você está fazendo com a sua existência. Aí você começa a tomar consciência do seu caminho. É nessa idade.

A partir daqui ele vai entrar em Escorpião, que significa no seu caso, porque ele tá casa 7 e em seguida vem Escorpião, a sua transformação. Ou você se transforma,

ou você não se transforma. Ou renasce ou você morre, mas mesmo morrendo uma pessoa renasce. Uma outra coisa: você nesse instante, entre 31 anos e 32 anos de idade, até os 33, tá vivendo uma renovação de vida que você tá inclusive renovando coisas relacionadas ao seu próprio corpo. Você deve ter passado por coisas de infecção, deve ter passado por problemas de renovação até sanguínea, que é uma oposição ao eu. E isso aqui rege o sistema nervoso, rege os glóbulos brancos, rege as infecções do organismo. Num trígono de Plutão, passando pela casa de Plutão, né? A espetada do garfo de Plutão, que te dá um xeque-mate: você passa a ter uma nova vida. É uma renovação de tudo: uma renovação do sangue, uma renovação do self, uma renovação da visão vida, uma renovação do trabalho, uma renovação das coisas. É uma crítica com você mesmo, que é uma crítica implacável. Ou você vai em frente ou você não vai em frente. Como você é uma pessoa de pagar pra ver, você vai em frente pra ver o quê que vai dar. Mas é um trabalho muito lento, é um trabalho lento, profundo, detalhado, insano, porque Saturno tem a crueldade, né? De trabalhar as coisas de uma maneira muito devagar. Por isso se diz que ele rege a agricultura, porque tem um tempo de maturação para cada fruto, você não faz com que a banana dê antes da época, nem que o abacaxi nasça antes da época. Ele tem um tempo de nascimento, de gestação, de frutificação: não adianta querer apressar o rio, porque o rio não vai andar mais depressa, esse é o recado de Saturno em termos de agricultura. Onde você tem Saturno, você tem o trabalho que realmente frutifica. Como você tem isso na casa 7, na associação, e ele tá retrógrado, passa uma exigência três vezes maior. E você está numa idade saturnina, né? De renovação de Saturno. Porque o trabalho dele demora de um ano a um ano e meio, em termos de revisão. Dizem que quem tem Saturno pouco no mapa porque só acontece de 7 em 7 anos. Em termos cotidianos, aconteceria, portanto, 7 minutos por dia, em 24 horas 7 minutos por dia de revisão crítica seria muito pouco. Num mundo em que as pessoas são muito loucas, fazem o que dá na cabeça, nós somos mais marcianos, e venusianos do que saturninos. Estamos numa era Peixes, imagina como é que a gente vai chegar lá para descobrir “amai-vos uns aos outros como os outros a mim”, vai demorar muito. Então, o teu momento de vida agora está aqui.[05:40] Quando você chegar nos 34 anos, 35 anos, é quando você vai ter a tua relação de profissão, que começa a se modificar, porque você vai passar a estar

nesse eixo aqui. Por aqui, veja, você tem Júpiter em oposição a Júpiter, né? Ele está aqui a serviço na casa 2, mas ele rege lá a casa 9. [06:07] O trabalho que você tiver plantado – e trabalho não tem a ver aqui com pintar só, mas tudo o que você faz dentro de você, ele vai começar a frutificar. Sem medo, sem ansiedade, sem angústia, na medida do possível e na medida que você usa a tua própria força plutoniana e a tua Vênus. Não contra você, nunca. Não tem porque você exagerar e se destruir. Só você pode de fato se ajudar nos mínimos detalhes ao longo da sua vida. O resto é composição gráfica, ou composição de enfeite para o teu enriquecimento pessoal. Isto tudo vai trabalhar e rever porque vem para você, até porque você é uma pessoa que tem visão de outro mundo. Dá pra ver por aqui e pela posição do teu Plutão, que é muito forte. Tem uma quadratura com Mercúrio, né? Hein?

07:03 CÉSAR: O que acontece exatamente?

CARMEN: A Roda da Fortuna tá na casa 2, do lado do Marte, veja você, eu estava acabando de dizer que você está entre a sua ação e a tua vida e a tua Roda da Fortuna está na sua ação. A Roda da Fortuna significa para onde você a gira é aonde você vai. É a roleta de cada um. Se você gira a Roda da Fortuna a favor de Júpiter, você tem a tua iluminação. Se você gira, portanto, Júpiter é (?) na tua vida, se você gira a Roda da Fortuna a favor da Lua ou de Urano, você tem a tua queda ou o teu exílio, né? (Silêncio) Tá? Porque ela pode girar assim

07:44 CÉSAR:

CARMEN: ou assim, tá? Eu te dizia ainda pouco que você também é uma pessoa que deve jogar muito na loteria. Porque a gente que tem casa 2 muito ocupada, e casa 2 é casa do dinheiro também, dinheiro enquanto símbolo de tudo que congrega os valores materiais, quem tem Sol em conjunto aqui dentro terá sorte com relação a ganhos, terá benefícios. Como você se virá pra produzir, isto vai fortificar, você é Midas, onde botou a mão, a coisa frutifica. Você tem a facilidade de produzir, de gerar com as mãos, - deve plantar muito bem, deve desenhar muito bem, deve pintar

muito bem. Tudo que for habilidade manual, você faz muito bem. Se você quiser usar isso a favor do giro da roleta para Júpiter, você pode jogar, que você deve ganhar, mas nunca abusando dessa força: ganhar pra tripudiar, ganhar para qualquer coisa... Não é por aí. Mas tá precisando de dinheiro? Joga na loteria, faça isto com frequência e veja se você não tem uma mão mais cheia do que as outras pessoas. É muito difícil uma pessoa que não tem uma casa 2 muito ocupada e não ter sorte. Porque Touro rege o dinheiro, rege os bens materiais. A pessoa que tem a casa 2 muito ocupada, tem isso tranquilo, quem tem a casa 2 muito vazia, nem vai dar muito valor pra essas coisas, não. Agora, seu eixo de valores, portanto, tá em Touro e Escorpião, teus os valores menores e casa 8 também regendo os valores públicos, significa ganhar ou perder sempre muito, né? De qualquer forma. Do ponto de vista cósmico, financeiro, material, ora você tem muito ora você não tem nada. Seis meses do ano, você tem muito, seis meses você não tem nada. Algumas horas do dia, tá muito bem, algumas horas do dia você não está. É 8 ou 80. A coisa se faz nesse eixo com relação a você do ponto de vista dos teus valores. Isso inclusive dentro de você.

Porque isso aqui me revela o seguinte: o que a gente teme do lado de fora a gente teme do lado de dentro, porque a gente não quer ver lá fora é o que a gente não quer ver dentro de nós. Aquilo que a gente não quer enfrentar do lado fora, a gente não pode suportar, ou seja, fisicamente eu não consigo conviver com isso, não consigo conviver porque me destrói à minha integridade – aquilo que forma a minha estrutura. E o que é que você não consegue conviver? O que é que você tem medo? O estranho; o outro. O outro pra você é um pouco a coisa do Sartre: é o inferno. O inferno está no outro. E porque ele é o inferno e você tem uma relação de atração com o inferno, você vai sucumbir à ele, você tende a sucumbir à ele. Mas você não quer: como se você fosse movido a uma energia que você quer controlar, e você pode controlar isto quando você dominar Plutão. A idade de Plutão, se faz – eu vou dizer a você. Plutão está entrando em Escorpião, ele já esteve por Escorpião, em 82, mas como ele é retrógrado porque ele anda para frente e para trás, ele agora está no finalzinho de Libra. Mas quando ele estiver no eixo pleno, e eu tou te dizendo que isso deve se fazer no teu caso com 38 anos - [11:03] eu queria pegar a efeméride para confirmar: 38 anos, onde é que Plutão vai estar. Eu acho que é quando você

vai se iluminar. Você vai se libertar de tudo que significa as coisas que te aprisionam, sem que você possa saber por quê. Vai desfazer desse mistério muito grande aqui, com relação a este eixo. [11:30] E com relação a esse eixo, eu acho que pode ser um sucesso, um reconhecimento profissional, vindo através de um benefício jupiteriano, que pode ser inclusive do estrangeiro. Eu não sei se você tem alguma oportunidade, alguma chance, alguma coisa assim em termos de uma viagem internacional ou alguém de fora que você conheça que possa te beneficiar nesse campo, mas é por aí... Eu queria confirmar essa coisa aqui dos 38 anos, que eu tô muito curiosa para saber isso. E uma confirmação dessa iluminação aos 46 anos de idade, porque Netuno vai deixar de estar retrógrado, o que significa nessa vida, você não tem mais planeta retrógrado que você supera essas energias. Porque você tem força para fazer isto, e tem uma consciência muito forte disto: quando você quer, você domina. Agora você já está nesse caminho, já está com o pé lá. Não sei o que você fez, como é que você fez, mas você tomou uma atitude. Teve um momento que você teve que tomar uma atitude na sua vida resolveu, disse para ninguém, foi você, com seus botões e disse “daqui pra frente tudo vai ser diferente”, e a coisa começou a mudar, com resistência, com dificuldade, porque não é fácil também, não. Mas você vai progressivamente chegando lá, e aos 38 anos você se libera disto definitivamente! É outra pessoa, é outra identidade! Eu acho que vai florir aí um novo César, sabe? Como um segundo parto...

[12:50] CÉSAR: Agora [inaudível] na casa 9 não aparece nenhum planeta e na casa 12, também não...

CARMEN: Não. Isso não significa nada. Necessariamente a gente não tem maneira de ocupar todas as casas, mas significa que eles estão regendo todas as casas. Como se você tivesse maestros para cada casa. Mas onde é que ele está regendo? Então quem rege a casa 9 é Júpiter, tá?

CÉSAR: Tá.

CARMEN: Porque no teu caso você tem casa 9 em Sagitário, onde você tem seu

ponto de iluminação. Teu ponto de iluminação está no finalzinho da casa 8, que virá através de uma transformação plutoniana, mas através de Júpiter. Então a gente procura Júpiter, onde é que ele tá? Ele tá aqui, a 2° de Gêmeo, então isso vai se fazer através de uma comunicação, tá? No eixo 2, né? (Pausa.) [13:50] Casa 2, casa 8: uma comunicação com o mundo plutoniano através (comunicação é 3 e 9), através do estrangeiro. Eu não sei o quê que significa isso pra você, mas enfim, é algum coisa com aquilo que é estranho, que é fora, pode ser alguém de outra nacionalidade, alguma coisa assim, que faz com que você se volte para você de uma outra forma. Às vezes não é uma pessoa, mas alguma coisa relacionada a um mundo que não é o teu. É porque quando a gente Urano na casa 4, é porque a gente não tá bem onde vive, na nossa família. A nossa família às vezes pode ser até nosso próprio país, né? É o lugar onde a gente não se sente à vontade, as energias não correm muito bem, são energias mais pesadas. [14:35] Não sei, eu acho que talvez você devesse morar fora, mas tem alguma coisa aí que, que... segura você, tem muito planeta em 2, que é casa de Touro, que é casa terra, tem muitas raízes aqui te segurando. Essas raízes, que são as coisas que você quer se libertar, daí você tem uma relação muito estranha com o outro, é uma maneira de tentar podar a raiz, mas a gente não poda, a gente entende elas e ultrapassa.

[15:05] Um dia você será as folhas e a seiva da árvore e não raiz. Deixa as raízes acontecendo e puxando as coisas que elas têm que puxar. Porque teu Júpiter tá aqui na 2, onde o Júpiter tá ele rege a expansão, ele multiplica essas forças aqui. Então você tem de um lado a tua ação, que é Marte, fogo, o fogo primordial, do seu eu, na sua Vênus, e de um lado o seu Sol que tá sob a égide de Touro, que é Vênus também. Então você tá cercado de Vênus pra tudo quanto é lado. Você é a sensualidade, o amor venusiano, é a beleza por dentro e por fora, pela esquerda e pela direita, pra tudo quanto é lado. Como é que você vai, é...brilhar, né?

É superando essa sua relação com Plutão, aqui, esse 6 meses da sua primeira vida, os seus 6 meses de vida, ou seja, é a primeira metade da sua vida. Qual é a primeira metade de cada um? [16:02] São os 33 anos de idade, depois disso você já cumpriu. Você começa a viver a segunda etapa da sua vida, que é uma vida relacionada a um mundo mais brilhante, mais limpo, mais bonito, mais saudável, mais reconhecido, mais amado, mais sossegado, mais tranquilo. Tem muito fogo

aqui, né? Tem muito fogo de Áries, né? É uma coisa que não pára um minuto, Áries é Marte, é guerreiro, é heróico, aquela coisa de quando viu já se meteu já caiu na piscina, já saiu, salvou três, já levantou, já foi-se embora, levou um tombo da moto, pegou a moto botou nas costas, já foi-se embora, saiu do hospital, foi trabalhar no dia seguinte, é uma coisa que não pára um minuto.

A tendência sua é à medida em que você tem mais idade, se tornar mais ariano, mas aí você vai ser mais ariano com mais consciência, né? Porque você vai ter Saturno aqui, que vai te dar um outro tipo visão do que significa ser ariano, você vai saber controlar sua impulsividade, não venusianamente de um lado mais terreno de Vênus, mais no lado mais libriano de Vênus. Porque Vênus rege Touro e rege Libra. E Libra é a balança, é o equilíbrio. Então você vai ter uma Vênus mais equilibrada, embora uma Vênus combusta pelo fogo de Áries, porém mais equilibrada, não é comedida, mais equilibrada. Você vai ser menos impulsivo, sabe, aquela coisa que carrega com energia marciana para criar e não para destruir. Porque tem um lado seu que é muito Kamikaze, né? Digamos assim, é muito suicida. Mas que você pode superar isso. E quando eu digo vai superar, é porque você tem a liberação dos seus planetas retrógrados ainda nessa vida, porque tem gente que ultrapassa os 100 anos, ou seja, ele já morreu e a coisa continua, carrega em outras vidas mesmo. Mas no teu caso, não. [17:56] Ninguém que tem ponto de iluminação em Júpiter, que é o fogo supremo da sabedoria, passa por aqui em vão. Quando ele chegar aqui ele queima tudo mesmo em vira outra pessoa no meio do céu e brilha. Você terá reconhecimento público de alguma coisa que você está fazendo. (Respira fundo.)

[18:11] CÉSAR: Maravilha.

CARMEN: Viu? Você tem alguma pergunta para fazer?

[18:15] CÉSAR: Não. Perfeito.

[corte]

[18:22] CARMEN: Bom, não sei quanto deu de intervalo ali, mas para confirmar o

que eu tinha falado para você, da libertação de Saturno aos 38 anos, nós estaremos em 1991. Então, para você verificar o que vai acontecer em termos de influência planetária, você vai ter uma série de planetas que estarão em Aquário, que corresponde a sua casa 10 e uma série de outros, que estarão em Capricórnio que é início da tua casa 10, é o teu meio do céu, é a tua realização social. [18:48] Eu tinha falado ali que você teria uma nova identidade porque por um reconhecimento público, um reconhecimento do seu esforço em relação pessoal, você descobriria certo mistério com relação a sua identidade. Até talvez, por uma questão de energia e vibração do teu próprio trabalho, e esse trabalho aí tá impregnado em tudo o que você faz todos os dias, especialmente naquilo que você cria.

Então confirmando isso, você vai ter de planetas pesados, além da libertação de Saturno em 1991, você tem a cabeça de dragão no dia 18, portanto, seu aniversário, que estará em Capricórnio. Mas em maio ela já estará em Capricórnio. Capricórnio rege a tua casa 10 que é a carreira, a ascensão social, reconhecimento público, em pleno Sol, né? Confirmando a conjunção com própria a cabeça de dragão na casa 10, onde você tem também a tua parte do espírito. Você terá a Lua a 19 graus de Câncer, em torno de 20 graus, que estará em conjunção na sua casa 4. Você terá Mercúrio a 1 grau de Touro, portanto, no teu signo solar, a tua comunicação estará plena. Vênus que estará em Câncer, portanto o teu afeto relacionado a tua origem, família, etc. Talvez até um reconhecimento profissional na tua própria terra, quem sabe através de um estrangeiro, mesmo, vamos ver. Marte que vai estar a 25° de Câncer, também, então já são três planetas em Câncer. Júpiter que vai estar em Leão, portanto junto do teu Plutão básico, Júpiter a 6 graus de Leão, estará na tua casa... Confirma aí para mim... Início de Leão está na casa 4, expandindo a relação de identidade da casa 4. Você terá o Saturno que estará em Aquário, que será, portanto, a 6 graus de Aquário em conjunção com sua cabeça do Dragão. Então estará se libertando aí, trazendo para você os benefícios da sua casa 10, é meio-dia da tua vida em termos de realização profissional-social, porque a casa 10 é a carreira, é o destino, é para onde você vai. Urano estará em Capricórnio, a 13 graus de Capricórnio, que também é casa 9 e 10, quem está em Urano e Capricórnio não está na tua própria terra, tá fora. Porque sua casa 10 começa a 15 graus. No meio do gráfico, quem em planetas no meio do gráfico estará viajando, eu quando tive

conjunção disso eu fui pra Europa. Deu um revertério, aconteceu uma coisa qualquer, juntou todos os planetas na casa 9 e 10, de repente eu fiz assim e eu estava viajando a Europa. Que mais? Faltou Netuno que estará a 16 graus de Capricórnio, portanto, a 16 graus de Capricórnio também é a tua casa 10, e Plutão, que estará em Escorpião a 18 graus pleno, portanto, a tua casa 8. Quem sabe essa confirmação a tua iluminação através da tua realização de libertação de Saturno não fará por aí?

Confirmação de posição de planeta gente tem. Eu tinha dito isto porque eu tinha visto por 53, que eu contei tempo de retrogradagem de Saturno, dava 38 dias, que corresponde a 38 anos da tua vida. Uma libertação de Saturno em torno casa 7, portanto, o Saturno vai estar lá em cima, no alto do gráfico. Se eu te disse que é através do outro, é através do seu trabalho com o outro, porque Saturno está na casa 7, que é uma casa de associação, é uma casa de casamento, uma casa de empresa, é uma casa de relação com o outro, né? A gente vê aí: casa 7, casamento, uma associação, empresa, todas essas coisas que significam condomínio, vamos dizer assim. Tá? Então, tem isso. Agora, porque que eu falei que essa mudança se faria depois de 1900, é... dos 34 anos? porque seu trabalho com Saturno em torno de 31 vai até 33 anos, quer dizer, a partir de 34 anos você começa a colher os frutos que Saturno tá te plantando na idade que você está agora, portanto, 1980 e...

CÉSAR: 4.

CARMEN: 6! Não, 1984 você acabou de fazer 31 anos, né? 1986 para 1987. Vamos ver como as coisas estão: janeiro, fevereiro, maio – vamos ver Saturno como é que está. Saturno em torno do dia 18, que é seu aniversário, ele vai estar em Sagitário. Em Sagitário, em torno dos 19 graus de Sagitário, isso significa tua casa 9. Casa 9 são estudos superiores, casa 9 significa viagens, casa 9 significa estrangeiro; mas quem faz a demarcação de viagens de fato é Júpiter e Lua. Vamos ver onde tá o Júpiter... está em Áries, 17 graus de Áries, no teu eu, por conta do seu aniversário em 87. Então você vai ter aí, deixa eu ver Netuno o quê que está fazendo... Netuno estará em Capricórnio que é casa de Saturno, a 7 graus de Capricórnio, o quê que significa isso? Casa 9 também. Então você vai ter Júpiter, Júpiter não. Você terá

Netuno e...? Netuno só em Capricórnio. Porque no eixo, no teu eu, você tem, em 87, tá? Vênus, Júpiter, cabeça do Dragão e... só. Em Áries. E Vênus, já falei Vênus, né? Estará portanto na sua casa 1, cabeça do Dragão também. Tem alguma coisa acontecendo a partir dos 34 anos que vai te dar uma elevação e identidade, de eu, de self. Eu disse que seria trabalho de Saturno, fruto de Saturno, porque vai estar em Sagitário, que significa uma casa de Júpiter. Júpiter com Áries vai levar você a fazer ou uma viagem para o estrangeiro ou uma mudança ou alguma coisa assim. Tem que ver sua casa 4 e a Lua, cadê a Lua? Lua também vai estar em Sagitário em torno do dia 13, 14... 15 de maio. Deixa eu ver dia 18 onde ela vai estar... Ela vai estar em Capricórnio, 27 graus de Capricórnio, significa o quê no seu mapa? Casa 10, casa 11? Dá uma olhadinha aí. Capricórnio é meio do céu, lá em cima, em torno da casa 9 e casa 10. Você não... Poderá não estar aqui, aos 34 anos, no seu aniversário. Porque juntou Saturno com Lua e Júpiter na casa 1, Júpiter vai estar na casa 1 porque vai estar em Áries, você pode fazer uma viagem para fora, pode ser até em função de trabalho. Você quer ver 86? É isso?

[26:27] CÉSAR: Vê logo 85, 84 e 82 e tudo que já passou? (Rindo.)

CARMEN: 85, 86. Nós estamos em...

[26:35] CÉSAR: Vê como é que está em 86?

CARMEN: Você tá programando alguma viagem?

[26:40] CÉSAR: Tou querendo ir embora.

CARMEN: Ah, bom. Lua em Virgem no teu aniversário – Terra. Júpiter em Peixes, Sagitário tem Saturno entrando em Sagitário, a partir de maio de 86. Urano em Sagitário a partir de 86 – vamos ver se é 86 mesmo que ele está. Urano em Sagitário, Saturno em Sagitário, Netuno em Capricórnio, e... Urano e Plutão em Escorpião. Marte... Vamos ver Lua. A Lua é muito rápida, não dá pra ver, não. 85, vamos ver quanto é que dá 85. Ai meu pé. Não, Capricórnio... Urano em Sagitário,

Saturno em Sagitário. Eu acho que quando Saturno entrar em Sagitário, é que as coisas vão mudar na sua vida mesmo, e ele entra em dezembro de 85.

[27:46] CÉSAR:

CARMEN: Sagitário para você, casa 9 é depois dos 15 graus, da onde? Urano em Sagitário, a 17 graus, tem que ter Júpiter por aqui para dar viagem, também... Estará em Aquário. E tem que ter...

CÉSAR: Lua?

CARMEN: É, mas Lua é muito rápida, dependendo de como ela entra no teu aniversário. Janeiro de 86, se Saturno tiver em Sagitário... Já está em Sagitário, quando é que ele vai entrar a 15 graus? 9, 8, entrou retrógrado... 7, 6, 5. Ih, tá retrogradando! É 5 graus, Sagitário, 8, 9,... 16 graus de Saturno, hmmm... 11, 12, 14 e 15; dezembro de 86! Dezembro de 86 para 87 e Júpiter já entrou em Peixes que é a tua casa 12.

[29:17] CÉSAR: Com esse livro você tem condições de fazer previsões até quando?

CARMEN: 2000.

CÉSAR: 2000? E dá para você sacar por exemplo o ano da morte de uma pessoa?

CARMEN: Ah, depende.

CÉSAR: De quê?

CARMEM: Eu não gosto muito de ver essas coisas, não. Porque as pessoas ficam meio impressionadas. Assim, acho que depende da cabeça de cada um, o que você tá querendo que eu faça? Que veja.

[29:37] CÉSAR: depende dessa previsão, o que isso basicamente

CARMEN: Depende, depende de cada um.

[30:01] CÉSAR: Mas e pela carta? [inaudível]

CARMEN: Passagem de casa 8 com quadratura de Urano e Marte.

[30:10] CÉSAR: E aí você tem essa quadratura?

CARMEN: Não, teria que fazer um estudo progressivo no mapa, de cada um, de casa pessoa. Assim de cabeça... Estou fazendo uma coisa muito rápida, lendo tabela, né?

[30:20] CÉSAR: [inaudível] sim

CARMEN: Ah, sim, tem

CÉSAR: [inaudível]

CARMEN: Mas depende muito isso... De como você conduz a vida, né?

CÉSAR: Claro...

CARMEN: Já acabei de te falar que o trabalho que você faz com a tua Vênus em cada área pode levar você a se renovar e a ter um reconhecimento de identidade público, ou pode levar você a se destruir. Isso está na sua mão. Tá no teu eu. Você pode antecipar a tua vida, ou você pode prorrogá-la, e pode inclusive se tornar imortal, se quiser

CÉSAR: Mas e quanto aos astros? [corte]

ANEXO C — PAPA, César. [*Correspondência em cassete 1*]. Laguna Beach - Califórnia: 15 de agosto de 1987. 1 cassete sonoro. Transcrição.

Alô, acho que tá gravando. Sim, tá gravando. Hoje é dia 15 de agosto. Eu tô aproveitando a oportunidade de ter um gravador comigo e tou fazendo essa fita pra todos vocês tendo em vista a ida de um amigo meu para o Brasil no próximo dia 11 de setembro. Sei que falta um longo tempo daqui até lá. Possivelmente as notícias que eu vou enviar aqui vão ficar um pouco caducas até ele chegar aí. Tou

mandando essa fita através de Zezinho, Beth no Rio, que vão se incumbir de levar até vocês... Mas enfim, uma oportunidade que eu não podia deixar de aproveitar, mesmo porque conversar com vocês tem sido tão raro, tão difícil, não é? Quando eu tava ganhando grana e podendo telefonar, tudo bem, mas agora ando numa dureza total. Por isso é que eu não telefono tão assiduamente. Mas enfim, espero que essa fita seja do agrado de vocês. Vou procurar durante esse tempo que estiver sentado, desenhando, falar de tudo que me vem à cabeça, mesmo porque são milhões de coisas, né? O tempo vai passando e acho que é uma forma de deixar registrado um pouco dessa experiência que eu vivi aqui, que eu venho vivendo aqui, pode servir um dia de referencial para os outros que um dia quiserem vir, não é. No caso Ana Lúcia, que se é, se é que está realmente pensando em vir morar no Estados Unidos, é bom que saiba como é a vida aqui, como é que são as coisas, antes de tomar uma decisão como essa - que acreditem, é muito difícil, não é fácil não. É foda. Tem dia que eu penso que eu vou ficar louco, pinta uma saudade filha da puta de todo mundo, do Rio de Janeiro, da família, dos meninos, dos amigos, eu fico meio que perdido na situação de estar vivendo num país estranho porque não é fácil em tremos de trabalho, não é fácil em termos de adaptação, entendeu? [suspira] E não é essa aventura que todo mundo pensa que é não, entendeu? Não é fácil não. Quando você chega, você fica um pouco deslumbrado com a situação de estar vivendo num país estranho e o aprendizado de uma nova língua, o conhecimento da cultura de um novo país, de um povo diferente, não é? Mas depois de um certo tempo que você vai se ambientando e tomando pé da situação, você vê que a coisa é meio que... estranha mesmo, entendeu? Estranha, é difícil. Enfim. Não tou pretendendo fazer uma fita de tristeza, não é, não me encontro triste, entendeu? O que na realidade vai se refletir nessa fita é um pouco da minha inquietude em relação ao meu destino, ao meu trabalho, ao viver, enfim, não é? Mas também não pretendo mandar uma fita... cheia de coisas alegres só porque neguinho quer ouvir coisa alegre, não é? Enfim.

São tantas coisas pra dizer que eu não sei por onde começar, não. Vou começar a partir de hoje porque é o que de mais atual tem se manifestado, não é? Hoje 16, não 15 de agosto, amanheceu um dia chuvoso mas logo, logo tá abrindo um sol belíssimo, é verão. Um calor ótimo, entendeu? O que me deixa bastante alegre

porque quando eu lembro dos dias de inverno eu quase morro, porque é frio pra caralho e estando na Califórnia ainda é um privilégio porque o inverno que pinta aqui não se assemelha nenhum pouco de Nova Iorque, da outra costa ou até mesmo no meio oeste, não é, do país. Mas me alegra saber que ainda é verão que o sol tá forte que eu posso de repente... matar um pouco a saudade que eu tenho do Brasil me refrescando um pouco à luz dele. [Cachorro late] Quase não vou à praia, a praia é horrorosa, né? [Cachorro late] Cher! O cachorro tá latindo aqui de novo. Cher, come here! Be quiet! Desculpa. Esse cachorro é louco. Dana a latir pra todo mundo que passa. Enfim, não vou muito à praia porque é uma praia estranha, suja, entendeu? Muito pequena e de repente tem um monte de gente que baixa aqui porque é verão e neguinho fica louco com a Califórnia, entendeu? Então quando é verão o povo vem mesmo passar temporadas e férias aqui. A praia fica inacessível porque não lá tão grande assim a costa. Mas... Enfim, não faz muito a minha cabeça porque não tem nada a ver com as praias de Copacabana, Ipanema, entendeu, é outra, são outros quinhentos. Praia mesmo é Brasil. O resto, o resto é... O resto é cópia, entendeu, é xerox.

[suspiro] De que que eu vou falar, meu deus do céu? Tou aqui desenhando, eu comecei a fazer essas fitas, eu tou mandando fita pra todo mundo aí no Brasil, pros amigos do Rio. Comecei a fazer essas fitas dia 13 - quinta-feira. Ontei gravei o dia todo, hoje eu tou gravando e com isso os assuntos vão se esgotando, né? Porque eu fico às vezes repetindo as mesmas coisas, mas aí me lembro que bom, mas isso eu já falei na outra fita, mas eles não vão ouvir isso, como é que eu faço, vou repetir de novo a mesma história? Fica meio que maluco ficar contando a mesma história muito tempo, entendeu? Então eu vou deixando a coisa fluir naturalmente, o que pintar, pintou. Se eu me esquecer de alguma coisa e volto a lembrar, eu faço outra fita se preciso for, entendeu? Mesmo porque eu não sei por quanto tempo eu vou ficar com esse gravador. Não é meu, é emprestado, e eu devia ter feito isso há mais tempo, já vinha fazendo planos de fazer uma fita há mais tempo, e enviar pra vocês mas não tinha pintado ainda um gravador legal que fosse fácil de trabalhar com ele, entendeu? É tudo muito maluco, tudo escrito em outra língua, tudo diferente, e eu não tenho contato com essas coisas não. Enfim. Vamo lá.

Em termos do meu trabalho, tenho trabalhado pra caralho. Minha vida em 5 - quando é que eu mudei pra cá? Mudei pra cá em março, hoje a gente já tá em agosto... 5 meses, 5 meses e praticamente 8 meses de trabalho ininterrupto, né? Eu comecei a trabalhar as telas e mexer com pintura e decidi não mais trabalhar limpando casa, decidi morar aqui com o Dirk, esse meu amigo americano que é uma pessoa muito legal, tem feito o diabo e o escambau pra promover o meu trabalho, pra mostrar o meu trabalho, pra de repente me colocar um pouco a par do que é ser artista nos Estados Unidos. E não é fácil, não. A competição é foda. É gente pra caralho, são milhões de pessoas querendo a mesma vaga. As galerias estão abarrotadas de trabalho até a alma. Não tem espaço pra gente nova, principalmente em se tratando de estrangeiro, não abrem muito as portas pra estrangeiro, não. Meus trabalhos são muito grandes, ocupam paredes e paredes. Galerias normalmente não são lá essas coisas, são pequenas e não comportam a qualidade dos trabalhos, o tamanho das obras. Aí fica essa coisa meio perdida, entendeu? Eu trabalhando, trabalhando, trabalhando mas sem muito apoio em termos financeiros porque a coisa aqui também não é só pegar e pintar e deixar a coisa estancada aí na parede. Se eu não vender, não faz sentido. Por outro lado, o meu trabalho não é lá tão comercial, ou seja, as pessoas quando querem comprar um trabalho, querem comprar um trabalho pra enfeitar a casa, meu trabalho não tem nada muito bonito, não. É um pouco de jungle, de floresta, e eles não tão muito acostumados a ver essas coisas, não - tão na fase do pastel, e eu tou trabalhando com cores fortíssimas. E com isso, dificulta a venda dos trabalhos, razão pela qual eu não tenho muita grana, entendeu? Razão pela qual eu tou realmente decidido a voltar, não tou pensando em ficar nos Estados Unidos muito tempo não - assim não dá, não, entendeu? Se eu tivesse condições de ficar e conseguir um trabalho legal, tudo bem. Mas nem trabalho pinta. A merda é... Foda. Porque depois de cinco anos decidiram abrir uma anistia pros estrangeiros nessa terra, não é. E o que tem de mexicano morando aqui ilegal é uma loucura. Então essa gente toda que chegou aqui em 1982 e tá aqui até hoje tem condição de, de... solicitar ao governo permanência definitiva no país. Mas por causa disso, por causa dessa anistia, decidiram fechar as portas de trabalho para todo mundo porque significa ter que lidar com isso daqui a dois anos de novo, daqui a três anos de novo - e eles não podem ficar abrindo assim porque senão vai virar festa, vai virar uma

bagunça, porque o que tem de estrangeiro tentar entrar nesse país porque, afinal de contas, é aqui que está o dólar, mesmo. É aqui que você ganha em dólar. E ainda é a moeda mais forte do mundo, não é. Então, por causa disso, resolveram fechar a política de trabalho, entendeu, você vai conseguir um trabalho se você quiser trabalhar num restaurante ou na construção civil ou até mesmo em jardim, ou até mesmo limpando casa. Você pode fazer um trabalho como esse. Mas o que acontece se eles descobrirem que o empregador tá dando trabalho pra gente ilegal, o problema não é mais com o estrangeiro e vai ser direto com o empregador, e eles têm que pagar multa, e em caso extremos vão pra cadeia mesmo. Com isso restaurantes e empresas privadas tão morrendo de medo, de empregar estrangeiro sabendo que correm o risco de uma séria represália contra eles. E a lei aqui é foda, não é, a lei aqui é.. Escreveu não leu, o pau comeu. É muito engraçado, porque a gente tá tão acostumado a ver as leis no Brasil e ver neguinho derrespeitando legal, não é. Ninguém liga mesmo pras leis aí. Aqui não tem essa, não. Aqui eles têm leis e esse país é governado por leis. Todo, mas tudo, tudo acaba na justiça. Brigou com o vizinho por causa do gato que pulou o muro e fez cocô no seu jardim? Vai pra justiça, não tem essa de resolver as coisas a custa de porrada ou de briga não. Pera um minutinho, eu vou fazer um barulho mas é do apontador do meu lápis. [barulho] Esse é o meu apontador automático, eu acho ele uma maravilha. Andava aqui no passado fazendo ponta nos lápis, fazendo uma bagunça nesse quarto aqui. Aí o Dirk chegou um dia com esse apontador automático, essa maravilha não é, que você faz ponta e saem perfeitas as pontas... Não tem mais sujeira, não tem mais mão estragada, entendeu, é um barato, um barato, enfim. Coisa de americano, né? Sei que aí no Brasil tem isso mas eu nunca usei, é a primeira vez que eu tenho um só pra mim. Me divirto com a ideia de fazer ponta. Mas enfim, o que eu tava falando, mesmo? Tava falando do meu trabalho, enfim. Enfim, meu trabalho tem ido, tem saído alguma coisa boa, alguma coisa séria, alguma coisa que eu espero ser um dia reconhecido, aqui ou na puta que pariu.. Não importa bem aonde, porque aonde eu for eu vou carregar essas coisas comigo mesmo, né? Mas ao mesmo tempo, pinta uma séria dúvida a respeito do futuro porque eu não tou mais na idade de ficar brincando, né? Eu tenho 34 anos e a coisa é séria. Não tou mais no espírito de começar a vida de novo, não. Não mais culhão pra isso, não. Eu tou meio

apavorado. A situação no mundo anda cada vez mais periclitante, se as coisas não estão boas no Brasil não estão boas em lugar nenhum, entendeu? E ficar catando um canto pra morar é coisa meio foda, né? Conta aí o apartamento em Brasília, que se de repente der na telha eu volto e moro lá. Se o Dirke até hoje não vendeu, não é? Mas... Fiquei sabendo que tá uma merda a situação no país. Enfim, sabe, não dá pra ficar longe de casa muito tempo não porque você vai se sentir estrangeiro a vida toda e eu e não tenho esse espírito de morar num país por toda a minha vida não, né. Tudo bem, é ótimo sair, é ótimo conhecer, é ótimo conhecer novas pessoas, aprender uma nova língua, conhecer uma nova cultura, mas tudo bem... Até aí, morreu nessa. Depois que você conhece, que você sabe que a coisa não é bem do jeito que você pensa, do jeito que você imagina ou da maneira que você sonha, não é? E tem muito de sonho nisso tudo - acaba o tesão, tem mais é que partir pra outra. É menos louco, né?

Na época que eu cheguei que eu tinha dinheiro no bolso e comecei a viajar pra caralho e comecei a ver mil coisas... É legal, entendeu? Mas por outro lado também é meio, é meio que aborrecido, entendeu? É essa palavra mesmo, meio que aborrecido, porque depois que você conhece e que você que aquilo não é nada do que você, do que neguinho pinta ou que de repente é, mas que é em termos, né? Tem muito de propaganda, de.. Por exemplo o Havaí. O Havaí é um lugar bonito pra caralho, as praias são belíssimas, o pessoal é ótimo, ou seja alegres, muito brincalhões, e são muito amigos... Odeiam americanos, acham que são amigos de outra gente que não seja americano. Eu fiz muitos amigos lá porque a primeira coisa que me perguntaram é se eu era americano e eu dizia que não, que deus me livre, deus que me perdoe. Aí era legal, aí era legal comigo. O pessoal não gosta de americano, não. Americano foi pra lá e tomaram aquela ilha deles, eles ficam putos. Enfim, Havaí é um lugar belíssimo, um romance, as músicas são lindas, as mulheres são muito bonitas. A cidade não dorme, a cidade é o tempo todo alta rotatividade. Mas cê sabe de uma coisa? É um pouco de Búzios, de Cabo Frio. No Brasil a gente tem isso, não precisa ir pro Havaí pra ver não. É muito de propaganda, é bonito todas as flores que te colocam no pescoço, o hula-hula que dança, as canções que cantam, o romantismo que faz as ilhas belíssimas. Porque o Havaí são cinco ilhas, na realidade, né? Eu falo especificamente do Havaí, que é uma dessas ilhas que

tem, que é onde fica Honolulu, que é a capital, mas é muito, entendeu, falta um pouco de, falta carnaval, falta alegria, falta cerveja na praia, falta samba! Porque aqui neguinho não pode carregar cerveja na praia, não. Neguinho não pode beber na rua. Se você resolver pegar uma garrafa de cerveja e sentar no seu jardim, você corre o risco da polícia te perguntar o que é que você tá fazendo lá na rua com cerveja. É proibido! Aí é engraçado, né, porque as pessoas na praia, não tem quem vende cerveja, não tem quem faça nada, né, você tem que carregar tudo. Neguinho passa horas da manhã colocando cerveja nas latas de coca-cola, pra beber cerveja na praia, porque aparentemente é coca-cola, mas... Quer dizer, sempre há uma maneira de subverter a lei e a ordem, não tem essa. Por outro lado, viajar tem sido, foi ótimo, eu depois que decidi a tomar a sério, a encara a sério a minha profissão de artista, de pintor, eu nunca tive mais esse privilegios de andar viajando não, entendeu? Fico sentado dias e dias, horas e horas, trabalhando pra caralho... É uma loucura, uma loucura! Porque com o material muito caro, e na realidade, eu tou sendo subvencionado, né, não posso ficar fazendo qualquer coisa. No momento que eu tenho uma tela na minha frente, eu tenho que trabalhar sério, fazer um trabalho digno de ser mostrado, de ser comentado, de ser exibido. E aó acaba um pouco da alegria de artista, tá entendendo? Vira aquela coisa de profissional - séria - e tem que ser boa e tem que ser boa, e não tem essa de mostrar coisa ruim não, de experimentar, não. Aí é muito louco, né? Porque na realidade o que consistia no prazer que era deixar a imaginação fluir e o trabalho surgir entra num outro esquema, que é o esquema de tem que ser uma coisa boa, tem que ser uma coisa séria, e não tem tempo pra ficar brincado. Aí vocês vão me perguntar se existe prazer nisso e eu vou dizer sinceramente que não. É um puta parto, é um puta sofrimento, mas às vezes eu fico pensando que eu não vou dar conta. As telas são imensas, o que à vezes me toma 2, 3 semanas ou mais em cima de um mesmo trabalho. Enquanto tou fazendo um desenho o pensamento tá rodando em cima de outros, entendeu? Aí é uma loucura, porque sempre tem um caderno aqui com mil sketches, com mil estudos que eu vou fazendo à medida que vem na cabeça, e cada um desses estudos que eu tenho que estudar pra ver que resultado vai ter em cima, pra ver depois e transmitir pra tela. É meio doido... É um parto. Acho que é melhor palavra pra comparar - isso é um parto, porque você tem o período da espera, o

período da preparação e quando vem, vem que vem, entendeu? Não tem essa de correr da reta, não. Aí é uma loucura porque nem sempre o resultado é excelente, entendeu, o resultado é bom. Eu posso dizer, eu acho que eu sou o mais, acho que sou o maior crítico de mim mesmo, entendeu? Quando eu acho que é ruim eu falo logo, eu não admito que é bom mesmo e acabo repintando ou inventando outra forma de aproveitar a tela. Mas quando eu não gosto eu não gosto mesmo, entendeu? E o trabalho que tem sido criado nos dias de agora é uma coisa muito nova, muito, muito recente, é uma coisa atual, uma coisa que eu jamais pensei que fosse pintar um dia, entendeu? Quando comecei a pintar as flores eu pensei que quanto mais eu eliminasse ds flores, melhor eu transmitiria ou traduziria a expressão de uma forma, de uma movimento ou de uma cor; comecei a mudar meus trabalhos de montão, e hoje já tou quase que na abstração do elemento, entendeu? Que acho que como processo tem sido formidável. Acho que existe um grande crescimento nesse processo, tou muito feliz com o resultado. Mas não é essa coisa de sabe, de mestre não, essa coisa de ficar numa galeria e admirado, ainda é - ainda - é muito novo, tá entendendo? Possivelmente daqui a 20, 30 anos eu consiga fazer desse trabalho algo e ser reconhecido por isso, mas por enquanto o processo da pintura é muito lento, entendeu? Não dá pra avaliar um trabalho em dois, três meses de trabalho, nem mesmo em cinco anos de trabalho, é coisa pra anos e anos... Como eu sei que não vou morrer logo, vou ter que trabalhar muito ainda, porque eu não vou sair desse mundo sem antes ser reconhecido, não importa se é Estado Unidos, se é Europa, se é Brasil ou se é a puta que o pariu.. Mas não saio mesmo desse mundo sme anter ser reconhecido, não vim aqui pra passar de liso, entendeu? Pra dar tudo de mim em cima de uma coisa e ficar por isso mesmo - jamais. Meu nome não é Hélio Santiago. Mas enfim, é meio que maluco, né? Acho que você entedem, acho que eu consigo me explicar. Dizendo um pouco a respeito disso.

Por outro lado, a minha vida nessa cidade é muito engraçada, porque é uma cidade pequena. E eu jurei jamais morar em uma cidade pequena, me vejo morando numa cidade cuzinho, comparada a Rio de Janeiro, São Paulo ou Nova York, mas enfim, uma cidade muito pequena. Que, por sorte, é belíssima. É um mar lindíssimo, a cidade é construída praticamente num topo de um monte. É deserto aqui, não é? Ou seja, a gente tá em cima do deserto da Califórnia, o que faz com que o clima seja

muito seco, um pouco como Brasília, e muda um pouco a cor do mar, entendeu, o mar não é esse azul que a gente vê nos mares do Brasil, mas um azul mais claro, mas ao mesmo tempo é uma cidade pequena. Que eu não gosto nem um pouco de viver por muito tempo, não. Não tenho o projeto de viver aqui a vida toda mesmo porque não gosto de cidade pequena, odeio cidade pequena, não nasci pra cidade pequena, adoro poluição, adoro gente na rua, sou um pouco como a Neusinha Brisola, não é? “A poluição é meu forte”... Eu... sabe? Acho legal pra quem tem 60 anos, 90 anos, tá morrendo, não tem mais o que fazer da vida, tá aposentado, vem morar numa cidade como essa - tudo bem. Mas eu, na minha idade, na flor da idade - ainda, né? Esquece que eu tenho 34 anos... Não dá, não. Em termo de vida, não pinta porra nenhuma, tudo é muito difícil, tudo é muito caro, tudo é...

E aí eles ficam doidos com isso porque aqui não tem isso, não. Carnaval deles é um horror, menina... Não aguento falar de carnaval que toda vez que eu começo a falar de carnaval eu quero voltar. Eu acho que o que eu mais sinto falta é o carnaval. Claro que eu sinto falta da família, dos amigos, de todo mundo, não é? Isso eu não tou colocando em planos. Mas o carnaval... ô meu deus, sei não. Enfim, meus projetos de ficar aqui não são muito alviçareiros, não. Ou seja, não tenho a pretensão de ficar aqui muito tempo, não. Tá dando em mim a mesma doença que deu no Roberto, eu acho. Tou ficando de saco cheio de tudo. É muito monótono! Eu quero excitação, eu quero alegri, eu quero ver neguinho na rua, entendeu, eu quero ver neguinho se esbarrando em todo mundo, quero ver neguinho brigando, escola de samba, se for o caso. Mas quero ver gente, entendeu? Aqui eu não vejo ninguém! Fico fechado nessa casa 24h por dia, nada de novo acontece! Por isso que eu não tenho nada pra contar, entendeu? Aí fico aqui tentando lembrar de história do tempo de antigamente, por que o quê que eu vou falar? Não tem nada, né, a cidade é pequena, é como Patrocínio. Talvez pior, porque em Patrocínio todo mundo dá conta da vida de todo mundo, né? Aqui eu não dou conta da vida de ninguém. Não sei nem o nome da mulher que mora aqui do lado. Não faço nem questão de saber também, não. Quero que ela vá... Quero que ela morra.

Enfim, como é que tão as coisas por aí? Morro de vontade de conversar com todo mundo, mas teria que fazer fita, assim, aos montes. Tou fazendo essa fita

generalizada pra todo mundo que quiser ouvir minha belíssima voz de soprano, mas minha vontade mesmo era mandar uma fita pra cada um, e contar diferentes histórias, entendeu? Mas não sei, não. De quê mais que eu vou falar? Tou aqui conversando e ao mesmo tempo trabalhando, fazendo um desenho que é um projeto de um dos quadros... Cês receberam as fotografias? Mandeí fotografias de todos os trabalhos... Todos não, alguns! E aí, gostaram? Sabe que vocês faz? Senta aí um dia todo mundo também, e faz uma fita que nem essa e me manda. Não é muito caro, não. Que seja caro, mas aí vocês fazem uma coleta e aí todo mundo senta aí e me faz uma fita! Aí eu posso ouvir a voz de todo mundo. Não é não? Eu acho legal a ideia, cês bem que podiam fazer o mesmo. Pode mandar pelo correio, porque aqui tudo chega. Não chegam minhas cartas aí, mas as cartas de vocês chegam legal. O país é muito organizado, aqui é tudo muito arrumado. O barulho que tá saindo aí na gravação é do lápis no papel, não é? Não posso evitar. Não tem como desenhar no ar, né? [suspiro] Pois é, gente, saudade. É isso que pinta, entendeu? É legal, é um barato, entendeu? Mas depois de um certo tempo enche o saco. Cês me perguntarem hoje o que eu quero na vida eu vou dizer logo: “eu quero um ticket pra voltar pro Brasil”. Tô triste não, não entra numa que eu tou triste, não. Não tou, não. Tou só com saudade. Tristeza é uma coisa que de repente pinta, que baixa... É, tem dia que bate um banzo, parece que eu vou morrer. Mas eu não tenho culhão pra aguentar esse tempo todo, muito tempo longe, entendeu? Não é bem saudade, é pior do que isso, é banzo, entendeu? É foda, gente. Eu tenho umas fitas aqui do Brasil, Caetano Veloso, Elis Regina, Simone... Pinta até Roberto Carlos, cê acredita? Coisa que eu não gosto. Quando eu ouço essas fitas e eu morro de vontade de chorar... Porque não sei não, sabe, aqui tem músicas belíssimas, tem gente ótima, tem gente fazendo um som fantástico, eu adoro música americana! Mas não é essa coisa que a gente aí, entendeu, de quando fala em amor, quando fala em amor e a prexeca dói. É diferente, entendeu? Eles falam de amor, mas amor é uma consequência de um conhecimento, entendeu? Aqui neguinho não ama, não. Neguinho simplesmente fica junto, entendeu? Não tem aquelas coisas de paixão, da bater o coração, das pernas ficar flácidas e você cair no chão, não. Tem essas coisas de romantismos nossos, essas coisas de latino, não. Infelizmente! Porque se

tivesse, seria perfeito. Com dinheiro no bolso e amor no coração, minha filha, você conquista o mundo, entendeu?

Quando eu falo a língua, eu falo a língua legal, entendeu? Não falo besteira, tem gente que abre a boca e só diz besteira, não é? Tem gente que abre a boca e só diz besteira, não é? E eu não abro a boca pra dizer besteira. Se eu não tenho o conhecimento de algum assunto, eu não interfiro só pra mostrar que eu conheço. Quer dizer, mudei um pouco meu comportamento em relação a uma porrada de coisas, principalmente com relação a saber ouvir, entendeu? Se não me perguntam, eu não digo; se me perguntam eu tenho uma opinião formada a respeito, e não acredito que vai ser fácil mudar. Mas não fico me metendo a besta, querendo agradar deus e o mundo só porque tou no país deles, tem essa não, entendeu? Sou brasileiro e tenho maior orgulho de ser brasileiro. Não fico paparicando gente louca, não, americano não. Não paparico, mesmo. E olho eles do mesmo jeito. Agora, é claro, há um certo respeito também, não é. Tou aqui vivendo às custas deles, comendo a comida deles, vivendo o direito deles, entendeu? Isso aqui é um pouco do emprestado que a vida me deu.

Bom, falando de carta, escrevi uma carta pra Dulce, né Dulce? Taí? Tá me ouvindo? Gracinha! Morro de saudade. E o Sérgio, como é que tá? Elaine, Welinton. A senhora é avó, né, mulher! Deu conta de ser avó. Sabe que às vezes... Bom, nessa carta que eu escrevi eu tava numa fossa, fodido! Lembrando das suas galinhadas, das suas comidas... Das galinhas ao molho pardo, os cremes, os sorvetes. Ah, tempo bom! Que não volta mais, né, dona Dulce! Ah, a gente vai fazer uma festa quando eu voltar, você vai ver. Fazer uma festa de dez dias, pra não acabar mais. E a Hilda, como é que anda? Penso muito nela, fico muito preocupado com tudo que aconteceu com ela. Fico preocupado mesmo. Porque sei que ela não tem muita estrutura pra aguentar as barras da vida, não é? Quer dizer, estrutura às vezes até que tem até demais, mas... Têm sido tão fortes as barras da vida. Fico preocupado, sim. A última notícia que tive dela é que ela tava muito doente. Espero que tenha ido a um médico, que esteja fazendo algum tratamento, não é? A vida não acaba quando acabam as pessoas, não. As pessoas vão, mas fica a lembrança, não é? Fica a saudade, eu sei. Mas fica um pouco da alegria de saber que teve a chance de conhecer, de estar junto. Tem que pensar nesse lado também. Enfim, não vou falar

de tristeza, não. Tem tantas coisas pra conversar, não é? Dona Amélia, como vai, Amélia? Olha, se você morasse nesse país, costurando do jeito que você costura... Tou meio que com fome, meio que apressado, porque vou ter que ir no supermercado fazer umas compras, e vou ter que dar início a uma pintura... Ou seja, vou ter que dar fundo numa tela pra começar a pintar na segunda-feira, porque é o tempo que eu tenho pra deixar ela secando é amanhã. Mas eu volto com outras novidades, né? Espero que eu possa gravar uma porrada de fita, aí cês cansam da minha voz e não me encham o saco por um bom tempo. Aí enquanto não me escrever, eu não sossego! Ou seja, enquanto não escrever de volta, eu não dou as caras de novo. Então, uma, uma. [corte]

ANEXO C — PAPA, César. [*Correspondência em cassete 2*]. Laguna Beach - Califórnia: 19 de agosto de 1997. 1 cassete sonoro. Transcrição.

[silencio] É dia, pera aí... Hoje é dia vinte, não, dezenove.[corte no áudio] Alô,alô, alô, alô gravando. Deixei um pouco meu trabalho na prancheta, sentar aqui perto do som, procurando um momento de mais recolhimento, de mais tranquilidade pra fazer essa segunda fita. Porque do tempo que eu fico desenhando e conversando, tudo bem... é legal eu consigo me distrair, mas acontece que sai tanto barulho, entendeu? é o papel mexendo, é o lápis no papel, é eu apontando o lápis. Mas agora eu resolvi mudar de lugar, tô aqui na sala sentado no chão, não é? Vou aproveitar e colocar uma música bonita pra ajudar a inspiração e assim, de repente poder terminar essas gravações que amanhã eu tenho que devolver o gravador e hoje é realmente o dia que me, que eu tenho livre, que não tem ninguém em casa então posso conversar mais a vontade, porque fico muito inibido quando ficam as pessoas aqui, entendeu, e eu conversando no gravador numa língua que eles não entendem.

Enfim, primeiro vamos à música, né. Essa música é de um filme que eu gostei muito, se chama “A room with a view” e eu comprei o disco, tá... o disco aqui quase furando

de tanto que eu ouço né. Espero que vocês gostem da música, enquanto a música toca eu vou buscar uma Coca-Cola e deixo vocês aí com o som depois a gente volta, não é? [música “O Mio Babbino Caro”] Não é um barato? Adoro essa música, acho de uma inspiração... Enfim, o filme é muito bonito também, gostei muito do filme, mas a música é fantástica, adoro... Essa mulher, faz muito sucesso atualmente, ela é uma cantora de ópera que tá aí sendo solicitada em todos os teatros do mundo. Enfim, fico meio, que abismado quando as pessoas vem a esse mundo e podem transmitir, né, a beleza de uma música, de uma poesia, de um canto, enfim. É...

Hoje tá um dia frio. Falta de assunto né, não tem nada pra conversar, conversar sobre o tempo, mas hoje tá um dia frio [gole no copo de Coca] o que me deixa um pouco assustado porque parece que o verão tá indo embora, infelizmente. Logo, logo, vai ser frio [funga] tá chato, detesto frio. Enfim, há pouco uns amigos do Rio me ligaram - Bete, Zé Maria e uma amiga que eu tenho, Ana Maria, e perguntaram como é que eu tava aqui e eu disse que não tava legal que achava esquisito ficar aqui muito tempo, mas que não ia embora porque não tem dinheiro pra pagar a passagem, não é, não tem dinheiro pra porra nenhuma. Entraram numa de mandar o dinheiro pra mim. Pode? Acho engraçado porque de repente se pintar essa grana eu vou embora mesmo, fico aqui não. To tendo culhão não, é muito monótono, minha vida é muito chata. Tá assim, meio que esperando, esperando, esperando, esperando, entendeu? Algumas pessoas com as quais eu converso aqui que de repente eu falo da minha, quase que, falta de paciência né. Eles dizem pra mim que nos Estados Unidos as coisas são muito devagar, que as coisas custam a acontecer, que eu tenho que ter paciência, entendeu? Esperar, esperar, esperar. Mas não sei, eu acho que se eu não tiver colocando alguma coisa adiante ou algum projeto andando, entendeu, eu não sinto bem não eu fico pensando que to aqui de inútil, entendeu? A vida é muito curta pra ficar passando o tempo assim. Deve ter alguma coisa pra fazer, eu disse a eles que eu vou sim, chego lá no Brasil eu arrumo emprego, qualquer trabalho, sei lá, eu posso fazer qualquer não é? Sei que tá difícil conseguir trabalho [gole no copo de Coca] mas se me querem de volta de repente vão me dar até casa, comida, né, santo de casa não faz milagre mesmo, cê precisa sair fora pra ter... sei lá. Acho engraçado essa vida. Fico aqui pensando cá com

meus botões o que que é isso, né. Tudo bem, foi um projeto que eu botei na minha cabeça, achei que fosse ser fantástico, entendeu? Que logo, logo no início quando eu chegasse aqui as pessoas iam se deslumbrar com meu trabalho, como de fato aconteceu. Eu até que tava ganhando dinheiro com a venda dos meus desenhos, mas de repente minou a mina, parou de jorrar água e eu tô me sentindo muito mal com isso, entendeu? Não é pelo dinheiro não. Faço muita questão de ter grana não, entendeu? Aprendi a conviver sem dinheiro. Não faço a menor questão de dinheiro mais. Não tenho mais ambição de comprar roupa, de comprar disco, de comprar isso, comprar, não tem nada, entendeu? Foi por isso que eu deixei minhas coisas, que eu vendi tudo, foi pra não ter essas aporrinhação mais na minha vida, largar um pouco esse lado material que era muito forte na minha cabeça. Mas enfim, viver sem dinheiro tudo bem, agora viver sem fazer porra nenhuma é muito estranho, entendeu, muito difícil. Minha cabeça dá nó, tem hora. Enfim, vocês devem estar de saco cheio, né, única coisa que eu faço durante o tempo que tô aqui é reclamar, reclamar, reclamar; falar, falar, falar, falar, e de bom mesmo não acontece nada né? [gole no copo de Coca] Sei que se eu tiver paciência, entendeu, se eu, se eu tolerar essa história de ficar aqui um dia até meio, algum dia pintar alguma pessoa que se interesse pelos trabalhos e comece a me dar algum valor. A tendência é acontecer mesmo, entendeu, a tendência é pintar aí um grande reconhecimento, sei lá, pelo esforço que eu tenho empregado, pelas horas de dedicação que tenho, [gole na Coca] não é, vivido, eu acho que vai pintar realmente alguma coisa, entendeu, mas eu não tô tendo saco pra esperar, não tô, não tô mais com saco pra esperar essas coisas acontecer, não. Tá muito, muito estranho na minha cabeça, muito estranho, acho que tô ficando louco. Pinta depressão, entendeu, quando meus amigos telefonam é uma merda porque em vez de melhorar piora, baixa uma depressão filha da puta. Não sei, gente, eu não sou uma pessoa de viver sozinha não. Sou, entendeu, gosto até de viver sozinho, mas não sou pessoa de ficar longe das pessoas que eu gosto não, entendeu? É muito difícil. Não sei não, acho que de repente essas fitas vão até ajudar... É uma maneira que eu tenho, de repente, de ouvir a mim mesmo, entendeu? Quando eu acabo de gravar eu boto as fitas pra ouvir, escutar, eu fico pensando será que eu não tô ficando louco mesmo, entendeu? O que que é isso de você viver uma vida [gole no copo de Coca] sem

muito feedback, não é? Ou seja, sem muito resultado concreto, não é. Eu sei que vai ser difícil, entendeu, caso pintar dinheiro pra mim ir embora, vai ser difícil convencer o Dirke que eu tô indo embora, porque tô meio aqui perdido com essa história toda mas ele acha que é a maior besteira que eu vou fazer na minha vida é voltar pro Brasil porque ele acredita realmente que aqui as coisas vão, vão pintar, entendeu? Mas quando, não é? Toda vez que a gente conversa a respeito disso eu tô sempre perguntando “quando?” “quando?”, entendeu? O que eu tinha que fazer eu já fiz. Tô com cerca de, deixa ver, um, dois, tenho mais ou menos vinte trabalhos prontos, entendeu, vinte trabalhos que me dá aí pra montar uma exposição, ou muito mais do que isso, uns trinta trabalhos prontos, não é? Se você fizer uma, uma seleção do que é melhor resta aí, sobra aí uns quinze bons, entendeu, o resto é trabalho também, entendeu, mas não tem o mesmo valor de outros que eu venho aprimorando, não é, dos últimos, por exemplo. Ontem mesmo [gole no copo de Coca] bom, se eu pudesse pegar esse trabalho e colocar numa galeria, acontecer como aconteceu em Brasília, entendeu, mesmo que eu não venda os trabalhos num preço legal, pelo menos eu tô mostrando, pelo menos as pessoas tão vendo, tudo bem, entendeu, tudo bem. Mas não vai ser aqui nos Estados Unidos que essas coisas vão acontecer assim não, entendeu, e eu não tô muito a fim de ficar esquentando minha paçoca não. A arte na vida é o seguinte, você tenta uma saída entendeu, e nessa você se dá bem, perfeito; você abre outras. Mas cê tentou uma, não é essa, tenta outra, não fica aí esperando, esperando, esperando que essa que não vai pintar mesmo, entendeu? Deixa num, deixa num lado de ser um pouco sonhador, entendeu? Enfim, c'est la vie, ahh. [gole no copo de Coca]

Mais... falar de que? [silêncio] Contar história engraçada? Acho que não faz sentido ficar contando piada numa fita não. Mas é que eu tenho que encher linguiça, porque essa fita tá simplesmente no começo, eu já tô sem assunto já, desde já, né, não sei como vai ser até terminar não e eu não vou abrir mão disso porque essa chance a gente não tem todo dia. De repente, cês não vão nem ouvir a fita, né, vai ver eu mesmo falando pessoalmente [trago], mas não sei quando é que eu tô indo embora não. Sei lá. Pessoal do Mobral tá louco porque o Mobral acabou de vez, ou seja, resumiu o quadro não é, só tem agora umas duzentas pessoas trabalhando lá. Foram transferidos pra Urca, um pessoal vai ficar lá até dezembro depois vai embora

pra Brasília ou sei lá, vai ter que arrumar um outro lugar pra, pra trabalhar. A vida deles tá uma loucura também, não é, se eu tivesse lá eu estaria vivendo as mesmas inquietudes, não é?! Bom, tá longe, é bom tá longe dessas coisas. [gole no copo de Coca] Bom não estar mais no Mobral, entendeu? E uma coisa, um ponto positivo porque não aguentava mais aquele trabalho muito tempo não. E quando eu vejo que as pessoas ainda tão vivendo os meus dramas que a gente viveu há um ano, dois anos atrás, fico meio com pena deles, coitados. É um terrorismo violento não é, mexe com a cabeça de todo mundo. E na realidade é uma coisa só, não é? Todo mundo querendo segurar o que tem com medo de perder, mas depois que você perde essa coisa que você abre mão disso, entendeu, você tenta outra, você vê que você não morre, não, entendeu!? Cê tem mil e uma saídas na vida, mil e uma, entendeu? Eu particularmente tenho muita sorte, me considero uma pessoa de muita sorte. As condições nas quais eu vivo hoje nos Estados Unidos dificilmente eu conseguiria viver em algum lugar do mundo, entendeu!? Ou seja, eu tenho uma casa legal, tenho um trabalho não é, pinta alguma grana, não pinta grana exarcebada, mas pinta alguma grana pra se virar. Tô realizando uma coisa que eu realmente propus a fazer que era pintar, entendeu? Aí vocês me perguntam “Pô, esse cara tem tudo e tá reclamando?! Que que ele quer da vida? Quer porra nenhuma mesmo, quer mais é reclamar”. Não é bem isso não. Quero trabalhar sim, quero pintar, quero desenhar, mas quero, por outro lado, estar fazendo alguma coisa útil, entendeu? Que seja as pinturas, mas que seja, que tenha aí um, um certo, sentido em pintar, entendeu?! Pintar por pintar não faz sentido. Pintar visando algum valor comercial, perfeito, é nessa que eu tô. Não me importo de fazer merda, entendeu, simplesmente pra, pra dizer que tem sentido, não importo de fazer merda não, posso até assinar com outro nome, entendeu, fazer coisa bem comercial e vender, igual neguinho gosta, entendeu! Não tem aqui nenhuma pretensão de ser um artista fantástico, famoso ou fabuloso. Tem sim uma certa responsabilidade com o trabalho que eu faço, não pinto pros outros, pinto pra mim. Não vou pintar o que neguinho gosta quando eu não gosto, entendeu!? Não vou também, de repente, achar que tudo que eu faço é bom. Mas não importo de trabalhar no escritório, não me importo de trabalhar lavando casa, não me importo de trabalhar limpando carro, não me importo de, trabalhar não me assusta, entendeu?! Mas saber que eu tô fazendo

alguma coisa pra mim mesmo é altamente primordial. O que não dá é fica aqui vivendo a custa dos outros, entendeu, trabalhando feito maluco e não ter nenhum reconhecimento por isso, entendeu, isso é que me aporrinha. Porque no Brasil as coisas são diferente com relação a galeria, não é, não é essa dificuldade de conseguir um projeto, um trabalho, entendeu, ou uma, uma galeria que se disponha a mostrar seus trabalhos. Existem certas facilidades que aqui você não conta. A menos que você seja o *crème de la crème*, não é, e eu não sou. Pode ser, pode ser que um dia eu venha a ter tudo isso e muito mais, entendeu, mas por enquanto... É um pouco que saco cheio, sim.

Mas enfim, Daniele, me lembro dos dias que eu tava aí, não é, de quando a gente tava, eu morei em Brasília a última vez aí ela, tão doce, tão meiga, me mostrava os dentes dela que andavam caindo né, hoje tá quase uma moça, imagino. Sabrina: Como é que tá todo mundo? Maristela. Fiquei muito feliz de saber que você foi eleita broto da cidade, que maravilha não é? Engraçada a vida. Poucos anos atrás era um bebê, hoje já é uma moça, não é, disputando concurso em cidade. [gole no copo de Coca] Mônica: Espero que você continue na ginástica, no balé, fazendo aquelas coisas todas que você fazia. Ginástica rítmica, é isso que você gosta, não é? Tanta gente pra lembrar, tanto nome que você sabe que me foge à cabeça? Marisa. Saudade, saudade. Clarissa. Letícia. Adorei as fotografias da Elba Ramalho, nunca vou esquecer. Mostrei pra todo mundo né, ficaram assim, admirados, saber que, afinal de contas quando eu falo de Elba Ramalho eu falo de uma expressão nacional não é, uma cantora de, de, de, de um grande potencial reconhecida não é. Aí eles ficam abismados porque aqui seria, por exemplo, cantar junto com uma Tina Turner ou uma Madonna, não é?! Se você for comparar, claro que não existe nenhum termo de comparação, Tina Turner e Madonna tem nada a ver com Elba, Elba Ramalho, mas em termos de popularidade é mais ou menos a mesma coisa, não é? Aí eles ficam assustados, entendeu, com isso. Acham uma maravilha. E de repente na nossa família tem os gênios também, não é. Muito engraçado.

Que mais que eu vou falar? [silêncio] Não sei gente, tô aqui que, catando assunto pra contar, não sei. Ah! eu quero, eu quero dizer uma coisa, a primeira fita que eu gravei depois que eu tava ouvindo, a fita tava com defeito aí minha voz tá um horror, um horror, tá uma coisa assim, começa a conversar legal, mas um UEON, UEON

[imita o som da fita] vocês morrem de rir, mas eu não vou gravar em cima não, vou deixar como é que tá mesmo porque aí fica um pouco engraçado. Quando eu me ouço, não é, falando, eu morro de rir porque eu não tenho muito o hábito de ouvir minha voz, né, só no gravador mesmo que a gente pode ouvir a voz e eu não tenho lá esses fanatismos entendeu, de ficar gravando coisa adoidado [suspira] e eu morro de rir, parece o Clodovil na televisão. Tão engraçado, né?

Cês ouviram a história do.. do.. do desastre que aconteceu nos Estados Unidos, que morreu gente pra caralho? Cento e sessenta e cinco pessoas, salvou uma garota, não é carma isso? Eu acho que é carma. Acho que de repente um desastre como, dessa natureza, que salva-se apenas uma pessoa, é porque neguinho tem que morrer mesmo. Não tem essa! Ninguém morre fora do tempo. Engraçado que tinha dois rapazes... Todo mundo... O avião tava se deslocando pra essa área aqui, seis milhões de pessoas aqui, de famílias... perderam pessoas né? Por isso que a coisa tá muito... em, em, em noticiário, nessas bandas aqui porque tem gente morrendo, o que morreu de gente pertencente a família desse pessoal aqui, dessa área, é uma loucura. Engraçado que tinha dois caras que vinham não é, no mesmo vôo, e na hora que eles iam pegar o avião o carro quebrou, e eles acabaram chegando tarde no aeroporto e não pegaram o avião, ou seja, não morreram graças ao carro que tinha quebrado, não é? Aí eu pergunto, não é mesmo carma? Se tem que acontecer, acontece mesmo né gente, é uma loucura. Mas enfim, é uma tristeza, uma tragédia... (gole no copo de Coca) As pessoas na televisão chorando... (mastiga o gelo) é um horror! Eu falo que eles não ligam muito pra família aqui, mas de repente tem uns que ligam sim, entendeu? Tem gente sofrendo pra caralho por causa dessa tragédia.

Deixa eu virar o disco aqui. (começa a virar o disco). Tem uns discos aqui da época, de antigamente de 37, 40, 42, 39. Olha são umas músicas antiquérrimas sulamericanas, né? Tem dias que eu passo horas a fio ouvindo esses discos e choro de rir porque é tudo música que a gente conheceu aí também, não é? Essa música deles é meio internacional mesmo. Mas, ah, essa mulher aqui, vou botar essa música pra vocês ouvirem. Essa mulher, eu fui a um show dela... ela é ótima! Mas nesse show, eu sentei numa cadeira lá e tava esperando o show começar, de repente veio um mundo de gente, não é, ou seja, um mundo de... guarda de

segurança, entendeu, e fecharam o corredor e eu não sei se era bomba. Vai ver que alguém aqui tá querendo matar outro. Que que tá acontecendo? Não é? Sentou ao meu lado, exatamente na cadeira do lado, cês não imagina quem. Stevie Wonder! Eu quase caí de costas. Tava ele e a mulher dele... Ele é cego, cês sabem, né? Coitado não me reconheceu, mas (música ensaia começar a tocar) aí perguntei a mulher dele, não é? “Você é mulher do Stevie Wonder?” ela falou “Sou.” Aí eu perguntei logo “Mas esse cara é fantástico, eu adoro ele”, não é? Ela falou “Você quer conhecer ele” “É claro que eu quero conhecer ele”. Aí ela me apresentou a ele, entendeu? Falou pra ele “Aqui tem um rapaz do Brasil, no show, e quer falar com você, quer conhecer você”. Aí eu falei pra ele “Como é que vai, Stevie Wonder?” ele falou “Muito bem!”, aí eu falei “Adoro suas músicas, adoro o som que você faz”, ele falou “Fico muito feliz, você é brasileiro...” eu disse que era. Aí ele falou assim “Ah, que sonho ir um dia ao Brasil, fazer um show lá.” Imagina, um dia, quem sabe, eu não vou ser o contato do Stevie Wonder, não é? Vai ver só que voz bonita que essa mulher tem. (música começa a tocar) Não é uma maravilha? Acho essa mulher fantástica! Não podia deixar de ser preta, não é? Esses negros americanos que cantam, é uma loucura. Mas enfim, essa mulher ficou rica com esse disco. O que vendeu, o que toca, o que... É isso aí, vida de americano, não é? Também, ela tá na estrada há muito tempo. Quatro anos que ela vem cantando, gravando disco. Gravou um que não foi lá essas coisas, mas com esse ela desbundou. Fazendo um sucesso incrível... A essas alturas dos acontecimentos, já deve estar preparando um outro disco, não é? Fazer mais grana ainda. Ah se eu tivesse uma voz! (bebe no copo com gelo) E uma prexeca né, é bom que se diga. Não me importaria de ser gorda e preta. Mas se eu fosse uma cantora... (bebe no copo com gelo) tava feito! Isso mesmo. Na próxima encarnação, eu quero nascer nos Estados Unidos, quero ser preta e gorda, ser cantora. (respira fundo) Fazer tudo que eu não fiz nessa vida. (bebe e mastiga gelo. outra música começa) Tô comendo gelo, pera aí. (pega mais gelo no copo e mastiga) Bom, esse gelo aqui é ótimo. Tem uma, uma... (mastiga) um tipo de uma água mineral, com sabor de boysenberry. Boysenberry não tem no Brasil não, é uma fruta. Aí eu faço gelo com essa água. Como gelo o dia todo, parece picolé. Mas dá um frio depois, menina. Uma coisa muito séria aqui é quando você toma sorvete, picolé, te dá um frio. Você não suporta. Às vezes eu tomo

sorvete e coloco o cobertor em cima. Engraçado, né? O negócio aqui quando é pra esfriar, esfria mesmo. É muito engraçado.

Mas enfim... parece que eu to indo embora mesmo, não é? Neguinho tá juntando dinheiro pra mandar pra mim, eu acho é ótimo! Chegar aí eu me viro, arrumo um outro trabalho. Acho que eu posso trabalhar de guia turístico, entendeu? Mostrar a cidade pros americanos. Ganhar dinheiro em dólar. Sei lá, preciso fazer qualquer coisa. Ao mesmo tempo pintar, continuar pintando, né, vou levar minhas coisas comigo. Talvez eu leve somente os desenhos, porque os trabalhos são muito grandes, não dá pra mim carregar. Mas enfim, hoje a noite vou ter uma conversa com Dirke, vou conversar a respeito. (fita é interrompida.)

Espero que esteja gravando o outro lado da fita, porque esse gravador é meio doido, eu não entendo. (pausa) Morrendo de curiosidade de testar primeiro, porque se não eu vou acabar perdendo o outro lado da fita. Que que eu faço? Ah, vou gravar. Se tiver perdido, depois eu gravo de cima de novo, faço uma doideira aqui. Bom, mas não é engraçado você ficar conversando sozinho? Eu acho... uma panacéia. (pausa) Que que eu tava falando? Não sei... Ah que hoje a noite, de repente, eu vou conversar com o Dirke, vou colocar as coisas a sério pra ele, porque, afinal de contas, é a pessoa que tem maior interesse que eu fique, afinal de contas, tá investindo grana em cima dos meus trabalhos pra ter um retorno, não é? Deixar o cara assim, na mão, é uma sacanagem, eu acho uma sacanagem, tem que conversar sério. Porque aí, conforme for o que ele tem a dizer, aí eu to de mala pronta já, fazendo as malas. (pausa, música tocando) Tô aqui. Fumando... Cabeí de beber a coca cola, não tem mais gelo pra, pra eu comer, não é? Sai um barulho horroroso na fita, né não? Deve morrer de rir. Mas enfim, deixa eu ver se eu esqueci alguém. (pausa) Esqueci não. Dá um abraço na Lúcia, Zinho. Enfim, na gentarada toda, não é? Luciana... Lílian, Deire. Abelardo. Fátima, namorado. Mário, Nilcio, enfim, todo mundo, não é? Não esqueci de ninguém não, eu acho. Cê pode fazer uma reunião aí, sentar todo mundo, e ninguém tem que vir reclamar porque eu lembrei de todo mundo. Eu acho. Esqueci alguém? Não esqueci ninguém não. Se eu não tiver citado o nome, não quer dizer com isso, que eu não tenha lembrado, entendeu? To aqui com a minha cabeça a mil, falando com mil pessoas ao mesmo tempo, não sei... Ah pera aí essa música é fantástica (se afastando do gravador

para aumentar a música) Essa... Essa música é bonita porque ela conta... Ela conta a respeito de um grande amor que ela teve e chama-se “Você me trouxe felicidade”. (canta com a música “You bring me joy”. Continua traduzindo) Você me traz felicidade quando estou de baixo astral. Tanta alegria! Quando eu me perco... seu amor... vem pra mim, vem sorrindo pra mim... então o que tenho a dizer... podemos andar por aí?... e você diz, OK. (termina a tradução. Pausa) É bonito! É bonito demais! (canta com a música de novo) Can we talk for a while? You say alright. When you love me I smile. (música) You bring me joy. You bring me joy. (canta indefinível e para de cantar). Ela diz nessa música “Você é a coisa mais incrível que eu vi em toda a minha vida”. E no final ela agradece, ela diz “Thank you, baby baby, thank you!” (canta) “My joy! My jooooooy! Yooooou!” Não é incrível? Com minha voz lindíssima de soprano. Quer dizer, uma dupla perfeita, eu e Anita Baker. Só assim pra eu fazer gravação. Quem disse que eu não canto com essa gente. Bote essas mulher no Ronaldão. (canta indefinível) Bota essas mulher todas se cantar comigo aqui, fico louco. Acho uma maravilha! Quando descobrir minha belíssima voz de soprano, como eu disse na outra fita, vão me contratar, não é? Não vai ter pra ninguém mais. Nem pra preta americana. “You bring me joy”. Não é? Ha ha! (Canta junto com a música intermitentemente) Vê que voz louca? Ela vai lá na puta que pariu com essa voz dela. (pausa e canta junto) Fico louco. (pausa e canta junto. Música chega ao final) Mas não canto? Uma maravilha? Se não fosse eu, essa mulher não seria nada. Se não fosse meu apoio aqui, não é? (outra música começa) É uma loucura. (começa a cantar junto) Presta atenção, vou fazer um dueto fantástico. Não é um barato? Não tenho uma voz de ouro? Eita ferro... Você devem tá morrendo de rir aí, né. Sentado todo mundo. Prestando atenção nessa minha... voz. Mas só dá eu e Anita Baker nesse mundo, mais ninguém. Nós somos o per... a dupla perfeita. Ela me telefonou ontem, dizendo que era pra mim encontrar com ela hoje em Beverly Hills, eu disse que não podia, que tava muito ocupado. Mas ela tá aí danadinha da vida, porque ela não tá fazendo sucesso, eu não to cantando junto com ela mais. Ela fica meio que triste, tadinha. Mas já dei pra ela o que ela tinha, o que ela merecia, entendeu, já fez um disco às minhas custas. Não tem mais que ficar, né, dando guarita pra todo mundo não. Cidadão quiser que se vire. Fico, afinal

de contas, eu aqui, gastando meus... né, os meus vocais com uma qualquer da vida. Gracinha.

Bom, deixa eu ver que mais eu posso cantar pra vocês. Cantar... é o meu forte, né? Tem nada pra fazer, aí fico cantando aqui e cês ficam ouvindo música bonita aí, não é? Deixa eu ver, esse disco aqui eu não conheço nenhuma música não, essa aqui eu não posso cantar, tem que cantar coisa que eu conheço. Deixa eu ver aqui se eu tenho... (mexe nos discos) É tão difícil encontrar um disco que eu conheço. Tudo disco estranho. Não, esse aqui também não tem não. Esse também não tem não. (mexendo nos discos) Esse também não tem não. (pausa. música ao fundo) Tô aqui olhando os discos, ver o que que eu posso gravar nesse, nessa fita... Nada. Nada. Só tem disco brasileiro, brasileiro cês não gostam, né? Cês nem entende brasileiro. Enfim... Acho que eu tinha que falar tudo que eu tinha que falar. Eu sei que depois daqui uma semana eu vou ficar lamentando que eu não tenho esse gravador mais comigo, que eu vou lembrar de mil coisas e não vou ter mais como gravar, mas enfim, fica essas fitas aí de lembrança. Não to mandando nada porque o Jan tá cheio de coisa pra carregar, disse que só levaria as fitas mesmo, entendeu? Pensava em comprar alguma besteira aqui e mandar pra vocês, mas enfim. Quem sabe quando eu for eu não carrego umas coisas comigo? E... no mais. Fico esperando que vocês me escrevam, que dê notícias de vida aqui, falem da vida de vocês, entendeu? Que, de repente, não é? Quem sabe eu não to chegando aí também muito breve? Acho que vai ser antes do Natal. Se for antes do Natal, faremos uma festa, como eu disse, de dez dias. (pausa)

Coisa engraçada... Meu tênis aqui tá se abrindo todo. Tou aqui tentando consertar meu tênis.

Deixa eu ver o quê mais... Deixa eu ver quanto ainda tem de fita, ainda tem uma porrada de fita pela frente! Acho uma tristeza não ter assunto pra contar. Não é? Deixa eu ver o que eu posso ainda encontrar pra falar. Ah. não tem mais nada pra falar, não. Tá monótono, já. Vou terminar essa fita por aqui, espero que cês gostem de tudo que eu disse, se não gostar, também, também, que se foda, entendeu? No mais, um beijo pra todo mundo, abraço, e me escrevam, caralhada! Me escrevam. Dá notícias! Deixa eu ver se tem mais algum aniversário pela frente, que eu já cumprimento logo, e não tenho que telefonar. Próximo aniversário pela frente é o da

Stela, sei lá dos meninos, que eu não lembro o aniversário de nenhum dos meninos, cês acreditam? Sei da Ana Paula, dia 9 de dezembro, sei de quem mais... Acho que nem é 9 de dezembro. Sei que é perto do Roberto e o Roberto é dia 8 de dezembro. Sei da Stela, que é em outubro. Meus parabéns, muitos anos de vida. Mas enfim, é isso que eu tinha que dizer, beijo em todos, tchau tchau.